

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
UNIFAL-MG**

THOMAS CARVALHO RIBEIRO

**Berenguela I de Castela na conquista de Córdoba em 1236:
A construção da imagem da rainha a partir das relações de gênero.**

Alfenas/MG

2018

THOMAS CARVALHO RIBEIRO

**Berenguela I de Castela na conquista de Córdoba, 1236:
A construção da imagem da rainha a partir das relações de gênero.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (PPGHI) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História Ibérica.

Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica

Orientador: Adailson José Rui.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas

Ribeiro, Thomas Carvalho.
R484b Berenguela I de Castela na conquista de Córdoba em 1236: a construção da imagem da rainha a partir das relações de gênero. / Thomas Carvalho Ribeiro – Alfenas/MG, 2018.
122f.: il. –

Orientador: Adailson José Rui.
Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, 2018.
Bibliografia.

1. Berenguela. 2. Primera Crónica General de España. 3. Fernando III. 4. Córdoba. 5. Gênero. I. Rui, Adailson José. II. Título.

CDD-946.902

THOMAS CARVALHO RIBEIRO

**“BERENGUELA I DE CASTELA NA CONQUISTA DE CÓRDOBA EM 1236: A
CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA RAINHA A PARTIR DAS RELAÇÕES DE
GÊNERO”.**

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a
Dissertação apresentada como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Mestre em
História Ibérica pela Universidade Federal de
Alfnas. Área de concentração: Ensino e
Pesquisa de História Ibérica

Aprovado em: 27/09/18

Prof. Dr. Adailson José Rui
Instituição: Universidade Federal de Alfnas
UNIFAL-MG

Assinatura:

Prof. Dr. Antonio Rafael Fernández Paradas
Instituição: Universidad de Granada - UGR

Assinatura:

Prof. Dr. André Luiz Sena Mariano
Instituição: Universidade Federal de Alfnas
UNIFAL-MG

Assinatura:

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha companheira, a Ms. em Química Orgânica Laís Regina dos Santos Folquitto que sempre esteve comigo em todos os momentos nesses últimos 7 anos. Uma verdadeira amiga, amante, parceira e companheira que fez dos momentos difíceis, momentos importantes de fortalecimento e aprendizado, sempre acreditando e me incentivando incondicionalmente.

Gostaria de agradecer, também, ao meu orientador, o Prof. Dr. Adaílson José Rui pela excelente orientação, auxílio e, principalmente, paciência durante todos esses anos em que sou seu orientando.

Aos integrantes da banca: o Prof. Dr. Antônio Fernández Paradas e o Prof. Dr. André Luis Sena Mariano, por aceitarem o convite, aonde serão importantes nas análises deste trabalho o que, tenho certeza, contribuirá para o meu crescimento como professor e pesquisador.

A Universidade Federal de Alfenas, em especial ao Instituto de Ciências Humanas e Letras, local aonde me formei, não apenas academicamente, mas política, profissional e pessoalmente, na qual as discussões sempre trouxeram reflexões pertinentes relacionadas ao papel das Ciências Humanas na sociedade brasileira.

A Prof. Dr. Marta Rovai que contribuiu muito para os ensinamentos relacionados a pesquisa e a análise do conceito de gênero, importantes desde a graduação, sendo muito importantes nesse trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da UNIFAL-MG que me proporcionou experiências enriquecedoras tanto dentro da sala de aula, com disciplinas pertinentes para a prática de pesquisa histórica, quanto em congressos e palestras em outras universidades. Vale ressaltar todos os professores que fazem, ou fizeram, parte do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica.

Ao Erick Wonderich Melo, vulgo Erick Trip, amigo que foi muito importante na construção da música Berenguela I de Castela, usada no objeto educacional, aonde acreditou no meu trabalho e fez o possível para que a canção tivesse o resultado que havíamos planejado.

Ao Cine7 filmes pela paciência, atenção e bom trabalho na realização do vídeo da música Berenguela I de Castela, compreendendo as motivações do material e se mostrando

aberto as necessidades de um objeto educacional que poderá auxiliar profissionais da educação na construção do conhecimento.

Aos meus pais, Dalva de Lourdes Carvalho Ribeiro e Luciano Marinho Ribeiro, pelo apoio.

Aos colegas de mestrado que contribuíram com discussões pertinentes e conversas descontraídas, seja dentro de sala de aula, em congressos ou em bares, a troca de conhecimento esteve sempre presente.

A Estado de Natureza, companheiros de som e de reflexões relacionadas aos nossos papéis na sociedade brasileira, tão desigual e injusta, aonde a música, como arte, tem o poder de transformar a educação e, conseqüentemente, a sociedade.

Por fim, vale lembrar também dos amigos da República dos Chorumes, da República Cocobongo e Ap.3 que, seja como morador ou agregado, também contribuíram para a minha formação até aqui, nesses 8 anos como morador de Alfenas.

Obrigado a todos.

RESUMO

Apresento aqui a dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação: Mestrado Profissional em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG, intitulado “*A construção da imagem da rainha Berenguela I na reconquista da cidade de Córdoba em 1236 segundo a Primera Crónica General de España a partir das relações de gênero*”.

Por meio da pesquisa apresento um estudo acerca do papel da rainha Berenguela I, de Leão e Castela (1180-1246), no fortalecimento político do governo de seu filho, Fernando III (1201-1252) em específico no período relativo a conquista de Córdoba, concluída em 1236. Para tanto, utilizo o conceito de gênero como uma das ferramentas para compreender as relações de gênero que estão evidenciadas na construção da imagem da rainha presentes na *Primera Crónica General de España*, obra elaborada por seu neto, Alfonso X, a partir de 1269.

Em conjunto, desenvolvi um objeto educacional que poderá ser utilizado por profissionais da educação com o intuito de disponibilizar opções didáticas e ferramentas, tendo a música como material lúdico, para auxiliar docentes no trabalho do período da Reconquista, mais precisamente na importância de Berenguela I no fortalecimento político do reino governado por seu filho Fernando III.

Por fim, gostaria de agradecer a FAPEMIG pelo apoio.

Palavras-chave: Berenguela; *Primera Crónica General de España*; Fernando III; Córdoba; Gênero.

ABSTRACT

I present here the master's thesis of the Iberian History course by the Federal University of Alfenas, UNIFAL-MG, entitled "The construction of the image of the queen Berenguela I in the reconquest of the city of Cordova in 1236 according to First General Chronicle of Spain from of gender relations".

Through the research I present a study about the role of queen Berenguela I, Leon and Castile (1180-1246), in the political strengthening of the government of her son, Fernando III (1201-1252) in specific period in the conquest of Cordoba, completed in 1236. For this purpose I use the concept of gender as a tool to understand the gender relations that are evidenced in the construction of the image of the queen present in the First General Chronicle of Spain, a work elaborated by her grandson, Alfonso X, from 1269.

From this research I present a study about the role of Queen Berenguela I, Leon and Castile (1180-1246), in the political enhancement of the rule of her son, Fernando III (1201-1252), specifically during Córdoba's conquest concluded in 1236. For this purpose, I use the gender concept as one of the tools to understand the enlightened gender relations in the construction of the queen image in the *Primera Crónica General de España*, a work created by her grandson, Alfonso X, in 1269.

It has also been developed an educational object which can be used by professionals in education in order to provide didactic options and tools, to assist teachers, through the ludic use of music, in the Reconquista's period, more precisely on the importance of Berenguela I in the political strengthening of Fernando III kingdom.

Finally, I would like to thank FAPEMIG for its support.

Key words: Berenguela, Primera Crónica General de España, Fernando III, Córdoba, Género.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A PRIMERA CRÓNICA GENERAL DE ESPAÑA: A CONSTRUÇÃO E O INTUITO DO DISCURSO	18
2.1	As diversas formas de análise de discurso: O que as construções textuais podem nos dizer?.....	18
2.2	Alfonso X (1252-1284): Um governo sob muitos conflitos.....	25
2.3	Alfonso X, o rei sábio: a historiografia alfosina e a construção da <i>Primera Crónica General de España</i>	30
2.4	<i>Representação, Imaginário e Gênero</i> :.....	38
3	ARTICULAÇÕES DE UMA RAINHA MEDIEVAL: BERENGUELA I E O FORTALECIMENTO POLÍTICO DO REINO DE CASTELA	46
3.1	O protagonismo de Berenguela I no fortalecimento político do governo de Fernando III: mãe, administradora e articuladora política.....	47
3.2	O imaginário medieval: A importância das representações na construção da imagem da mulher e do homem medieval.....	58
3.3	A imagem da rainha Berenguela segundo a <i>Primera Crónica General de España</i> : como a crônica a representa?.....	62
4	FERNANDO III: O REI CRISTÃO, O CONQUISTADOR CASTELHANO-LEONÊS E O SANTO CATÓLICO	66
4.1	Diplomacia, estratégias e redes de relações: A reconquista de Córdoba segundo a <i>Primera Crónica General de España</i>	66
4.2	A representação de Fernando III na <i>Primera Crónica General de España</i>	69
4.3	As relações de gênero e a construção da imagem dos sujeitos históricos: Comparações da imagem de Berenguela I com a imagem de Fernando III.....	71
5	A MÚSICA COMO OBJETO DE APRENDIZAGEM	76
5.1	Importância da música como objeto de aprendizagem.....	76
5.2	O objeto educacional que também pode ser uma ferramenta.....	78

5.3	O objeto educacional na prática.....	80
5.4	Apresentação do objeto educacional.....	82
	REFERÊNCIAS.....	100
	ANEXOS.....	104

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas analisa a imagem de Berenguela I (1180-1246), primeira filha de Alfonso VIII e Leonor Plantageneta nascida em Segóvia em junho de 1180, foi rainha consorte de Leão entre 1197 e 1204, quando foi esposa de Alfonso IX de Leão, primo direto de seu pai, Alfonso VIII de Castela, apesar de ter seu casamento aceito pelo papa Celestino III, este seria anulado sete anos mais tarde, em 1204, já que o papa Inocêncio III anulou o matrimônio por conta da consanguinidade dos noivos; foi regente de Castela entre 1214 e 1217 quando ficou com a tutela de seu irmão mais novo, Enrique I de Castela.

Foi rainha titular de Castela em 1217 quando abdicou o trono em favor de seu filho Fernando III (1201-1252), rei de Leão (1230-1252) e Castela (1217-1252), filho do casamento de Berenguela I com o rei de Leão, Alfonso IX. É considerado pela historiografia como um dos mais importantes monarcas do período da reconquista, responsável pela tomada de cidades como Córdoba e Sevilha. Foi canonizado pela Igreja Católica em 1671, sendo também conhecido como São Fernando III, o rei santo.

Fazendo uso dos métodos e práticas próprios da pesquisa científica em História, analiso os relatos presentes na *Primera Crônica General de España*, obra elaborada no século XIII a mando do rei Alfonso X, o Sábio, neto de Berenguela. Analiso os referidos relatos para compreender a maneira que esta rainha foi representada, uma vez que a ela é dado destaque semelhante ao atribuído ao rei Fernando III, seu filho. O protagonismo de Berenguela é expresso em diversos relatos. Conforme se verifica na crônica, ela desempenhou papel fundamental para o crescimento da força política dos reinos governados por Fernando III, seu filho, sendo importante conselheira e articuladora política até sua morte, em 1246.

Os relatos analisados da *Primera Crônica General de España* são referentes ao período em que Berenguela aparece como protagonista em ações e conflitos políticos que tiveram grande relevância para a centralização política do reino de Castela. Diante disso, delimitamos a pesquisa aos relatos que se estendem desde a morte de Enrique I, rei de Castela, vítima de um acidente que o levou a morte ainda muito jovem em 1217, até a conquista da cidade de Córdoba.

Tenho como meta analisar as relações de gênero presentes na fonte e no que discute à historiografia sobre ela, ou seja, por se tratar de uma mulher em um contexto medieval, aonde estava imersa em um cenário específico, pretendo compreender como as relações de gênero interferiram na construção da imagem da rainha Berenguela I de Castela presentes na *Primera*

Crónica General de España. As relações de gênero que estou pretendendo analisar está relacionada a construção da imagem feminina feita por homens, levando em consideração o tempo e o espaço em que estes personagens e os produtores da crônica estão inseridos, assim, podemos compreender como vilões, modelos, heróis são construídos e as relações de gênero, cada tempo e espaço com sua particularidade, fazem parte dessa construção.

O século XIII: Consolidação da supremacia cristã na Península Ibérica.

O século XIII é considerado pela historiografia sobre a Península Ibérica como o período no qual ocorreu a supremacia cristã sobre a islâmica. Tal situação ganhou impulso com a campanha de Las Navas de Tolosa, batalha ocorrida em 16 de julho de 1212 entre cristãos e muçulmanos. A supremacia cristã foi conseguida a partir de uma coligação das várias monarquias cristãs ibéricas (Navarra, Aragão, Portugal, Leão) e das forças provenientes das ordens militares de Santiago, Calatrava, Templários e Hospitalários liderada pelo rei Alfonso VIII de Castela cujo objetivo era enfrentar e derrotar os almóadas¹. Vale lembrar que esta batalha foi conduzida pelo pai de Berenguela I, fazendo assim com que tivesse contato com as adversidades que uma conquista de território pode oferecer, assim, Las Navas de Tolosa faz parte da formação política da rainha de Castela, já que a batalha aconteceu dois anos antes de se tornar regente de Castela e tutora de seu irmão Enrique I e cinco anos antes de Berenguela se tornar rainha titular de Castela em 1217².

Após vencerem essa batalha, as monarquias cristãs da Península passaram a organizar, com frequência, campanhas que visavam estender o domínio delas sobre as áreas muçulmanas. Esses governos tiveram tal atuação, impulsionados pelo poderio das armas, pelo desejo de ampliar a conquista de áreas ainda dominadas pelos mouros ao sul da Península e, também, como meio de impedir possíveis contra-ataques dos mesmos. Passadas algumas décadas da vitória cristã nas Navas de Tolosa, destacou-se a atuação de Fernando III, o Santo, rei de Castela de 1217 a 1252 e de Leão de 1230 a 1252, por sua contribuição para o projeto de reconquista, importante em termos de território e supremacia cristã frente aos muçulmanos da Península Ibérica, assim, o monarca castelhano-leonês, quando morreu, aos 51 anos,

1 Trata-se da quinta dinastia moura surgida no norte da África que tinha como meta incorporar a Península Ibérica aos seus domínios.

2 Sobre *Las Navas de Tolosa*, os estudos mais recentes são: GARCIA FITZ, Francisco. **Las Navas de Tolosa**. Barcelona: Artiel, 2008.

ALVIRA CABRER, Martin. **Las Navas de Tolosa, 1212: Idea, liturgia y memoria de la batalla**. Madrid: Silex, 2012.

deixou para seu sucessor apenas o reino de Granada, no sul da Península Ibérica, faltando para ser reconquistado.

Nas atuações desse rei, conforme relatadas na *Primera Crónica General de España*, crônica “que mandó componer Alfonso El sábio y se continuaba bajo Sancho IV en 1289”³, podemos verificar a presença da ideia de *reconquista*, conceito debatido pela historiografia, como sendo a *ideologia*⁴ que funcionava como uma das guias desse reinado, pois, em uma primeira leitura da crônica referida pode ser constatado que, vencer os mouros e ocupar os territórios que até então eram dominados por eles, era a missão e o dever dos monarcas cristãos ibéricos. Ser um bom rei era ser um rei com vitórias e ganho de terras para a cristandade. No caso específico para o reino de Castela. Isto nos fica claro ao observarmos as palavras atribuídas a Fernando III, em seu leito de morte, dirigidas a seu herdeiro, o futuro Alfonso X. Segundo a crônica:

Et dixol mas: “fijo, rico fincas de tierra et de muchos buenos vasallos, mas que rey que en la cristiandat ssea; punna en fazer bien et ser bueno, ca bien as con que” Et dixol mas: “ Ssennor te dexo de toda la tierra de la mar açã, que los moros del Rey Rodrigo de Espanna ganado ouieron; et en tu sennorio finca toda: la vna conquerida, la outra tributada. Sy la en este estado en que te la yo dexo la sopieres guardar, eres tan Rey commo yo; et sy ganares por ti mas, eres meior que yo, et si desto menguas, non eres tan Bueno commo yo” (PCG, 1955. p. 772-773)

Como mencionado, Fernando III foi um rei conquistador. Dentre tais conquistas, conquistou Córdoba em 1236. Tal feito não ocorreu diretamente pela força, mais sim por um processo que poderíamos denominar de diplomático; embora, sem dúvida tal diplomacia tenha sido conseguida mediante o temor dos muçulmanos diante do poderio do monarca cristão.

Enquanto Fernando III contava com as forças de ordens militares e de Castela e Leão, o rei de Córdoba contava somente com os súditos da sua taifa. Há muito, a cidade havia perdido o poderio dos tempos em que era sede do Califado. Em síntese, a reconquista de Córdoba foi pacífica. Fernando III estabeleceu um acordo com o rei Ibn al-Ahmar, segundo o qual o referido rei mouro pagaria tributos a Fernando III por seis anos, para depois, passado esse tempo, entregá-la. No final do prazo estabelecido, Fernando III entrou na cidade, respeitando a vida e a liberdade dos seus habitantes. Como demonstração do seu domínio sobre ela, colocou a cruz e o pendão real no palácio que outrora havia pertencido ao califa

³ Utilizo neste trabalho a edição de 1955, publicada por Ramón Menéndez Pidal.

⁴ A historiografia que debate o conceito de reconquista, utiliza o conceito de ideologia de maneira muito enfática, colocando esta como falseamento da realidade.

Abd al Rhaman III, purificou a mesquita e a transformou em igreja dedicada à Santa Maria Mãe de Deus. Por essas características, a reconquista de Córdoba é um dos exemplos das diferentes estratégias de conquista adotadas pelos monarcas cristãos no intuito de expandir os seus domínios sobre os territórios dominados e ocupados pelos muçulmanos na Península⁵.

Uma conquista marcada pelas várias investidas e estratégias até a tomada da cidade de Córdoba que, primeiro, foi conquistada e depois, foi ocupada pela população cristão, inclusive por Fernando III, como segue neste trecho abaixo:

(...) Depues que este rey don Fernando torno a la frontera depues de la muerte de don Aluar Perez et fue llegado a Cordoua, segunt departido es por las razones dichas, començo este rey don Fernando de asesegurar at de poblar su uilla muy bien et de estar y de morada fitamiente - (...) (PCG, 1955, p. 740)

Debater esse período da história Ibérica nos remete ao contexto da reconquista, ou seja, período em que os cristãos se organizaram para expulsar os muçulmanos que ocupavam e controlavam a região, mas esse sentimento de perder algo para poder reconquistar era presente nos ibéricos cristãos? Sobre isso Adeline Rucquoi nos informa:

A guerra contra o infiel, a reconquista, que se torna uma guerra santa igualmente dos fins do século XI, é uma realidade e tem uma história. Mas foi igualmente um mito em que se baseou a justificação do poder dos reis e tem uma função unificadora. Para além das diferenças e das rivalidades, das guerras entre Portugal e Castela, entre Castela e Aragão ou Navarra, para além ainda da flutuação das relações de uns e outros com o reino de Granada, todos os cristãos do Norte da península se identificavam na luta contra o Islã, participando de um mesmo “projecto” militar, religioso e económico, projecto “existencial” que se tornou “essencial”. A reconquista, mito e realidade, fundaram assim ao mesmo tempo um conceito de poder e uma prática deste, uma hierarquização da sociedade em função de critérios militares, a organização de um espaço que não era fechado, e uma visão específica das relações entre o cristão e o seu Criador, que colocava a Igreja numa situação de sujeição ao poder civil. (RUCQUOI, 1995, p. 216)

Podemos compreender que a reconquista foi um projeto de unificação para a investida de uma luta contra o infiel, além de um projeto identitário para legitimar a luta contra os muçulmanos⁶. Assim, mesmo que os reinos cristãos estivessem fragmentados estes tinham o

5 Tradicionalmente quando se menciona campanhas da Reconquista se tem como explícita a existência de conflitos armados. A reconquista de Córdoba é um exemplo do avanço cristão mediante a esforços que poderíamos chamar de “diplomáticos”.

6 Sobre a temática Reconquista veja: RIOS SALOMA, Martins F. La Reconquista: una construccion historiográfica (siglos XVI-XIX). **Históricas Digital**. Ciudad del México: Marcial Pons Ediciones de Historia, 2011.

objetivo em comum de expulsar o “infiel” do território, mesmo que o discurso da reconquista tenha que ser construído para legitimar a expulsão dos muçulmanos. Por conta disso, o conceito de reconquista foi, e continua sendo, debatido pela historiografia especializada, tendo várias perspectivas para explicar a sua criação e utilização.

Julio Valdeon Baroque, em 2006, publicou a obra *La Reconquista el concepto de España: unidad y diversidad*, na qual apresenta, de maneira mais geral, todo o processo de reconquista, aonde utiliza temas como a chegada dos godos na Península Ibérica no século V, a perda desse território para os muçulmanos no século VIII e o processo de resistência e posterior reconquista iniciada pelos cristãos do norte peninsular, a partir daí até chegar ao fim do domínio dos muçulmanos sob terras ibéricas no final do século XV. Segundo Baroque:

Una vez presentadas las principales líneas de la evolución histórica de las tierra hispanas, caracterizadas en el transcurso de los siglos XI al XII por el extraordinario avance territorial de los cristianos del Norte, resulta oportuno que hagamos algunas someras observaciones a propósito del concepto que existía en aquellos siglos del termino “España”, palabra que procedía, como ya vimos “Hispania” de origen latino. Por de pronto, es muy frecuente encontrar en la crónicas de aquella época expresiones tan significativas como las de *reges Hispaniae*, es decir, “reyes de España”, o también *reges vel principes Hispaniae*, es decir, “reyes o príncipes de España”. Pero la España cristiana no estaba en aquellos tiempos ni mucho menos unificada, pues contaba con un variado mosaico de núcleos políticos, desde el reino de Galicia, situado en la zona noroccidental, hasta el condado de Barcelona, que se hallaba al Este, próximo al mar Mediterráneo, pasando por los reinos León, Castilla, Navarra y Aragón. Sin embargo, esta diversidad no impedía que todos pensarán en la posibilidad de una futura unificación de los reinos cristianos de la península Ibérica. Así pues, el concepto de España se proyectaba sobre el pasado visigodo, pero a la vez se pensaba en un futuro de unidad, cuando los diferentes números políticos cristianos se juntaran. Esto explica que en los textos de aquellos siglos se empleara, como término de indudable proyección colectiva, la expresión “España”. (BARUQUE, 2006, p. 132-133)

Carlos Roberto F. Nogueira e Manuel González Jiménez também debatem sobre o conceito de reconquista, aonde concordam entre si e com a ideia de uma “Ideologia da Reconquista”, aonde defendem que a ideia de reconquista foi construída e estava solidamente assentada e até era conhecida pelos muçulmanos. Constata também que tal ideologia foi uma criação elaborada no período que se estende do século X ao XI. Tinha como propósito sustentar e legitimar o avanço cristão sobre as terras dominadas pelos muçulmanos na Península Ibérica. A diferença entre eles está na motivação da guerra: o primeiro autor não atribui todo o processo de Reconquista a uma guerra santa, mas sim, aponta razões políticas (NOGUEIRA, 2001, p. 285; 288); já o segundo autor, traz mais detalhes de toda formação nas

produções, em que a Igreja contribui, atribuindo sentido a uma guerra santa, no século XI (JIMÉNEZ, 2002, p. 165).

Assim, permeava no mundo cristão, que a Península Ibérica vivia em um período de cruzada, já que a reconquista teve esse status⁷. Isso fazia com que os reis cristãos peninsulares tivessem durante o seu reinado um projeto de reconquista, conforme as crônicas, isso fica mais evidente a partir do século XI. A ideia de *Reconquista* foi criada para legitimar o avanço dos reinos cristãos sobre as terras dominadas por muçulmanos, se faz presente nas crônicas, principalmente, nos relatos em que os reinos ibéricos se colocam como herdeiros dos Godos. Com isso, criaram uma forma de justificar e legitimar a sua empresa guerreira contra os muçulmanos pois o território peninsular já os pertencia. Essa ideia tornava fazia com que a guerra fosse justa e até mesmo santa⁸.

Fernando III, por sua vez, também levou esse projeto consigo, tanto que, durante seu reinado, reconquistou várias cidades (inclusive Córdoba e Sevilha), restando apenas o reino de Granada, que prestou vassalagem a Castela (DIEHL, 2008, p. 33).

A guerra na Península ibérica, como expressão de cruzada, ganhou ênfase com os preparativos e com a efetivação do combate entre os reinos cristãos contra as forças almohadas que ficou conhecido como *Las Navas de Tolosa*, ocorrida em 1212, tendo como líder cristão o rei Alfonso VIII, avô materno de Fernando III. Essa batalha teve grande repercussão entre os contemporâneos por conta da participação de cristãos de várias regiões do ocidente, congregando a ideia de reconquista e de cruzada num único propósito. Isso pode ser percebido na bula de cruzada concedida por Inocêncio III a Alfonso VIII (FONTES, 2011, p. 217).

Fernando III assumiu o trono cinco anos depois da batalha de *Las Navas de Tolosa* e desejava continuar o projeto de reconquista, mas primeiro, precisava resolver problemas na política interna de seu governo, além de conflitos com outros reinos cristãos ibéricos. Nessa etapa destaca-se o papel desempenhado por sua mãe, Berenguela de Castela. A atuação dela será relevante nas campanhas guerreiras de seu filho, pois fez acordos com estratégias políticas que contribuíram para o fortalecimento político do reino governado por seu filho desde a abdicação do trono em favor de Fernando III, até as negociações com a nobreza

7 Derek Lomax entende a noção de cruzada em seu sentido estrito, legalista, como uma proclamação papal outorgadora de privilégios e indulgências; enfim, de recompensas materiais e espirituais pela luta cristã, que não seria mera batalha militar. (FONTES, 2011, p. 29)

8 Sobre o desenvolvimento da ideia de guerra santa entre os cristãos veja: FLORI, Jean. **Guerra Santa: formação da ideia de cruzada no Ocidente Cristão**. Campinas: UNICAMP, 2013.

castelhana e para a unificação de Leão e Castela, além de estar presente na vida pessoal do monarca, estreitando, via política de casamento, novos laços políticos.

Com a meta de apresentar a imagem desenvolvida sobre a rainha Berenguela presente na *Primera Crónica General de España*, no primeiro capítulo da presente dissertação tratamos de questões relacionadas a produção da *Primera Crónica General de España*, crônica composta a partir de relatos provenientes da Bíblia, de crônicas, cantigas populares, jograis, histórias muçulmanas, entre outras fontes, elaborada na corte de Alfonso X, o “sábio”, monarca castelhano-leonês entre 1252 e 1284, filho de Fernando III. A referida obra foi iniciada em 1269 e concluída no reinado de Sancho IV, filho de Alfonso X, em 1289. Nela, seguindo a ideia de história que se tinha na época, é relatado a história da Hispania, colocando o reino de Castela como centro. Foi escrita em língua vulgar. Esta crônica produzida na segunda metade do século XIII é a fonte primária para as análises que apresentaremos. Para tanto, levamos em consideração o papel da crônica como documento de pesquisa para o historiador, devido a isso verificaremos o contexto em que foi construída e em qual projeto de Alfonso X, ela estava inserida. Para isso, foi preciso analisar obras relacionadas a produção textual de discursos, análises já existentes da *Primeira Crónica General de España* e a historiografia produzida sobre o período da elaboração da crônica, ou seja, os reinados de Alfonso X e Sancho IV.

Verificamos na leitura da *Primeira Crónica General de España* que ela apresenta aquilo que se considerava como sendo a história da “Hispania”. Se estende desde as origens, baseado no surgimento do homem a partir da perspectiva cristã, até a morte de Fernando III ocorrida em 1252. O texto apresenta algumas novidades para a produção da época, primeiramente, como já mencionamos, ela foi escrita em língua vulgar, ou seja, podendo alcançar um público mais amplo que não dominava o latim, exclusividade dos clérigos, com isso também estava presente a ideia e intenção de por meio da narrativa da história colocar os reinos cristãos da Península Ibérica como parte de uma “Hispania” e da cristandade. A crônica é dividida em duas partes: a primeira, é referente ao período que vai do início da presença humana na Península até a invasão muçulmana no século VIII; e a segunda, se estende do processo de formação do reino de Astúrias, por meio da atuação do líder godo Pelayo, até o período de Fernando III (1252), tendo duas versões, a oficial e a vulgar.

A partir da *Primera Crónica General de España*, a produção de crônicas se ascende, ganhando cada vez mais força, principalmente, em relação à linguística, fundamental para a formação, do que seria mais tarde, um *Estado-nação*, pois foi escrita em língua vulgar, na tentativa de unificar a cultura “nacional”. Deve-se existir total cautela ao se usar os termos

Estado-nação e cultura nacional no contexto europeu do século XIII, pois são movimentos e denominações que aconteceriam séculos mais tarde, porém, alguns conceitos relacionados à tentativa de criação de uma identidade nacional são usados por vários autores da historiografia⁹. Talvez, o fato de sua produção ser em língua vulgar, explique a utilização desses conceitos, levando em consideração que a língua é um dos fatores principais para a unificação de determinada sociedade na formação de uma identidade, discussão que estará presente em determinado momento do primeiro capítulo. Como afirma Krus:

Uma das grandes inovações introduzidas na Crônica foi a de se encontrar escrita em língua vulgar, tal indicando que foi pensada para um auditório que em muito ultrapassava o restrito círculo dos clérigos letrados conhecedores do latim. (KRUS, 1989, p. 7)

Ainda no primeiro capítulo, me atentarei na discussão acerca dos conceitos de *gênero*, *representação* e *imaginário*. Conceitos que são o aporte teórico para as análises, ao qual utilizarei para responder a principal questão: A imagem da rainha Berenguela na *Primera Crónica General* é influenciada pelas relações de gênero? Assim, independente da resposta, teremos que traçar um caminho para entendermos o resultado ao qual julgo que passa necessariamente por esses três conceitos. Como são conceitos amplos, utilizarei algumas perspectivas que cabem a pesquisa que estamos realizando, ao qual explicarei, no momento adequado, qual a relação destes conceitos com a *Primera Crónica General de España*.

O conceito de gênero, termo debatido em diversas plataformas, desde os grandes meios de comunicação até a internet, este último, um local mais democrático para a exposição de alguma opinião, o que gera bastante confusão em relação ao seu significado, por isso o interesse no estudo desse conceito. Como professor do Ensino Básico Brasileiro, tenho que saber o máximo possível para evitar confusões, simplismos e generalizações já que o conceito está na pauta do cotidiano. Obviamente, como este trabalho faz parte de uma pesquisa de caráter científico, utilizei autores que discutem o conceito de *gênero* dentro da comunidade acadêmica.

A historiografia já produziu alguns trabalhos sobre a rainha Berenguela I, que são utilizados aqui, para contribuir no contexto em que vou analisar a importância da referida rainha na construção da força castelhana, dos processos políticos e das questões testamentais que não aparecem na *Primera Crónica General*, por estarem presentes em outros escritos e

⁹ Autores como Ron Barkai, Francisco Márquez Villanueva, Carmen Oscástegui e Esteban Sarasa, são alguns exemplos de historiadores que trabalham essa questão.

crônicas do período. A biografia da rainha, lançada em 2012, intitulada *Berenguela la grande y su época (1180-1246)*, de H. Salvador Martínez, trata desde sua infância até a sua morte, trabalhando com várias crônicas e textos, escritos tanto no período em que ela viveu, quanto obras produzidas em períodos posteriores, como a *Primera Crónica General*. Com a ajuda dessa e outras obras, trabalhei com a personagem Berenguela. Os conceitos que estarão norteando a pesquisa entrarão a medida que as análises se tornarem necessárias, como a pergunta que estou fazendo para a fonte.

No terceiro capítulo, analisei o desfecho e a explicação do que encontrei a partir das perguntas que fiz para a crônica. Apresento também resultados referentes ao estudo da forma como Fernando III é apresentado. Por esse meio visei analisar as relações de gênero, pois com o estudo desses dois “personagens” é possível termos referências do imaginário criado e apresentado sobre o masculino e o feminino em Castela do século XIII. Isso foi possível, pois a crônica apresenta a imagem de Fernando III, como de cristão, santo, filho, marido, pai e rei. Esse estudo nos permitiu fazer um comparativo com a imagem de Berenguela, o que nos auxiliaria para compreender melhor a elaboração dos discursos, a construção de imagens e a intenção para cada uma delas. Toda essa análise está acompanhada dos relatos sobre conquista de Córdoba efetuada por Fernando III. Com isso, utilizo a crônica para evidenciar como nela é relatado as estratégias e redes de relações que Fernando III utilizou para a reconquista de Córdoba e os fatores decisivos que contribuíram para o sucesso da investida castelhana.

No quarto e último capítulo, apresento o objeto educacional e o que pretendo fazer após a conclusão do curso e sua relação com a pesquisa que realizei, já que este é uma das principais preocupações do programa de mestrado em História Ibérica. Assim, explicarei e justificarei o objeto educacional que construí e continuarei construindo, não que ele esteja incompleto, pelo contrário, no capítulo em questão deixarei claro o porquê de sua continuidade e o que me motivou a fazer da maneira que estou desenvolvendo.

2 A PRIMERA CRÓNICA GENERAL DE ESPAÑA: A CONSTRUÇÃO E O INTUITO DO DISCURSO

Toda obra tem suas motivações para serem criadas, independente da área em que determinado trabalho está sendo feito, as intenções de uma obra existem, independentemente de seu tempo ou espaço, ou seja, perguntas são fundamentais para podermos fazer as análises necessárias. Quais eram as intenções de quem a produziu? Quem era o público-alvo? Qual era o contexto histórico em que a obra foi construída? Esta é uma obra isolada ou faz parte de um projeto? Essas questões são importantes para compreendermos o que rodeia a *Primera Crónica General de España* sendo necessário para entendermos como foi construído a imagem de Berenguela I e Fernando III.

Este capítulo trata apenas da crônica e de alguns elementos que norteiam a sua produção, desde as possíveis intenções do rei Alfonso X para iniciar a *Primera Cronica General de España*, com seus outros projetos ligados ao conhecimento cultural, como poemas, traduções, cânticos, etc., até o seu conturbado governo, fatores esses, que influenciaram na construção da crônica e que são importantes para compreendermos suas motivações. Também apresento os conceitos que utilizo como aporte teórico, essenciais para as análises que serão apresentadas.

2.1 As diversas formas de análise de discurso: O que as construções textuais podem nos dizer?

Ao analisar o processo de reconquista da cidade de Córdoba a partir da *Primera Crónica General de España*, não pude deixar de lado a relação da crônica como documento para a História, importantes para os métodos de pesquisa próprios da ciência histórica. Sendo a fonte uma crônica, alguns questionamentos são indispensáveis.

A *Primera Crónica General de España* foi elaborada a pedido de Alfonso X, o sábio rei de Castela de 1252 a 1284, quando faleceu. Foi elaborada a partir de 1269 e concluída no reinado de Sancho IV (1284-1295). Nela se propõe apresentar a história de toda a “Hispania”, desde sua criação, na antiguidade, até o reinado de Fernando III, o santo, pai de Alfonso X. A obra traz elementos da mitologia greco-romana, e personagens bíblicos, recorrendo a escritos de Lucas de Tuy e Rodrigo Ximenez de Rada em favor de uma visão mais integrada e mais científica dos povos que viviam na Espanha (VILLANUEVA, 2004, p. 147).

Para compreender como a *Primera Crónica General* trata a rainha Berenguela I, temos que atentar para a construção da fonte: por que Alfonso X iniciou a produção de uma crônica que contaria toda a história da “Hispania”? Para quem a produziu? Teria o “rei sábio” um projeto político? Quais as intenções deste ao produzir uma crônica em língua vulgar? São questões que devem ser respondidas antes de fazer qualquer análise sobre a representação da rainha Berenguela I e do rei Fernando III na reconquista da cidade de Córdoba.

A *Primera Crónica General* foi a tentativa de se fazer uma história global que inserisse toda a Espanha em uma história universal que, apesar de ter Castela e Leão como eixo principal, pretendia apresentar uma história de âmbito cultural mais amplo, sendo a “Espanha” formada por todos os reinos cristãos (NOGUEIRA, 2001, p. 292). Para tanto, foram buscados testemunhos que relatassem os fatos importantes da Espanha, na qual se propunha explicar a origem da Espanha e dos espanhóis, como explica a crônica em seu prólogo.

Et esto fiziemos por que fuesse sabudo et comienço de los espannoles, et de quales yentes fuera Espanna maltrecha; et que sopiessen las batallas que Hercoles de Grecia fizo contra los espannoles, et las mortandades que los romanos fizieron otrossi los vbandalos et los silingos et los alanos et los sueuos que los aduxieron a seer pocos; et por mostrar la nobleza de los godos et como fueron uniendo de tierra en tierra, uenciendo muchas batallas et conquiriendo muchas tierras, fasta que llegaron a Espanna, et echaron ende a todas las outras yentes, et fueron ellos sennores della; et como por el desacuerdo que ouieron los godos com so sennor el rey Rodrigo et por la traycion que urdio el conde do Yllan et ell arçobispo Oppa, passaron los dAffrica et ganaron todo lo mas dEspanna; et como fueron los cristianos despues cobrando la tierra; et del danno que uino em ella por partir los regnos, por que se non pudo cobrar tan ayna; et despues cuemo la ayunto Dios, et por quales maneras et en qual tiempo, et quales reyes ganaron la tierra fasta en el mar Meditarreneo; et que obras fizo cada uno, assi cuemo uinieron unos empos outros fastal nuestro tiempo. (PCG, 1955, p. 4)¹⁰

Conforme o prólogo da obra, foram utilizados como fontes para sua elaboração textos latinos e cristãos, poemas épicos (cantares e romances) e crônicas (cristãs, moçárabes e muçulmanas), tendo como inspiração direta a crônica da *De hebus Hispanie* de Rodrigo Ximenez de Rada. Como vemos neste trecho no prólogo da *Primera Crónica General de España*:

E por end Nos don Alfonsso, por la gracia de Dios rey de Castiella, de Toledo, de Leon, de Gallizia, de Seuilla, de Cordoua, de Murxia, de Jahen et dell Algarue, ffijo del muy noble rey don Ffernando et de la reyna donna

¹⁰ Por conta da grande produção de Alfonso X durante o seu reinado, que contém cantigas, crônicas e traduções, referenciarei a *Primera Crónica General de España* por PCG.

Beatriz, mandamos ayuntar quantos libros pudimos auer de istorias en que alguna cosa contassende los fechos dEspanna, et tomamos de la cronica dell Arçobispo don Rodrigo que fizo por mandado del rey don Ffernando nuestro padre, et de la de Maestre Luchas, Obispo de Tuy, et de Paulo Orosio, et del Lucano, et de sant Esidoro el mancebo, et de Idacio Obispo de Gallizia, et de Sulpicio Obispo de Gasconna, et de los outros escriptos de los Concilios de Toledo et de don Jordan, chaceller del sancto palacio, et de Claudio Tholomeo, que departio del cerco de la tierra meior que outro sabio fasta la su sazón, et de Dion que escriuio uerdadera la estoria de los godos, et de Pompeyo Trogo, et dotras estorias de Roma las que pudimos auer que contassen algunas cosas del fecho dEspanna, ete compusiemos este libro de todos los fechos que fallar se pudieron della, desde el tiempo de Noe fasta este nuestro. (PCG, 1955, p. 4)

No trecho acima, a obra se mostra preocupada em explicitar todas as obras que são usadas para falar de todos os feitos da Espanha, desde o tempo de Noé até o período em que ela está sendo produzida, aonde são referenciados quais autores “contam as histórias” que, aparentemente, são as mais relevantes, como, por exemplo, a “verdadeira história dos Godos”. O prólogo já nos apresenta de quem são os textos compilados que formam a *Primera Crónica General*, assim em cada período representado é de um autor diferente, ou seja, são escritos de períodos diferentes o que interfere na interpretação destes pois dependendo do tempo e espaço em que o texto foi escrito, a forma de representação se altera, pois faz parte da historicidade do autor.

A *Primera Cronica General de España*, como obra, fruto das necessidades de seu tempo, é um documento que teve determinadas intenções e quando historiadores, com uma perspectiva de mundo totalmente diferente dos sujeitos históricos contemporâneos a produção da crônica, analisam o documento, vários cuidados devem ser tomados para não fazer julgamentos da fonte ou reproduzir o que este diz como se o discurso do documento fosse a expressão fidedigna da realidade, por isso a importância de analisar a natureza da fonte, para assim, entender suas intenções.

Ao tratar sobre fontes históricas, Jacques Le Goff trabalha com a perspectiva do documento como monumento¹¹, isto é, sendo este entendido enquanto produto da sociedade que o fabricou e segundo as relações de forças que nela se davam (LE GOFF, 1990, p. 545). Assim, cabe ao historiador escolher o documento e torná-lo importante para o entendimento de uma época, como monumento, ou seja, cabe a ele formular questões acerca da produção da fonte: Quais as condições históricas dessa produção? Quais as intenções do produtor? Quem era o público-alvo? Ao se produzir a crônica, tinha-se a intencionalidade de fazer dela uma

11 “Monumento: (...) Qualquer obra intelectual ou material que pelo seu alto valor passa à posteridade. (...)”. Disponível em <http://www.dicio.com.br/monumento/>.> Acesso em 03 nov. 2017.

obra para a posterioridade ou estes que construíram a crônica acreditavam, de fato na identificação de seu povo com antepassados bíblicos e Godos? Ou pode-se considerar as duas hipóteses juntas? Quais as relações de poder que cercaram a produção e o produto? A crônica deixa evidências de discurso que reproduz as relações de gênero do período? Independente da resposta, como? Como a figura feminina é entendida na crônica, inserida numa sociedade cristã e marcada por valores masculinos de honra e coragem? São perguntas pertinentes que fiz a fonte, na qual pretendo responder durante este trabalho.

Análise de documentos como a *Primera Crónica General de España*, deve estar acompanhada de aportes teóricos que serão ferramentas para podermos chegar aos resultados de nossas questões, por isso, alguns métodos devem ser considerados. Pode-se perceber a importância do documento na análise do historiador e como este deve ser abordado, como nos explica a citação abaixo:

A relação do texto com o real (que pode talvez definir-se como aquilo que o próprio texto apresenta como real, construindo-o como um referente situado no seu exterior) constrói-se segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita. O que leva, antes de mais, a não tratar as ficções como simples documentos, reflexões realistas de uma realidade histórica, mas a atender a sua especificidade enquanto texto situado relativamente a outros textos e cujas regras de organização, como a elaboração formal, tem em vista produzir mais do que mera descrição. O que leva, em seguida, a considerar que os “materiais-documentos” obedecem também a processos de construção onde se investem conceitos e obsessões dos seus produtores e onde se estabelecem as regras de escrita próprias do gênero de que emana o texto. São essas categorias de pensamento e esses princípios de escrita que é necessário atualizar antes de qualquer leitura “positiva” do documento. O real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita. (CHARTIER, 1990, p. 63)

Para Roger Chartier (1990, p. 62-63) todo documento, de qualquer tipo, inclusive uma narrativa literária, é a representação de um real que não pertenceu ao indivíduo que a descreve e não pode se desligar da realidade de texto construído pautado em regras de produção próprias de cada gênero de escrita, que cria “um real” na própria “historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita”. Assim, a *Primera Crónica General de España* seria a representação da realidade do século XIII, na qual o rei Alfonso X se utilizaria da memória social para pôr em prática seu projeto político, que tinha como uma das intenções, aumentar o poder régio, tema delicado que tratarei mais adiante, pois também está relacionado com a autoria de Sancho IV (1258-1295), o Bravo, rei de Leão e Castela de 1284 à 1295, que

era o segundo filho de Alfonso X, mas com a morte do primogênito Fernando de la Cerda e depois de um grande conflito interno, que tratarei mais adiante, Sancho IV assume o trono e em seu reinado a crônica será finalizada e publicada. Sobre isso Ana Rodríguez afirma que “a memória era adaptável e fluida, uma memória imaginativa e o processo de seleção do que era digno de se recordar se encontrava a chave de todo o enquadramento da construção histórica”¹² (RODRÍGUEZ, 2011, p. 296).

Maurice Halbwachs (2006) chama a memória nacional como a forma mais elaborada de memória coletiva, organizada pelos Estados para produzir identidade e construir consensos. Talvez, o que esses monarcas procuravam, por meio da crônica, era produzir essa memória necessária à formação dos Estados Nacionais, entre o século XIII e XIV.

Para tentar perceber essa intencionalidade, a crônica deve ser entendida como produção de discurso, assim como capaz de apontar práticas do Estado e da Igreja, num determinado contexto histórico. Eni Puccielli Orlandi aponta, em seu artigo *Discurso, imaginário social e conhecimento*, que a análise de discurso é uma nova forma de conhecimento que necessita da utilização de interdisciplinaridades para que alcance o objetivo proposto, ou seja, responda o máximo de questionamentos que se faz ao objeto de estudo. A análise de discurso seria

(...) uma relação entre teoria, objeto e prática científica, em que o discurso entra como um campo de questões posto para essas disciplinas. E esse campo de questões acarreta deslocamentos em relação à compreensão do que seja história, sujeito, linguagem e ideologia. (ORLANDI, 1994, p. 55)

Baseado nisso, a *Primera Crónica General de España* é o objeto, que será relacionado aos aportes teóricos e aos conceitos que utilizarei para que estes me levem a produzir o trabalho de análise das representações dos personagens principais do recorte escolhido para pesquisa, Berenguela e Fernando, dentro das minhas perspectivas como historiador, entendendo-o dentro das relações de poder e das questões religiosas daquele momento. Para fazer a análise de discurso algumas coisas devem ser consideradas já que o discurso não está isolado do mundo em que foi construído. Nessa direção Orlandi aponta:

No discurso, o mundo é apreendido, trabalhado pela linguagem e cabe ao analista procurar apreender a construção discursiva dos referentes. A

12 Texto original: “(...) la memoria era adaptable y fluida, una memoria imaginativa, y en el proceso de selección de lo que era digno de recuerdo se encontraba la clave de todo el entramado de construcción histórica” (RODRÍGUEZ, 2011, p. 296).

ideologia é, pois, constitutiva da relação do mundo com a linguagem, ou melhor, ela é condição para essa relação. Não há relação termo-a-termo entre as coisas e a linguagem. São ordens diferentes, a do mundo e a da linguagem. Incompatíveis em suas naturezas próprias. A possibilidade mesma dessa relação se faz pela ideologia. Daí decorre que, discursivamente, por trabalharmos sempre essas relações, não é só a noção de linguagem que é diferente; também as noções de social, de histórico, de ideológico se transformam. (ORLANDI, 1994, p. 56)

Nada está deslocado do sujeito que escreve ou que pensa, pois ele está inserido em determinado mundo, com seus círculos sociais, sua forma de enxergar a realidade, sua linguagem, enfim, sua historicidade. Sem essa historicidade não é possível fazer essa análise, e é parte do caminho para analisar como esta crônica constrói Berenguela. Nessa perspectiva, há questões importantes do século XIII que devem ser considerados, como, por exemplo, qual a imagem da mulher no reino de Leão Castela do século XIII? E pensar nessas imagens como norteadores de atitudes, intenções, que acarretam atos, fatos, acontecimentos, e produção de imaginários em disputa.

As crônicas não foram difundidas para o resto do continente, tendo apenas função dentro do território peninsular, pois, no período em questão, essa produção se dava dentro da Europa, em que cada região tinha seu projeto e seu intuito para lançar escritos e crônicas que contassem uma história universal do mundo.

Segundo Emilio Mitre Fernández, a produção de crônicas do século XIV e XV apresentava, uma perspectiva política mais voltada ao conservadorismo e à tentativa de se exaltar uma região em relação a outra. Vale ressaltar que a produção de crônicas possuía caráter regional, ou seja, não difundida em todo o continente; no caso da Península Ibérica, em cada reino havia autores que elaboravam obras de cunho históricos (crônicas, histórias, poemas). Nessas obras, os autores destacavam o seu reino em relação aos demais. Fernández apresenta essas características na importância da construção do conceito de pátria¹³, na qual a guerra tinha papel fundamental, e do início de uma consciência nacional, já que a guerra fortalece os laços entre os envolvidos e noção de pertencer a determinado grupo social. Já o termo de consciência nacional que me referi anteriormente, é usado por Fernández em vários momentos de sua análise das crônicas entre o século XIV e XV, estando, o termo, como título de um dos subcapítulos (FERNÁNDEZ, 1982, p. 136-137).

Os autores Carmen Oscástegui e Esteban Sarasa (1991), produziram uma análise mais próxima do recorte espacial que estamos estudando. A obra *La Historia en la Edad Media*,

¹³ O autor utiliza esse termo como um conceito que se identifica com o lealismo dinástico (FERNÁNDEZ, 1982, p. 137-139).

tem o mesmo objetivo que Emilio Mitre Fernández, mas analisa os primórdios dessas produções na Península Ibérica. Após fazer um “passeio” pela Europa, analisando a importância das enciclopédias, as histórias universais, a teologia e as línguas nacionais; temos um diferencial em relação à obra de Mitre Fernández: Oscástegui e Sarasa dão ênfase, também, à produção do século XIII, colocando como precursora da ideia “nacionalista”, com o intuito de unificar e de criar raízes.

O trabalho deles apresenta, primeiramente, que Ximenez de Rada¹⁴ (*Rerum in Hispania Gestarum Chronicon*), buscava uma cuidadosa e intencionada castelhanização, colocando a região como a mais importante da Espanha (OSCÁSTEGUI; SARASA, 1991, p. 227). Podemos usar outro exemplo dessa história nacional em Lucas de Tuy, em sua *Cronicum Mundi*, que, apesar da semelhança com a ideia de “Hispania”, é leonês, e dá ênfase aos tempos de resistência Astur-Leonesa ao Islã, descrevendo os reinados de Fernando III e Alfonso VIII como heróis recentes da reconquista (OSCÁSTEGUI; SARASA, 1991, p. 226-227) sendo tratada como uma historiografia oficial Leonesa.

Los intereses propiamente castellanistas empezaron a tener su reflejo paralelamente en una serie de obras, tanto en romance como en latín, que recogerán la historia de Castilla desde sus primeros condes independientes de León o con precedentes hispánicos e incluso universales, convirtiendo a este reino en el eje de la historia peninsular al incluir la historia particular de los demás reinos siempre en relación con lo castellano. (OSCÁSTEGUI; SARASA, 1991, p. 227)

Essa intenção de uma particularidade castelhana, colocando-a em evidência em relação aos outros reinos ibéricos se seguiu durante o século XIII até a produção da *Primera Crónica General de España*, que, além da utilização da língua vulgar, renova ao utilizar fontes de forma seletiva e fragmentária, como, por exemplo, a *Silense*, obra escrita em latim, dedicado ao reinado de Alfonso VI (1065-1109); *Lucas de Tuy*, autor da *Chronicon mundi* publicada em 1236; e *Ximénez de Rada*, o arcebispo de Toledo, autor da *De rebus hispaniae*; além desses escritos, a crônica inclui temas da poesia popular. Marcados pelo esquema da *Primera Crónica General*, na qual consiste na republicação da crônica com perspectivas particulares e que interessavam as respectivas políticas regionais, da qual a *Primera Crónica General* serviu de modelo para as que viriam posteriormente, com renovações, ampliações, refundições e abreviações; incluindo a *Crónica de 1344* (ou *Segunda Crónica General*), *Las tres crónicas*, a *Crónica de los Veinte Reyes* e a *Crónica de los Reyes de Castilla*, além de

¹⁴ Rodrigo Ximenez de Rada foi bispo de Toledo e político influente, mediador entre os reinos de Leão, Castela e Navarra, além conselheiro de Alfonso VIII de Castela.

outras produções, assim, o século XIV é um período de ascendência da produção historiográfica¹⁵ (OSCÁSTEGUI; SARASA, 1991, p. 228).

2.2 Alfonso X (1252-1284): Um governo sob muitos conflitos

Alfonso X assumiu o trono de Leão e Castela, tendo como objetivo na segunda metade do século XIII, o projeto de uma construção política cujo desenvolvimento e estabilidade só seria possível com o aumento da força de suas instituições e da coerência de seus pressupostos ideológicos, ou seja, por conta de grande êxito de Fernando III no projeto de reconquista, a expansão cruzada deixa de ser a causa principal do processo histórico (VILLANUEVA, 2004, p. 26), já que, naquele momento, o último reino muçulmano presente na Península Ibérica, Granada, prestava vassalagem a Castela. Porém, como a questão cruzadística deixa de ser prioridade para Alfonso X, a nobreza, que já estava insatisfeita com a centralização política do monarca, tem outros motivos para se manter descontente, como afirma Adeline Rucquoi:

Para a nobreza o século XIII foi um período de crise e de readaptação. O fim das operações da Reconquista, teve como consequência o esgotamento desta fonte de proveitos que a guerra representava, prisioneiros, cavalo, gado. O poder real apoiado pelo direito romano acentuou sua centralização, enquanto o fim das grandes campanhas da reconquista tirava à nobreza a justificação fundamental de defensores. (RUCQUOI, 1995, p. 219)

Assim, o governo de Alfonso X foi marcado por ser bastante conturbado politicamente, no qual ocorreram várias revoltas da nobreza em relação à monarquia (KRUS, 1989, p. 8), além do conflito relacionado ao herdeiro do trono de Leão e Castela que seguirá até o fim de sua vida em 1284.

No século XIII ibérico, as oligarquias urbanas tinham completo domínio sobre a vida local, sendo a alta nobreza sinônimo de homens ricos e a nobreza inferior, também conhecida como fidalgos. Em meados do século em questão, a aristocracia primitiva havia se tornado uma verdadeira nobreza (MÍNGUEZ, 2012, p. 29-30). Algumas políticas são interessantes pontuar, principalmente no que se refere às questões de testamento e sucessão no reino de Castela, assunto de muito conflito por parte desses sujeitos históricos.

15 Na edição que trabalhei havia um erro de digitação quando estes se referem ao ritmo ascendente da produção historiográfica na península ibérica: “(...) la producción historiográfica castellana seguirá en un ritmo ascendente durante el siglo XVI, (...)”. Sabemos que essa ascensão ocorreu no século XIV, por conta da proximidade com a *Primera Crónica General*, além de logo em seguida os autores citarem crônicas e monarcas que, respectivamente, foram produzidas e governaram no século XIV (OSCÁSTEGUI; SARASA, 1991, p. 228).

Para César González Mínguez, após a morte do pai, a herança ia para um único herdeiro: o filho mais velho, com o intuito de se evitar uma fragmentação em demasia da herança, podendo assim, enfraquecer a força da linhagem, o que se denomina como *mayorazgo*. Esse mecanismo faz com que, além de manter a centralização do poder a apenas um herdeiro, o primogênito, este também ficava como responsável de seus outros familiares na qual contribui para reforçar a consciência de linhagem, já que a influência e o prestígio social da família estava associada a disponibilidade do maior número de bens patrimoniais que esta possuísse, cabendo ao primogênito a administração desses bens, como um chefe da linhagem, que adquiria a responsabilidade de garantir os destinos adequados para a família, inclusive acordos e casamentos, assim, levando ao elemento da vinculação, ou seja, os outros membros da família são obrigados a continuar o vínculo com o primogênito (MÍNGUEZ, 2012, p. 31-32). Isso pode nos ajudar a compreender as questões que norteiam as crises entre monarquia e nobreza durante a regência de Berenguela (1214-1217), e os governos de Fernando III e Alfonso X, aonde a quantidade de bens e prestígio influenciou nas relações políticas e de interesses, já que os Laras, Haro e os Castro tinham um grande protagonismo político intensificado no governo e Alfonso X, que, por sua vez, adota uma política mais centralizadora em detrimento dessas forças políticas.

Alfonso X, durante todo o seu governo, enfrentou diversos conflitos, relacionados ao aumento do poder régio, baseados no princípio jurídico romanista, a questão do rei divino. Esse princípio criava um aumento de poder do soberano, relacionado ao dever de obediência à questão do *mayorazgo* e ideia de soberania, fazendo com que essa imagem da realeza trouxesse atritos e lutas pelo poder. Porém, a sociedade castelhana, por ser baseada na doutrina cristã, contribuiu a ser um freio contra abusos de poder reais (MÍNGUEZ, 2012, p. 34-36).

Durante o seu reinado aconteceram várias manifestações de oposição da nobreza contra Alfonso X que contribuíram para que, politicamente, este tivesse dificuldades para governar. Esses conflitos não foram constantes mas, aconteceu em diversos momentos dos 32 anos de reinado do monarca castelhano-leoês. Por exemplo, pouco depois de assumir o trono, em 1254, Diego Lopez de Haro e mais outros nobres, saíram de Castela para se fazerem vassallos do rei de Aragão. O motivo seria uma rivalidade de Don Diego de Haro com Nuño González de Lara, favorito de Alfonso X, a quem havia concedido algumas terras, pelas quais ambos disputavam. Deve-se pensar que a revolta se deu por um certo setor da nobreza contra as reformas legislativas que estavam ocorrendo e pelo fortalecimento do poder régio

(MÍNGUEZ, 2012, p. 48-49). Outra sublevação importante no reino de Alfonso X, ocorreu na cidade de Lerma, e teve graves consequências políticas para o rei de Leão e Castela:

(...) uma nobreza se opunha ferozmente à política centralizadora que Alfonso X pretendia levar a cabo e que ainda em 1269, (...), se sublevou contra o monarca em Lerma em que se encontravam presentes alguns dos magnates mais importantes da sua corte, como os Laras e os Haros, os Senhores de Biscaia. (KRUS, 1989, p. 8)

A reunião em Lerma, em 1271, foi o ponto de partida para uma série de reivindicações, na qual seu irmão, don Felipe, encabeçou a alta nobreza e expôs a necessidade de que o monarca atuasse de acordo com o conselho de nobres. A partir daí, iniciou-se uma ampla sublevação por parte da nobreza castelhana. Em 1272, os nobres expuseram suas insatisfações e descontentamentos que tinha raiz jurídica e econômica, segundo Mínguez: “Se quejan de la supresión del Fuero Viejo de Castilla, y de la vigência del Fuero Real y del Espéculo, que lesionavam los derechos señoriales em la miesma medida que fortalecían la autoridade monárquica” (MÍNGUEZ, 2012, p. 49).

Conflito de Sucessão

Outro conflito importante no reinado de Alfonso X foi o que esteve vinculado com a disputa pela sucessão, cujo início se deu a partir de 1269, quando aconteceu um fato importante que contribuiu para que os conflitos nessa direção se intensificassem. Segundo Mínguez, Alfonso X sofreu um acidente, levando uma patada de um cavalo na cabeça, ficando muito doente, com uma progressiva debilitação de sua saúde; com deformidades em seu rosto, inchaço nas pernas e surdez, o que colocou sua vida em perigo algumas vezes. A enfermidade fazia com que o rei tivesse seu comportamento alterado, tendo explosões de ira, atos extremistas, que fizeram com que sua família e o povo, em geral, pensasse que o monarca havia ficado louco e leproso. Uma dessas reações violentas fez com que o monarca ordenasse a prisão e a execução de seu irmão Don Fadrique e de Simón Ruiz de los Cameros, provavelmente porque os dois estariam armando uma conspiração para derrubá-lo, ou por uma suposta relação homossexual entre os dois envolvidos (MÍNGUEZ, 2012, p. 55).

Esse episódio que, evidentemente, ainda é obscuro por ser pouco documentado, produziu uma grande deterioração do prestígio do monarca, além de um pânico por parte da nobreza, começando pelo próprio círculo familiar. Por essas circunstâncias, a questão da sucessão precisava ser resolvida. Assim, em 1278, em uma reunião solene e oficial, Alfonso

X reconheceu seu filho Sancho como sucessor ao trono de Castela e Leão. As relações entre pai e filho haviam melhorado nesse momento, até porque havia a possibilidade de que o monarca pudesse escolher o seu neto, Alfonso De La Cerda, como herdeiro ao trono. A escolha de seu filho Sancho para herdeiro do trono de Leão e Castela, em detrimento de Alfonso De La Cerda, conturbou consideravelmente as relações com a França, cujo rei, Felipe III (1245-1285), não hesitou em ameaçar Castela, em uma possível invasão, já planejada com a intenção de impor como herdeiro de Castela e Leão seu candidato e sobrinho Alfonso De La Cerda (MÍNGUEZ, 2012, p. 56). Cabe explicar os motivos que levam Alfonso De La Cerda ter direitos ao trono, pois faz parte da intensificação dos conflitos de sucessão da coroa castelhano-leonesa. Alfonso X teve vários filhos, dentre eles, cinco eram homens, mas o primogênito era Fernando De La Cerda (1255-1275), herdeiro ao trono de seu pai, mas em julho de 1275, este veio a falecer, ainda jovem, deixando um herdeiro, Alfonso De La Cerda (1270-1344), que, de acordo com a legislação, deveria receber a coroa, porém, Sancho, segundo filho de Alfonso, reivindicou o trono a seu favor, iniciando um confronto com seu pai para garantir sua sucessão. Para o rei da França, Felipe III, ter Alfonso De La Cerda como rei de Leão e Castela era de seu interesse, já que este era filho de D. Branca (1253-1320), princesa da França, filha de Luis IX da França (1214-1270) e, portanto, sobrinho de Felipe III, motivo suficiente para fazer com que este pressionasse o monarca castelhano-leonês, Alfonso X, quando este decidiu por fazer o testamento em favor de seu filho Sancho.

A invasão não aconteceu, mas a situação de enfermidade de Alfonso X, somada à pressão francesa, forçou o monarca castelhano a abrir negociações com Felipe III. Para tanto, propôs ceder o reino de Jaén para Alfonso De La Cerda, mas com a condição de este aceitar ser seu vassalo e de Sancho, quando este assumisse o trono. A partir daí a questão só foi piorando. Em novas discussões Sancho se mostrou claramente contrário a qualquer solução que viesse diminuir o território do reino. As Cortes de Sevilha levantaram novamente a questão em 1281, convocando Alfonso X, porém Sancho se mostrou irredutível, deixando claro o seu descontentamento e sua oposição a qualquer decisão que viesse a diminuir territorialmente o reino, por fim, essas mesmas cortes contribuíram para colocarem Alfonso X contra Sancho, o que desenrolou em um aberto enfrentamento (MÍNGUEZ, 2012, p. 56-57).

A ruptura entre o monarca e seu herdeiro veio a acarretar tensões que envolveram toda a corte castelhana. Sancho havia conseguido apoio numeroso com importantes aliados: familiares importantes¹⁶, nobres influentes¹⁷ e muitos representantes eclesiásticos que

16 Don Pedro, Don Juan e Don Jaime, irmãos de Sancho; Don Manuel, tio de Sancho e irmão de Alfonso X (MÍNGUEZ, 2012, p. 57).

estariam descontentes com a política intervencionista e suas exigências fiscais que Alfonso X impunha à Igreja castelhana-leonesa (MÍNGUEZ, 2012, p. 57). Os reis, de Portugal, Don Dionís, e de Aragão, Pedro III, também se somaram a Sancho. Com todo esse apoio, Sancho convocou, em 1282, uma reunião na cidade de Valladolid:

Los reunidos, a propuesta del infante don Manuel, hermano de Alfonso X, acordaron entregar a don Sancho el gobierno y la justicia del reino, así como sus rentas y fortalezas, aunque no tomaría el título de rey en vida de su padre. La deposición de Alfonso X constituyó un verdadero golpe de estado. La extraña alianza de nobleza, clero y ciudades, que materializará poco después en la constitución de numerosas hermandades, entre mayo y julio de 1282, había permitido el triunfo del infante don Sancho que lidera la construcción de una legitimidad alternativa a la que ostentaba el monarca, pero no se trataba de un triunfo hipotecado de cara al futuro y que para la monarquía suponía un grave quebranto. (MÍNGUEZ, 2012, p. 58)

Alfonso X reagiu logo em seguida, fazendo um tribunal público que teve uma duríssima sentença, deserdando seu filho. A partir desse momento, a situação de Don Sancho começou a ficar cada vez mais instável, afetada por numerosas deserções de seus seguidores iniciais, mostrando-se incapaz de se impor militarmente (MÍNGUEZ, 2012, p. 58). Em 1283, Alfonso X escreveu um testamento que dava direitos de sucessão ao seu neto, Alfonso De La Cerda e depois a seu irmão Don Fernando. Se ambos morressem sem filhos legítimos, os reinos de Castela, Leão, Galícia, Toledo e Astúrias iriam para o rei da França (MÍNGUEZ, 2012, p. 58-59). Em 1284, fez outro testamento que completava e confirmava o primeiro, além de apontar o destino de seus livros e objetos pessoais (MÍNGUEZ, 2012, p. 59).

Segundo Mínguez, é difícil estabelecer um balanço sobre o reinado de Alfonso X, definido por ele como uma pessoa brilhante como homem de letras e fazer o contraponto de seus êxitos e fracassos como governante. Em 1284, Alfonso X morreu e Sancho IV assumiu o trono, pois, segundo uma das crônicas, o monarca havia perdoado seu filho antes de falecer, permitindo, dessa forma, o acesso de Sancho ao trono (MÍNGUEZ, 2012, p. 61).

Encaminhando para a conclusão desse item, Alfonso X percebeu que Castela carecia de uma política legislativa de caráter unificadora (MÍNGUEZ, 2012, p. 40), por isso tomou medidas para formular leis para Castela e Leão, como a institucionalização do poder, que visava melhorar a administração da justiça régia. Por isso Alfonso X teve problemas com a nobreza por conta das trocas legislativas e dos conflitos sucessórios.

17 Don Diego López de Haro, Don Lope Díaz de Haro, Don Ramiro Díaz, Don Pedro de Álvarez das Asturias, Don Fernán Ruiz de Cabrera, Nuño de Lara, Don Fernan Ruiz de Saldaña, entre outros. (MÍNGUEZ, 2012, p. 57).

A ideia centralizadora de Alfonso X, nesse contexto do século XIII, está ligada a questão do poder monárquico em relação a nobreza, já que estes detinham poderes ligados ao acúmulo de bens o que lhes davam prestígio e força para questionar e conflitar com o rei. Vale ressaltar, que o feudalismo clássico, do modelo francês, não existia na Península Ibérica, tendo um feudalismo particular que se dá de maneira distinta ao francês, ainda que tenham várias características em comum como, por exemplo, a presença de uma nobreza dominante, a divisão dos direitos de domínio, as isenções tributárias e os regimes senhoriais. Na Península Ibérica as relações feudo-vassálicas não promoveram efetiva consolidação de um Estado político feudal aonde se manteve a autoridade monárquica, na qual evitou a fragmentação da soberania (JUNIOR; DOS REIS, 2015, p. 1025). Assim, as medidas de unificação na forma como mudanças legislativas, projetos culturais, escritos, históricos - poderiam ser uma ameaça à manutenção desses velhos poderes locais, que, por sua vez, questionavam e combatiam a política centralizadora que Alfonso X propunha, talvez, a crônica não tivesse apenas o intuito daquele momento, mas também para a sequência da linhagem.

2.3 Alfonso X, o rei sábio: a historiografia alfonsina e a construção da *Primera Crónica General de España*

A construção da *Primera Crónica General de España* se deu, como foi dito, por ordem do rei Alfonso X. Foi iniciada em 1270 e continuou em elaboração até 1289, na corte do filho de Alfonso X, Sancho IV. Apesar de produzida por iniciativa de Castela e Leão, a crônica difundiu-se mediante várias adaptações, resumos e refundições por todos os reinos cristãos da Península Ibérica (KRUS, 1989, p. 6).

A obra está dividida em duas grandes partes: a primeira tem o seu início no suposto primeiro povoamento da “Hispania” pelos descendentes de Noé e finaliza com a invasão islâmica ocorrida a partir de 711 d.C. Nessa parte é relatada a formação, o apogeu e o desenvolvimento da unidade política hispânica, tendo como principal momento o período em que os godos se estabeleceram como poder cristão na península (KRUS, 1989, p. 6). São destinados vários capítulos e passagens sobre a consolidação dos Godos na Península Ibérica, com relatos relacionados a sequência de reis Godos e suas batalhas mais importantes contra Suevos, Hunos e Vândalos (PCG, 1955, p. 215-238).

A queda da “Hispania” também se encontra ainda na primeira parte da *Primera Crónica General de España*, sendo reservada para a sua parte final, aonde é bastante lamentada a perda do território peninsular para os muçulmanos (PCG, 1955, p. 304-320). Para

a investigação histórica, vale a reflexão relacionada a construção do discurso da reconquista, pois será que existia esse sentimento de “Hispania” nos Godos que perderam o território para os muçulmanos no século VIII? Será que existiu este sentimento de perda de território? A ideia de reconquista não foi construída para legitimar ataques aos poderes muçulmanos ainda presentes na Península Ibérica? São muitas questões relacionadas ao conceito de reconquista, relevante discussão já levantada, e ainda debatida, pela historiografia que não vamos nos atrever a debater, por, primeiro, não ser a questão principal do trabalho, segundo, por ter historiadores que discutiram e continuam discutindo com muito mais propriedade que este que vos escreve e, por fim, não haver tempo suficiente para uma análise densa para atender a complexidade que o tema necessita.¹⁸

Abaixo, segue um trecho de como a crônica representa o fim do poderio Godo na Península Ibérica, tomada pelos muçulmanos no início do século VIII, sendo apenas uma das várias referências relacionadas a perda da “Hispania”:

Doloroso es el llanto, llorosos los alaridos, **ca Espanna llora los sus hijos et non se puede conortar porque ya non son.** Las sus casas et las sus moradas todas fincaron yermas et despobladas; la su onrra et el su prez tornado es en confusion, ca los sus hijos et los sus criados todos moriron a espada, los nobles et hijos dalgo cayeron en catiuo, los principes et los altos omnes ydos son en fonta et en denosto, e los buenos combatientes perdieron se en estremo. Los que antes estavan libres, estonces eran tornados en siervos; los que se preciavan de cavalleria, corvos andavan a labrar con reais et açadas; los viciosos del comer non se abundavan de vil maniar; los que fueran criados en pannos de seda, non avien de que se crobir non de tan vil vestidura en que ante non pornien ellos sus pies. Tan assoora fue la su cueta et el su destroymiento que non a toruellinno nin lluvia nin tempestad de mar a que lo omne pudiesse asmar ¿Qual mal o qual tempestad non passo Espanna? Con los ninnos chicos de teta dieron a las paredes, a los moços mayores desfizieron con feridas, a los mancebos grandes metieronlos a espada, los ancianos et uieios de dias moriron en las batallas, et fueron todos acabados por guerra; los que eran ya pora onrrar et en cabo de sus dias echolos a mala fonta la crueldad de los moros; a las mezquinas de las mugieres guardauan las pora desonrrar las, e la su fermosura dellas era guardada pora su denosto. El que fue fuert et coraioso murio em batalla; el corredor et ligero de pies non guarescio a las saetas; las espadas et las outras armas de los godos perdonaron a los enemigos et tornaron se en sus parientes et en si mismos, ca non auie y ninguno qui los acoriesse nin departiesse unos dotros. ¿Quien me darie agua que toda mi cabeça fuesse ende bannada, e a

18 Resolvi levantar a reflexão para indicar dois historiadores que trabalham com a análise do conceito de *reconquista*: NOGUEIRA, Carlos Roberto F. A Reconquista ibérica: A construção de uma ideologia. **Historia. Instituciones. Documentos**, Sevilla, n. 28, 2001. p. 277-295.

JIMÉNEZ, Manuel González. Sobre la ideología de la Reconquista: realidades y tópicos. In: DUARTE, José I. de la Iglesia; RODRÍGUEZ, José L. Martín. MEMORIA, MITO Y REALIDAD EN LA HISTORIA MEDIEVAL: SEMANA DE ESTUDIOS MEDIEVALES, 13, jul./ago. 2002, Nájera. **Actas de la Memoria, mito y realidad en la historia medieval: XIII Semana de Estudios Medievales**. Nájera: Instituto de Estudios Riojanos, 2003. p. 151-170.

mios oios fuentes que siempre manassen llagrimas por que llorasse et llanniesse la perdida et la muerte de los de Espanna et la mezquindad et ell aterramiento de los godos? Aqui se remato la santidad et la religion de elos obispos et de los sacerdotes; aqui quedo et minguo ell abondamiento de los clerigos que siruien laas iglesias; aqui perescio ell entendimiento de los prelados et de los omnes de orden; aqui fallescio ell ensennamiento de la ley et de la sancta fe. Los padres et los ssennores todos perescieron en uno; los santuarios fueron destroydos, las eglesias crebantadas; los logares que loauan a Dios con alegria, essora le denostauan yl maltrayen; las cruces et los saltares echaron de las eglesias; la crisma et los libros et las cosas que eran pora onrra de la cristiandat todo fue esparzudo et echado a mala part; (...). Toda la tierra desgastaron los enemigos, las casas hermaron, los omnes mataron, las cibdades quemaron, los arbores, las uinnas et quanto fallaron uerde cortaron. Tanto puio esta pestilencia et esta cueta que non finco em toda Espanna buena uilla nin cibdad o obispo ouiesse que non fuesse o quemada o derribada o retenida de moros; ca las cibdades que los alaraves non pudieron conquistar, engannaron las et conquiririon las por falsas pleytesias. (PCG, 1955, p. 312-313)

O clima apocalítico toma conta do trecho anterior já que a “Espanha chora os seus filhos e não se pode concatenar pois já não são” (em negrito), aonde, segundo a crônica, a destruição feita pelos muçulmanos não se restringem apenas as “mortes de homens” e “cidades queimadas”, mas também a destruição de santuários e igrejas, discurso presente para tentar evidenciar a barbárie do inimigo. Inimigo este, segundo a crônica, não apenas invade o território da “Hispania” mas também desafia o poder religioso se mostrando infiel e herege, capaz de tudo para destruir a cristandade.

A segunda parte é iniciada com o reinado de Pelayo das Astúrias (685-737) e vai até a morte de Fernando III em 1252. A crônica contém 1135 capítulos, sendo 565 da primeira parte e 570 da segunda metade. O trecho abaixo deixa claro as intenções da segunda parte da *Primera Crónica General de España*:

En el libro de la estoria que comienza de como Moysen fizo el libro Genesis, et otrosi de las generaciones que uinieron poblar a Espanna, se contiene de commo los godos uinieron a Espanna et la conquirieron et commo la tovieron en su poder fasta que la perdieron em tiempo del rey Rodrigo. Et porque despues desto los moros tovieron Espanna çinco annos sin contienda ninguna, la estoria contara el comienzo del rey don Pelayo, que fue el primero rey de Leon, el qual cercaron los moros en la cueua de Onga, que es en Asturias de Ouiedo, et por quien Dios mostro muy grand miraglo em aquel logar, segund parece en su tiempo. Otrosi de commo el regno, et de los otros reyes que fueron en Leon, la estoria lo contara vno en su logar. (PCG, 1955, p. 321)

Como já nos debruçamos em que historicidade Alfonso X estava inserido, pontuando as questões principais de seu governo, vamos nos atentar, em seguida, para a construção da

Crônica, pois ela não é uma obra isolada; pelo contrário, está inserida em um projeto muito mais amplo.

Segundo Krus, Alfonso X passou todo o seu reinado tendo tensões com a nobreza, enfrentando, assim, uma oposição feroz ao seu governo centralizador, com sublevações e rebeliões nobiliárquicas, sem contar as revoltas campestinas e protestos dos conselhos, provocando várias vezes a necessidade de uma intervenção da realeza feita num sentido desfavorável para com a nobreza (KRUS, 1989, p. 8).

Conforme Luis Krus, após a conquista de Sevilha ocorrida em 1252, ainda no governo de Fernando III, a nobreza teve que lidar com uma drástica redução de suas fontes de rendimentos, em virtude do fim das pilhagens e saques obtidos pela guerra na Andaluzia islâmica, ou seja, a guerra aos reinos islâmicos havia sido lucrativa para a nobreza. Para equilibrarem seus orçamentos os grandes senhores aumentaram as cargas fiscais exigidas dos camponeses, gerando revoltas campestinas e protestos dos conselhos contra a rapina feudal:

Nesse contexto, a *Crônica Geral* assume-se como manifesto legitimador da atuação do monarca: por ela provava-se, numa linguagem acessível à corte, em castelhano, como os poderes de nobreza derivavam da vontade dos reis, os únicos e verdadeiros dinamizadores da empresa da *Reconquista*, já que só eles a ela tinham direito por herança e progeneritura. (KRUS, 1989, p. 8)

Um dos objetivos para a produção da crônica é legitimar o poder do monarca e, a tentativa, de submeter essa nobreza ao rei, que tentava criar um clima de estabilidade em seu governo, pois “Alfonso X acreditava na utilidade da história como instrumento e justificativa de sua política e a sua crônica foi concebida para servir de suporte à sua reivindicação do império¹⁹ ou hegemonia sobre a Espanha” (NOGUEIRA, 2001, p. 292).

Alfonso X foi o monarca que mais compreendeu o valor da escritura e a necessidade de sua utilização para conhecer o próprio ideário político e pôr em prática, além de ser o primeiro monarca medieval castelhano que fez uma formulação clara e original do modelo de Estado no sentido modernizador (MÍNGUEZ, 2012, p. 37-38).

Com relação a escrita, a mando de Alfonso X foram produzidas várias obras, desde poemas, literaturas, traduções, histórias universais, entre outros. Além de ser o mecenas, colaborou e supervisionou muitas outras; ator político de uma abundante produção diplomática, todas essas funções ele desempenhou durante toda a sua vida (GARCÍA, 2006,

¹⁹ Esse império a que aqui é feita a referência é o Sacro Império Romano, projeto ambicioso e um dos maiores de Alfonso X, porém, sem êxito.

p. 361). Após a sua morte, monarcas posteriores continuaram seu projeto; sendo conhecido pela historiografia como produção alfonsina.

A historiadora Adelline Rucquoi (1995, p. 269) enfatiza a importância da obra cultural de Afonso X, pois, segundo ela, “cobre todos os domínios do conhecimento: o direito e a filosofia do direito, a história, as ciências, os jogos [...] e o longo poema das Cantigas de Santa Maria”. Ou seja, esse monarca contribuiu muito para impulsionar a cultura escrita em terras castelhanas, inclusive no campo da tradução, sendo Toledo um local de grande atividade de tradução, com o impulso dado pelo rei Afonso X, na qual, seus secretários redigiam primeiro em castelhano e depois, se fosse necessário, em latim. A cidade era o grande centro tradutor e cultural da Europa, local onde o ocidente iniciou a apropriação intelectual do mundo greco-romano e do árabe (FONTES, 2013, p. 6).

Vista como conjunto, la obra de Alfonso X el sabio es única no sólo por su volumen (como siempre se ha dicho), sino por su carácter fundacional de una cultura de valor permanente y universal. El magno proyecto alfonsina de ser visto como una gigantesca apuesta enfocada al futuro en la larga hubo como en toda empresa humana, sus costes, pérdidas y ganancias. (VILLANUEVA, 2004, p. 17)

No campo jurídico, Afonso X buscou unificar os códigos legislativos como elementos de difusão de seu poder, pois utilizando-se da lei, “estabelecia a sua autoridade sobre os seus súditos e encontrava uma circunscrição para a atuação do seu poder que se sobrepunha [...] ao tempo da igreja e ao tempo do mercador” (FONTES, 2011, p. 71).

Villanueva trabalha com o que ele chama no título de seu livro, de “conceito cultural alfonsino”, pelo qual faz reflexões do *por que, para que e para quem* tomou corpo essa obra de tanta envergadura, colocando como “feito unitário de uma experiência interdisciplinar, que inter-relaciona o político, o intelectual e o literário” (FONTES, 2011, p. 71). O autor defende o caráter inovador desse projeto, afirmando que se mostrou incompreensível para a época, sendo fundamental para a opção do vernáculo castelhano frente ao latim, fazendo que o alcance de suas obras tivesse uma repercussão inédita.

As questões que motivaram o monarca a produzir seus escritos se relativizam com sua imagem de intelectual fracassado nas questões políticas, preocupado com que sua obra tivesse intuito claro, de expandir seu poder pela sociedade. Sobre isso, afirma Villanueva:

(...) cómo semejante curso de acción no hacia de ningún arrebató de iluminado medieval, así como tampoco de un anacrónico sueño nacionalista a la moderna. Es hora de comprender, por el contrario, que si don Alfonso daba aquel paso para siempre definitivo, hacía con los pies

muy asentados en la tierra y a partir de un sobrio diagnóstico de la realidad de sus tiempos y de sus reinos. (VILLANUEVA, 2004, p. 19)

O projeto cultural alfonsino foi muito mais do que um feito linguístico ou cultural, pois estava colado a uma visão política, sendo um governo para outras culturas, mesmo que colocasse o cristianismo no topo da pirâmide (FONTES, 2011, p. 72). Seus saberes estavam a serviço da ação de governo, sendo que essa visão global contribuiu para a criação de um modelo epistemológico em que as distintas ciências ou formas de conhecimento eram consideradas como canais de comunicação entre o rei e os seus súditos (GARCÍA, 2006, p. 362).

O debate na historiografia sobre a escrita alfonsina se estende para vários âmbitos, como já foi dito, traduções, poemas, cantigas, obras legislativas, porém o que nos interessa é a discussão sobre a *historiografia alfonsina*, ou seja, sua produção de crônicas, que visava escrever sobre a origem e formação da “Hispania”, inclusive, a *Primera Crónica General de España*. Cada área, obviamente, tinha suas intenções e motivações para serem escritas e produzidas, com a historiografia alfonsina não foi diferente já que esta foi modelada com fim de incluir uma concepção ideológica e política, perceptível quando certos personagens, fossem eles reais ou imaginários, eram considerados como paradigmas que remetiam, de maneira tácita ou implícita, à figura do rei, além dos comentários durante o discurso narrativo com clara intenção de exaltação de determinados valores (GARCÍA, 2006, p. 362).

Um dos pontos importantes que deve-se chamar a atenção é para a relação que a historiografia colocava na produção histórica alfonsina, sendo um caráter de tentativa de formação de *sentimento nacional* ou *identidade nacional* por parte dos reinos cristãos da Península Ibérica. O debate merece atenção, por conta desses termos serem próprios de um período posterior a que vivia a Europa da Baixa Idade Média, pois falar em nacionalidade, é falar de *Estado* e todo o debate da construção de um *Estado-nação*, movimento que aconteceria, segundo a historiografia tradicional, séculos mais tarde. Assim, uma das justificativas para esta perspectiva é a ideia de uma “Hispania” em meio a reinos ainda fragmentados aonde, constantemente, explodiam conflitos entre si, nessa direção Barkai afirma:

Habrà quienes no acepten que se atribuyen sentimientos nacionales o una identidad nacional a grupos de pobladores en el medievo. Esta obra no se propuso tratar el problema nacional, por lo tanto no abriré un debate sobre la terminología técnica. Solo diré lo siguiente: la autoimagen de los cristianos españoles, tal como se revela en las crónicas, evoluciona hacia una toma de conciencia nacional colectiva y hacia una identificación

nacional española, en el sentido de un sentimiento de pertenencia o participación algo específico del territorio español, común a todos los pobladores, incluyendo a veces musulmanes, superando las divisiones particularistas de los diferentes reinos. Esta relación tomó forma en la idea de una España como territorio, como una patria común, considerada y concebida como la tierra elegida. Por eso, la identidad española general (y a veces la particularista) ocupaba justamente el primer lugar y la identidad cristiana pasaba a ser secundaria. (BARKAI, 2007, p. 284-285)

A obra ao qual Barkai se refere, é seu livro *El enemigo en el espejo*, cujo epílogo trata de debater, a partir das fontes que utilizou para discorrer sobre a temática principal de sua obra, a imagem que cristãos e muçulmanos tinham uns dos outros e como estas se modificaram através de séculos de convivência, ou seja, as simbologias e termos para definir a si mesmos ou aos próximos se alteraram, baseados no período em que estes povos estavam vivenciando, de conflito ou estabilidade.

Barkai ainda apresenta como vimos na citação acima, a noção de pátria, de um projeto que Alfonso X pretendia ao tentar se criar uma identidade espanhola geral, porém, baseada territorialmente, o que não excluía, muçulmanos e judeus²⁰. Villanueva trabalha com essa perspectiva, e ainda utiliza-se do termo *protonacional*, ao se referir à historiografia alfonsina como um projeto político de Alfonso X na qual se insere a *Primera Crónica General* (VILLANUEVA, 2004, p. 36).

A perspectiva de uma produção castelhana-leonesa que tivesse uma intenção de iniciar uma *identidade nacional* na Península Ibérica é defendida pela historiografia²¹ que analisa tanto o conceito de reconquista quanto o intuito da produção das crônicas durante o reinado de Alfonso X, fazendo com que este criasse um legado para os séculos posteriores.

(...), toda la producción escrita de Alfonso X, la librería y la documental, estuvo entevada con la idea de conflicto, porque la discrepancia es inseparable de condición humana y porque a lo largo de su vida experimentó sus zarpazos. Ante esta contingencia invento comprender sus causas, entender los motivos, y luchar por todos los medios con el arma de la escritura. La presión circundante y sus dudas personales las resolvió mediante la elaboración de versiones sucesivas en el tratamiento de un mismo asunto con la intención de soslayar los enfrentamientos, razón por la que su producción fue un auténtico “work in progress”²². Esta tática no le

20 “A história da Península Ibérica medieval resultou de uma confluência de cristãos, judeus e muçulmanos, dividindo e disputando este espaço habitualmente tido como periférico da Europa. Conhecido por sua tolerância” – mais política do que verdadeiramente religiosa – em relação ao resto do continente, (...)” (FONTES, 2011, p. 21).

21 Autores como Francisco Márquez Villanueva (2004), Carmen Oscástegui e Esteban Sarasa (1991) e Adeline Rucquoi (1995), são mais alguns exemplos de historiadores que trabalham essa questão.

22 O termo “Work in progress” que Elisa Ruiz García utiliza faz parte de uma colocação que ela faz durante um capítulo de mesmo nome (2006, p. 375-400) que, a grosso modo, consiste numa forma de composição progressiva dos escritos de Alfonso X, de tal maneira que esta tem várias versões de um mesmo título. Esta

sérvio en el terreno de la política, pero si en el campo de las letras, en donde atesoró un patrimonio sin igual, que le ha valido ser saludado por algunos estudiosos como un emperador de la cultura o, incluso, como un *stupor mundi*. (GARCÍA, 2006, p. 402)

Por fim, temos que acentuar um ponto fundamental nessa discussão: a *Primera Crónica General de España* foi uma obra que começou a ser produzida pelo rei Alfonso X, o Sábio, ou seja, este organizou e redigiu, quando julgou necessário, os textos com todas as suas intenções próprias do período que governava (1252-1284), assim, iniciou um projeto que se concretizará com seu filho Sancho IV, mesmo com todos os problemas de sucessão, portanto, a autoria da crônica cabe aos dois monarcas. Sancho IV tem uma grande importância na conclusão da *Primera Crónica General de España* e, principalmente, na evolução e fixação da língua castelhana, pois, apesar da maior parte da crônica ter sido elaborada em tempos de Alfonso X, quem a concluiu e a divulgou foi Sancho IV (MONTERO CARTELLE, 1993, p. 209).

A *Primera Crónica General de España* é uma compilação de escritos e possui muitas partes da *De hebus Hispaniae* (PCG, 1955, p. 4), também conhecida como *História Gótica*, escrita por Rodrigo Ximenez de Rada, arcebispo de Toledo, importante para o reino de Castela, teve uma participação determinante na construção dos trechos que mencionam a rainha Berenguela, o rei Fernando III e, conseqüentemente, suas conquistas militares e políticas. Rodrigo Ximenez de Rada ocupou a sede toledana de 1208 até 1247, se destacou lutando contra os almohades, fundou a catedral de Toledo, estabeleceu a supremacia toledana sobre os bispados da Península e, o que mais nos interessa, escreveu várias obras históricas e teológicas (LOMAX, 1977, p. 587). Assim, como esta obra destaca “a supremacia do reino e da realeza castelhana sobre os demais reinos peninsulares” (RUI, 2000, p. 213) e por conta do arcebispo ser contemporâneo a reconquista de Córdoba, é bastante provável que este tenha escrito os capítulos que nos interessa para este trabalho.

Rodrigo cumplió el encargo; y al mismo tiempo elogió a su rey, sin duda sinceramente, porque ¿quién no admiraría al reconquistador de Córdoba? Pero Rodrigo, gran canciller de Castilla y consejero del rey, era antes de todo arzobispo de Toledo y jefe de la Iglesia española, y las investigaciones del profesor Linehan nos han mostrado los problemas de esta Iglesia, y la tirantez que existía entre ella y San Fernando. Creo que podemos vislumbrar algo de esto en la *Historia Gothica*, porque aunque Rodrigo elogia a San Fernando, reserva sus

técnica tem em conta o que se adiciona, substitui, troca e até o que se omite dentro de alguma obra. A causa dessas trocas incessantes são motivadas, na maioria das ocasiões, por fatores políticos em um período de conflito. (GARCÍA, 2006, p. 375)

mayores alabanzas para su madre Berenguela y su abuelo Alfonso VIII, presentando a éste como modelo a seguir para Fernando y subrayando la generosidad con que Alfonso trataba la Iglesia. (LOMAX, 1977, p. 589)

Apresento esse trecho de Derek Lomax sobre o arcebispo Rodrigo Ximénez de Rada para afirmar, que o autor já traz uma perspectiva do motivo das imagens de determinados personagens representados na crônica serem construídos a partir de perspectivas subjetivas. Porém, mesmo carregando apreços ou desavenças individuais, ainda somos produtos de uma cultura, reproduzimos esta e tendemos a estereotipar certos grupos por posição social, etnia ou gênero. Por isso, Rodrigo Ximénez de Rada não constrói a imagens dos monarcas castelhanos apenas por questões subjetivas ou interesses pessoais, mas também, como fruto de sua cultura, aonde reproduzirá suas visões de mundo, assim, os conceitos de *representação*, *imaginário* e *gênero*, que apresentarei na sequência, auxiliarão para compreender a sociedade em questão e responder a problemática.

2.4 Representação, Imaginário e Gênero:

Para respondermos as questões relacionadas a que propomos em relação a *Primera Crónica General de España* e a construção da imagem da rainha de Castela Berenguela I para entender e responder se houve relações de gênero na construção da imagem desta rainha apresentada pela crônica como articuladora política, administradora do reino de seu filho e mãe, faz-se necessário a apresentação dos conceitos fundamentais para a análise: *representação* e *gênero*. O primeiro pelo fato de que nossa fonte, uma crônica, contém relatos que são representações do real, entende-se realidade como uma circunstância de fatos e acontecimentos que são únicos pois não podem ser reproduzidos novamente, assim, a realidade é contada a partir de símbolos, imagens, palavras, termos ou conceitos que fazem sentido na temporalidade e espaço em questão; já o conceito de *gênero* é por estarmos trabalhando com a figura feminina, entendida não como uma essência e sim como uma representação construída pelas relações sociais de gênero, ou seja, uma das coisas que determinam como deve ser a imagem de uma mulher ou de um homem são as relações de gênero e cada sociedade tem as suas, assim, como estamos falando de um período marcado pela religião, seja em seus conflitos por disputa de espaços, como a reconquista, seja nas atitudes cotidianas, como as horas marcadas pelos sinos das Igrejas, a construção do que é ser

homem e o que é ser mulher tenderá a ser reproduzidos pela cultura²³. Em suma, os estudos desses conceitos são fundamentais para entender, primeiro, como Berenguela I é representada na *Primera Crónica General de España*, segundo, o porquê dela ser representada de determinada maneira em específico e, por fim, o que as relações de gênero interferiram na construção das imagens de Berenguela I e de Fernando III.

Para Roger Chartier “a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma 'imagem' capaz de repô-lo em memória e de 'pintá-lo' tal como é” (CHARTIER, 1991, p. 184). Seguindo essa perspectiva, verifica-se que na crônica a realidade não está presente, sendo impossível trazer todos os elementos que constituíram o fato. No entanto, há referência a essa realidade, pois foi criado um discurso para representar o real. Para Chartier, a realidade pertence ao tempo que já escoou e que, portanto, não pode mais ser apreendido. Por isso na crônica é utilizado símbolos e imagens que são importantes para a sociedade castelhana do século XIII, ou seja, representações que são “familiares” aos leitores daquele espaço, naquele período e, no caso da *Primera Cronica General*, mais especificamente à nobreza, que era o público-alvo, assim, os símbolos, imagens e discursos, foram criados para chamar a atenção do público que se tinha a intenção de atingir. Para tanto, se fez uso daqueles símbolos que lhes eram pertinentes naquele momento histórico (luta contra muçulmanos, a exaltação de reis, adjetivos a determinadas pessoas que aparecem na crônica, etc.).

Essas representações são criadas e reproduzidas a todo momento, na arte, na religião, nos interesses econômicos e políticos, ou seja, está intrinsecamente ligada às sociedades e a seus costumes interferindo na convivência entre si e com outras sociedades. Por isso, é necessário buscar compreender como as sociedades formam representações de si e do mundo, e como esse processo funciona dentro da dinâmica social, decifrando os códigos, lendo o significado dessas representações (VIGÁRIO, 2009, p. 5). É uma tarefa um tanto complicada, até pelo fato de correremos o risco de cometer anacronismos, ao significar um termo usado em determinada sociedade, em outra temporalidade, interpretando-o com nosso significado contemporâneo. Por isso não cabe aqui, colocar julgamentos sobre a sociedade castelhana do século XIII, mas sim, analisar quais representações foram usadas para formar ou construir a imagem da rainha Berenguela I naquele contexto, assim como não cabe discutir o

23 Entende-se cultura como todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro. Disponível em <<https://www.significados.com.br/cultura/>> Acesso em 22 ago. 2018. Vale ressaltar que este conceito é bastante discutido pela antropologia, na qual uma das interpretações do termo corrobora com a perspectiva que utilizei nesse trabalho.

termo/conceito de feminismo (problemática do nosso tempo) para entender a questão da mulher nas crônicas.

Como se faz necessário compreender como e por que as sociedades criam determinadas representações de si e do mundo, o conceito de *imaginário* se mostra fundamental nesse trabalho uma vez que está vinculado ao campo da representação, como expressão do pensamento, que se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade (PESAVENTO, 1995, p. 15). As imagens podem ser reviradas na mente por conta da memória, e esta imagem pode remeter a outras imagens em outros tempos e ligar a outras formas, cores, cheiros e etc. (VIGÁRIO, 2009, p. 6). O imaginário trabalha com sensações como medo, afeto, carinho, sonhos, extrapolando a ideia de ideologia, uma vez que está relacionada ao significado que este ser humano dá a determinada imagem, sendo isso múltiplo e diverso, a partir da linguagem, da cultura, da sociedade, da posição social que determinado indivíduo está inserido.

Para o conceito tradicional de fato histórico, isso está relacionado ao passado, porém, tenta-se reconstruir esse passado através de questões do presente. É nesse contexto que temos que pensar a *Primera Crónica General de España*, pois, os indivíduos que fazem parte da construção dos textos que descrevem toda a história da Espanha, reconstruíram o real (podemos tratar como reconstrução do real pois, no período não se questionava a veracidade dos relatos ou não tinha a perspectiva, contemporânea, das várias versões do real) a partir de suas perspectivas de mundo, utilizando do imaginário de seu tempo e espaço para representar os personagens que fazem parte da crônica. Isso acontece pois, um fato acontecido não é recuperado na sua totalidade, pois o passado nos chega como discurso do acontecido (VIGÁRIO, 2009, p. 6).

Vale ressaltar que os trabalhos produzidos por Alfonso X, ou com sua orientação, trouxeram várias inovações, além da produção em língua vulgar na *Primera Crónica General*, as suas obras foram os primeiros a alterarem a forma tradicional de escrever a história, já que além de narrar fatos e acontecimentos, trazia interpretações e explicações dessas narrativas. De acordo com Krzystof Pomiam (1975, p. 940-941), a inovação é relacionada a forma como era feita esse trabalho do historiador antes de Alfonso X, já que este transmitia os acontecimentos sem questioná-los apoiando no critério e no prestígio de quem fazia as transcrições, por isso o historiador copiava as suas fontes. Pomiam ainda afirma que o conhecimento era entendido como apreensão imediata de um dado, ou seja, ter conhecimento significava estar presente, tocar, ouvir ou ver determinado acontecimento. Confrontar as fontes e conter explicações dos acontecimentos relatados foi um trabalho que se iniciou a

partir da Baixa Idade Média, aonde Alfonso X tem grande importância nesse processo, pois foi percussor dessa forma de fazer história que seria amplamente desenvolvida durante o Renascimento, quando, além de apresentarem um heroísmo de algum ancestral, começaram a dar ênfase a fama desse personagem destacando, também, a perspectiva de condução das ações a partir da racionalidade, própria do período renascentista, diminuindo a providência divina sobre as ações humanas colocadas, anteriormente, como o motor da história.

Com uma perspectiva mais crítica da história, as representações também foram múltiplas, pois se existe uma representação de um passado em que não se viu, não se ouviu e não se sentiu, estas são representações do presente em que o historiador estava inserido questionando, comentando e explicando as fontes que estão trabalhando. Sendo assim, Pesavento afirma que “tentar reconstruir o real é reimaginar o imaginado, e caberia indagar se os historiadores, no seu resgate ao passado, podem chegar a algo que não seja uma representação...” (PESAVENTO, 1995, p. 17).

O estudo da história das mulheres, que até a década de 1970 não era visto como um trabalho histórico, teve, a partir da “Nova história”, a perspectiva de ter como objeto de estudo as classes não-hegêmonicas, uma vez que a questão de gênero começa a se apresentar como uma demanda social, marcada pelos movimentos feministas dos anos 1960 e 1970. Neste sentido, as mulheres começaram a ser vistas como agentes históricos, caso, também, dos operários e negros. Com essa nova perspectiva de análise histórica, apesar de o marxismo ter deixado a discussão de lado num primeiro momento, pois não era visto como um problema prioritário, essas discussões partiam da visão marxista na discussão da igualdade de classes. Assim a igualdade de gênero, desse ponto de vista, seria possível pela libertação da classe operária, somente. No entanto, a partir dos anos 1960, essa visão se modificou. Com isso se fomentou discussões para a metodologia de uma análise da história das mulheres, sendo uma que visava trabalhar essa história vista com homogeneidade e outra na questão das particularidades e análises dos contextos históricos das mulheres, visões estas orientadas pelos movimentos feministas.

Junto da metodologia, estiveram acompanhadas as questões de gênero, a discussão do conceito; e a empregabilidade no uso do termo, não sendo agora usado de maneira superficial e binário, apenas para evidenciar a diferenciação masculino x feminino.

Joan Scott inaugura esta discussão acerca do conceito de gênero, na qual existem formas diferentes de se pensar o termo enquanto construção social que define o comportamento de pessoas por seu sexo. A relação do feminismo com o gênero e como o conceito foi e está sendo trabalhado por historiadores, colocando-o junto da estrutura política,

que para se chegar à igualdade das relações de sexo, implica também nas questões de classe e raça (SCOTT, 1990, p. 19).

A autora afirma que o debate *classe, raça e gênero* sugere uma semelhança entre os conceitos, porém, enquanto *classe* está fundamentada na teoria marxista, *gênero* e *raça* não transmitem tal associação relacionada com a determinância econômica, acrescentando que o conceito de *classe* não é unânime, tendo esta, várias vertentes (SCOTT, 1990, p. 6). Alguns autores trabalharam com a explicação das origens do patriarcado, da subordinação da mulher na história e debatem qual seria a chave para tal opressão; buscando a interdisciplinaridade na psicanálise e na história social (SCOTT, 1990, p. 9).

Gênero seria elemento essencial nas relações sociais, baseado na diferença entre os sexos, ou seja, a estrutura política e as relações sociais estariam formadas primeiramente na relação binária (masculino x feminino), como a primeira forma de opressão e de significar as relações de poder. Sendo os símbolos culturais, identidade subjetiva e as nossas organizações institucionais que contribuem para essa determinação do gênero, formas de oprimir tratadas como naturalizadas para omitir as relações de poder. Como afirma Scott:

O núcleo essencial da definição [do conceito de gênero] baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. (SCOTT, 1990, p. 14)

Cada sociedade tem sua maneira de representar o gênero, pois possuem seus próprios significados e constroem o sentido da experiência. Por isso, os conceitos de *representação* e *imaginário* são tão importantes na análise de gênero, pois temos que levar em conta o contexto histórico e as imagens que são formadas sobre o homem e a mulher em Castela no século XIII, lembrando que além do contexto cristão católico em que os personagens estavam inseridos, tão relevante seria levar em consideração, o contexto da produção da crônica, porque seus produtores são os que representaram os personagens em questão. Ou seja, a partir dos personagens, atentando aos elementos constitutivos das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, que se relacionam entre si. Verificando os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas, temos que ficar atentos às representações simbólicas evocadas e suas modalidades, no caso aqui a imagem da rainha Berenguela, sempre levando em conta a historicidade (SCOTT, 1990, p. 14).

Segundo Scott (1990, p. 14), além desse, o gênero implica outros três elementos que relacionam entre si, como “os conceitos normativos que colocam em evidência o sentido dos símbolos que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas”. O conceito de gênero é expresso em doutrinas religiosas, científicas, políticas, educativas ou jurídicas que geralmente, de modo binário, tomam a forma de legitimadores do sentido do masculino e do feminino. Essas posições normativas são colocadas pelo dominante como se fossem consensual e não a partir de um conflito. No caso desta análise, os conflitos que Berenguela tem como regente de Castela, após a morte de seu pai, Alfonso VIII, mesmo ela sendo, por direito, tutora de seu jovem irmão, a nobreza não a aceita como governante, nem que seja provisoriamente, pelo fato de ser uma mulher. Sobre isso H. Salvador Martín afirma:

Berenguela se percató de que no era solo una cuestión de animosidad de la nobleza contra los clérigos que la asistían en la regencia, sino que era su condición de mujer la que llevaba a aquellos barones a pretender despojarla del trono, arrebatándole la regencia y la tutela de su hermano. Era un conflicto entre su legitimidad y la negación de la misma por parte de la élite militar y los nobles que, acostumbrados a que el poder fuera detentado por hombres, no veían con buenos ojos que pasase a manos de una mujer, por más que hubiesen jurado repetidamente su legitimidad como sucesora. (MARTÍNEZ, 2012, p. 455)

No entanto, a própria crônica revela o que talvez os homens não intencionassem na sua escrita, a importância feminina em um conflito marcadamente masculino. Pensando no que afirma Scott, esta seria a contribuição dos estudos de gênero:

O desafio da nova pesquisa histórica é explodir a noção de fixidade, descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva a aparência de uma permanência eterna na representação binária dos gêneros. Esse tipo de análise tem que incluir uma noção do político, tanto quanto uma referência às instituições e organizações sociais. (SCOTT, 1990, p. 15)

A citação acima apresenta mais um aspecto que Scott trata sobre as relações de gênero: - por isso a importância do conceito para este trabalho, considerando todos os fatores que colocamos anteriormente, de historicidade, tanto do período da construção da crônica, como o tempo em que nossos personagens estão inseridos. Trabalhar com Idade Média europeia é ter em mente a doutrina cristã católica e mais, trabalhar com a Península Ibérica, nesse período, é ter dentro de todo esse contexto, o tema da *reconquista*. O gênero não é construído exclusivamente pelas relações de parentesco, ou seja, fixando o olhar em uma esfera doméstica, de família como instituição e reprodução das normas das instituições da

sociedade; mas construído igualmente pelas forças políticas, econômicas e sociais que operam de forma independente do parentesco (SCOTT, 1990, p. 15).

O último aspecto das relações de gênero é a identidade subjetiva, que é construída a partir de todos esses elementos que colocamos anteriormente, pois para testemunhar os fenômenos e as relações sociais, é usada a diferença entre os corpos que são ligadas ao sexo, ou seja, legitimar questões que nada têm a ver com a sexualidade (SCOTT, 1990, p. 15-16), uma categoria social que é imposta a partir do corpo sexuado (FORTES, 2005, p. 266). Nesta direção Fortes afirma que:

A história de gênero preocupa-se em mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, e tenta evitar as posições fixas e naturalizadas. Para o caso do estudo da Idade Média não será diferente. A visão que aquela sociedade produziu em relação aos sexos constrói-se de acordo com seu próprio entendimento do que é ser homem e mulher, calcando-se, para isso, em uma série de fatores determinados por seu ambiente cultural específico. Entender que a realidade histórica é social e culturalmente constituída é um pressuposto central para o pesquisador que usa gênero como categoria analítica. (FORTES, 2005, p. 267)

Esse pressuposto já está sendo levado em consideração quando utilizamos esses três conceitos como ferramentas para a análise, pois não podemos responder nossa pergunta central sem tentar nos aproximar ao imaginário do espaço e período que estamos trabalhando a partir das representações que são feitas pelos autores da fonte. Assim, estes conceitos são ferramentas para conseguirmos compreender os aspectos da construção de gênero no tempo e espaço em que Berenguela I, rainha de Castela está inserida:

O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Esse papel começa a ser construído desde que o(a) bebê está na barriga da mãe, quando a família de acordo à expectativa começa a preparar o enxoval de acordo ao sexo. (CABRAL; DIAZ, 1999, p. 143)

Vale a pena lembrar, que o trecho acima usa um exemplo atual pois, debate uma problemática bastante pertinente para o nosso tempo, já que saber o sexo do bebê antes dele nascer é uma tecnologia do século XX, mas, o que nos interessa na citação são os papéis dados a cada sexo e isso inclui na sua criação, educação, trabalho, enfim, o papel social de cada indivíduo. Em linhas gerais, esses papéis sociais são determinados pela cultura, sabendo, que temos, também, outras questões sociais ligadas ao indivíduo, como a posição social deste, por exemplo, mas a partir do seu sexo, masculino ou feminino, várias perspectivas já estão predispostas e são tão naturalizados que as exceções são, muitas vezes, duramente rechaçadas.

Ou seja, Berenguela, por ser mulher já tinha seus papéis predeterminados, esses papéis são importantes para compreendermos como, mesmo sendo uma rainha, esta sofreu com determinados conflitos que seu filho, Fernando III, não passou ou, talvez, não passaria. Podemos usar o exemplo da sucessão das coroas na maioria dos reinos, inclusive o castelhano, aonde, apenas no caso de o falecido monarca não ter herdeiros homens, assume a mulher mais velha, caso que aconteceu com Berenguela, como veremos adiante. Estamos falando de uma sociedade do século XIII, aonde estes traços e essa divisão é muito mais latente, assim, qual é o papel da mulher nobre medieval castelhana deste século em questão?

Mesmo tendo mulheres, em diversas outras situações, nas coroas da Península Ibérica, inclusive, nas negociações para a unificação de Leão e Castela, como veremos mais adiante, estas terão adjetivos próprios e pertinentes para a sociedade em que estavam inseridas. Quais eram os valores da época? Qual era o ideal de mulher do período? São perguntas complexas, mas importantes para compreendermos o discurso da *Primera Crónica General de España*.

3 ARTICULAÇÕES DE UMA RAINHA MEDIEVAL: BERENGUELA I E O FORTALECIMENTO POLÍTICO DO REINO DE CASTELA

A história da humanidade é marcada por conflitos entre grupos sociais que defendem seus interesses e quando estes são analisados os pesquisadores, na maioria das vezes, encontram algumas características em comum entre os conflitos, medidas que, muitas vezes, são primordiais para certos reinos se tornarem impérios ou sociedades articularem com êxito alguma resistência ou política externa. Dentre essas características mais comuns, uma delas é o fortalecimento interno das sociedades, claro, que isso não é um axioma, mas na maioria dos casos que nos debruçamos relacionados a algum movimento expansionista ou de resistência, percebemos que a centralização política de algum grupo dominante, contribui para que este tenha êxitos em seus objetivos externos, ou seja, não tem como ajudar os outros se não estamos saudáveis consigo mesmos. Podemos usar o exemplo da Rússia durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), esta passava por uma crise interna já que a Revolução Russa explodiu em 1917, ou seja, no meio da guerra, fazendo com que os russos se retirassem do conflito, outro exemplo, é do Islã que, após o seu surgimento, conseguiu a expansão territorial, dominando a Península Arábica, o norte da África e a Península Ibérica entre outros territórios. Na Península Ibérica, depois de centralizar sua política, sofreu a fragmentação, com o surgimento de uma nova organização em forma de reinos de Taifas, estes perderam territórios, muito por conta da fragmentação que contribuiu para o enfraquecimento deles.

Este capítulo trará em uma direção, questões relacionadas ao fortalecimento político do reino castelhano-leonês em tempos de Fernando III e, de outra, apresentará, sua mãe, Berenguela I como importante protagonista nesse processo. Com suas intervenções e estratégias políticas, a rainha mãe contribuiu para que o reinado de seu filho conseguisse chegar a uma política interna favorável podendo, então, focar na luta contra os muçulmanos. Consideramos que não podemos separar o papel atribuído a ela na construção da imagem que dela foi reproduzida na *Primera Crónica General de España*. Para tanto, foi necessário também, a realização de um estudo sobre o imaginário feminino e masculino durante a Idade Média, que possibilitasse percebermos a cultura do medievo de forma a compreendermos como nesse período representavam o que era ser mulher e homem. Tal estudo será indispensável para as análises que apresentaremos no capítulo posterior. Com base nisto e fazendo uso dos conceitos e do aporte teórico que já trabalhamos no capítulo anterior poderemos fazer as análises adequadas que nos permitirão chegar a resposta da pergunta: A

imagem da rainha Berenguela contida na *Primera Crónica General de España* foi influenciada pelas relações, que atualmente denominamos de gênero? O desenvolvimento do que se segue é de extrema importância para podermos chegar a resposta.

3.1 O protagonismo de Berenguela I no fortalecimento político do governo de Fernando III: mãe, administradora e articuladora política.

Por meio da ação desempenhada por Berenguela I no processo da conquista do reino de Córdoba, ela se demonstrou como fundamental para o fortalecimento do reino de Castela, tanto no âmbito político, quanto no diplomático, uma vez que ajudou a construir um clima interno favorável para a investida organizada e preparada por seu filho. As primeiras informações sobre Berenguela na *Primera Cronica General de España* ocorre no relato referente os acontecimentos ocorridos nas cortes de Carrion de 1192, aonde seu pai, Alfonso VIII, concedia sua filha em casamento a Conrado da Alemanha (1172-1196), duque da Suábia e Rothenburg, filho de Frederico I do Sacro Império Romano-Germânico (1122-1190), casamento este que foi cancelado por questões políticas, motivos na qual a crônica não traz mais detalhes. Depois de um longo período de conflitos entre Castela e Leão, os relatos são direcionados aos acordos de trégua entre os monarcas e primos, Alfonso VIII de Castela e Alfonso IX de Leão, sendo Berenguela utilizada como instrumento para a trégua firmada entre os monarcas (RUI, 2016, p. 176-177).

Este conflito entre Leão e Castela contribuiu para fragmentar ainda mais a cristandade no final do século XII, fazendo com que o papa Celestino III (1191-1198) intervesse no conflito dos dois principais reinos cristãos da Península Ibérica até aquele momento, sendo assinado o tratado de Tordehumos, promovido pelo cardeal Gregório de Sant Angelo, assinado em 1194. Em 1197, o casamento entre Berenguela e Alfonso IX de Leão, primo direto de Alfonso VIII, pai de Berenguela, monarca que entregou a rainha para a realização de um casamento com intuítos políticos, como intuito de confirmar e garantir o acordo de trégua entre os dois reinos, além fortalecer uma união por conta dos filhos do casal. A união deste casal foi planejada para findar os conflitos entre Leão e Castela, pois iria estabelecer um duradouro período de paz entre os dois reinos já que o herdeiro, fruto desse matrimônio, unificaria os reinos, interessante também para os diversos estamentos da região, inclusive para o clero que sabia do grau de parentesco entre Berenguela e Alfonso IX (RUI, 2016, p. 177-179)²⁴. Grau

24 O capítulo em questão: “1004. El capitulo de como este noble rey don Alfonso de Castiella dio su fija por mugier al don Alfonso rey de Leon”. (PCG, 1955, p. 682)

de parentesco que será o motivo para a sua anulação sete anos depois do casamento, já que o Papa Inocêncio III anulou o casamento por questões de consanguinidade.

Porém, como o foco do trabalho se restringe em como esta foi representada em seu protagonismo para contribuição do fortalecimento de Castela, me ative desde o período da morte de seu irmão Enrique até a união de Leão e Castela²⁵, depois disso, Berenguela passa um bom período sem aparecer nas narrativas, voltados para as investidas militares, reaparecendo logo após a reconquista de Córdoba. Utilizarei, para a contextualização histórica, sua biografia, que nos auxiliará a clarear questões que na *Primera Crónica General* não constam, mas a análise será feita a partir da fonte primária.

Segundo H. Salvador Martínez, Berenguela já se envolvia com a política muito antes da morte de seu pai, Alfonso VIII, sendo ela, a mais velha dentre seus irmãos²⁶, fazendo assim com que ganhasse a confiança de Alfonso VIII, mesmo que ela não pudesse ser herdeira ao trono, pois apenas filhos homens recebiam a coroa. (OLMOS, 2003, p. 61-68).

Após a morte de Alfonso VIII, o trono iria para o único filho homem, sobrevivente, do finado monarca castelhano, Enrique I, porém, este era muito jovem e não possuía idade suficiente para governar, sendo necessário um período de regência até este alcançar a maioridade. Alfonso VIII, durante todas as vezes que esteve enfermo, produziu testamentos que afirmavam os direitos a sua esposa, Leonor, para ser a regente de Castela e tutora do rei Enrique I. Dona Leonor também fez um testamento para caso ela morresse, como aconteceu, passando este direito a sua filha mais velha, Berenguela (MARTÍNEZ, 2012, p. 442). Esta ficaria a cargo de educá-lo, sendo sua tutora e regente do reino de Castela, até Enrique I chegar à idade suficiente para poder governar.

Porém, alguns nobres se revoltaram contra Berenguela, pois, além de ansiarem pelo poder, estes não aceitavam serem governados por uma mulher (MARTÍNEZ, 2012, p. 455). Liderados pelo conde Álvaro Nuño de Lara, conseguiram tirar Berenguela do posto de regente e tutora do rei Enrique I, responsabilidades que se transferiram para o referido conde (MARTÍNEZ, 2012, p. 463-464), que manteve o jovem rei sob seus cuidados. No entanto, o jovem rei sofreu um acidente, quando brincava com outros jovens nobres. Segundo o relatado na crônica, uma telha se soltou e caiu em sua cabeça vindo a levá-lo a morte dias depois. Era o ano de 1217 e o jovem rei tinha apenas 13 anos de idade. Conforme a crônica:

25 (PCG, 1955, p. 712-724; 734-735)

26 Berenguela foi a terceira criança que Dona Leonor deu à luz, porém, as duas crianças anteriores a ela teriam falecido ainda pequenas. De todos os filhos do casal, Alfonso VIII e Dona Leonor, apenas cinco chegaram a fase adulta: Berenguela, Urraca, Blanca, Leonor e Constanza (MARTÍNEZ, 2012, p. 63-64).

Et um dia acaesçio que iogaua el rey ninno com los donzleles de sua edad, non guardado bien nin sabiamientre, como de omne que ouiesse a cuedado et nin como deuie; et um donzel, em el trebeio, subio a una torre et, por auenimiento de desauentura, derribo dalla una teia que cayo esquantra do estaua el rey don Henrique murio della a pocos dias. (PCG, 1955, p.712)

A morte do rei não foi positiva para o conde de Lara, pois, com ela perdeu o único fator que lhe dava poder²⁷; enfim, por conta de testamentos que seu pai havia feito, Berenguela foi alçada rainha de Castela em 1217. A *Primera Crónica General de España* relata esse fato da seguinte maneira:

(...) castellanos et estremadanos, de comum consentimento por el debdo de la fieldad, offresçieron el regno a la noble reyna donna Berenguella, como a heredera a quien pertenesçie el sennorio dell, pues que sus Hermanos eran finados et ella fincaua la primera fija et heredera entre las otras hermanas; et demas que se prouaua esto por ell preuilegio quel diera ende su padre el rey don Alfonso: et estaua esse priuilegio condesado en el armário de la iglesia, en la de Santa Maria, de Burgos, (...) (PCG, 1955, p. 713)

Após assumir o reino, a primeira medida de Berenguela, foi trazer seu filho Fernando para o seu lado, enviando Lop Diaz e Gonçaluo Royz para buscá-lo em Toro, no reino de Leão, onde estava com seu pai, Alfonso IX²⁸. Segundo a *Primera Crónica General*, os enviados de Castela não disseram ao rei de Leão que Enrique I havia morrido, justificando a Alfonso IX que haviam ido buscar Fernando pois, Berenguela desejava muito ver seu filho (PCG, 1955, p. 712). Cabe uma explicação, relacionada a questão do matrimônio de Berenguela I de Castela com o rei Alfonso IX de Leão (1171-1230), este que durou poucos anos por conta da anulação pelo papa Inocêncio III (1161-1216). Esse casamento com Alfonso IX foi consumado em 1197, com o aval do papa Celestino III (1106-1198), na qual nasceram cinco filhos, dentre eles, Fernando, terceiro filho do casal, sendo o primeiro homem, porém, no ano seguinte ao casamento, morre o papa Celestino III. Assim, em 1204, o papa Inocêncio III anula o casamento entre Berenguela I de Castela e o rei Alfonso IX de Leão, com a justificativa de que o monarca leonês sendo primo de primeiro grau de Alfonso VIII (1155-1214), rei de Castela de 1158 a 1214 e pai de Berenguela, alegando que o matrimônio não poderia continuar por problemas de consanguinidade. Devido a anulação, Berenguela voltou ao reino de seu pai aonde, também se dedicou a educação dos filhos, até a morte de seu

27 “Entretanto el conde don Alvaro tomo de Palençia al rey, et leuol al castiello de Tanielgo por encobrir la muerte dell (...)” (PCG, 1955, p. 712)

28 Alfonso IX foi rei de Leão de 1188 até 1230, casou-se com Berenguela em 1197 por questões políticas (MARTÍNEZ, 2012, p. 155-188), porém, o casamento foi anulado pelo papa Inocêncio III (1198-1216) em 1204, por questão de consanguinidade, pois este era primo direto de Alfonso VIII, pai de Berenguela (MARTÍNEZ, 2012, p. 189-226).

pai, o rei Alfonso VIII ocorrida em 2014. Sendo ela a irmã mais velha, tornou-se regente de Castela e, três anos depois, rainha titular entre 06 de junho de 1217 e 01 de julho de 1217, quando, com Fernando ao seu lado, renunciou ao trono de Castela em favor do filho. Conforme relatado na PCG:

Et alli ante toda la gente recibio la Reyna donna Berenguella de todos otrossi el regno por suyo, como heredera linda quel deuie auer por natura et por derecho; et alli luego otrossi ante todos, dio ella luego el regno a su fijo el rey don Fernando. Et este rey don Fernando de quien dixiemos, alabando a todos este fecho tan alto de su madre, alço las manos et bendixo a Dios por ello; (...). Et fue esto en el XVIII anno de su edadd del rey don Fernando. (PCG, 1955, p. 714)

Berenguela era sem dúvidas a herdeira legítima ao trono de Castela, como havia estabelecido a cúria de San Esteban de Gormaz em 1187 e, mais tarde, a de Carrión em 1188 (OLMOS, 2003, p. 108). Por essas circunstâncias, o trono de Castela correspondia a Berenguela por lei de sucessão, por vontade de seu pai e por juramento dos representantes do reino em 1188, porém, por conta da forte oposição que estava sofrendo e pelo exposto no tratado de Sahagún de 23 de maio de 1158, qualquer atitude equivocada poderia custar, para Berenguela, a coroa. No referido tratado firmado entre seu avô paterno, Sancho III, rei de Castela e o irmão deste, Dom Fernando II de Leão era exposto que:

(...) en la eventualidade de que muriese cualquiera de ellos sin hijo legítimo, correspondia al otro monarca heredar el reino vacante con todas sus tierras y con todos sus pobladores; además, el tratado era válido no solo para los reyes firmantes, sino también para sus hijos y para sus nietos. (...). Castilla no tenía heredero varón y aunque, conforme a la tradición hereditaria de Castilla, las hijas, en caso que faltase el varón podían heredar, era posible que el rey de León reclamase el trono de Castilla, por ser el único varón vivo, heredero de los firmantes del tratado. Su posible reclamación dependia de como se interpretase la palabra *filius* (hijo) en el Tratado de Sahagún. Si se hacía en sentido genérico de *hijo* o *hija*, entonces Berenguela era la heredera indiscutible por el simple hecho de que, de acuerdo con la tradición castellana, también podían heredar; pero si *filius* se interpretaba en sentido estricto, como *varón*, entonces Alfonso IX podia reclamar su derecho. (MARTÍNEZ, 2012, p. 503)

Por isso, suspeitando que Alfonso IX pudesse vir a reivindicar o trono de Castela, Berenguela omitiu a informação sobre a morte de Enrique I, para que pudesse sair na frente do monarca leonês na disputa. Assim, ao abdicar imediatamente o trono em favor de seu filho, Fernando (menos de um mês depois de assumir), talvez, estivesse com receio de não ser aceita como rainha, pelo fato de ser uma mulher e sofrer com pressões por parte da nobreza, como

aconteceu no período da regência, quando sofreu um golpe por parte dos condes de Lara. É importante destacarmos que a herança do trono castelhano havia sido definida e redefinida diversas vezes. Primeiramente Alfonso VIII concedeu o direito de herança do trono a Berenguela I, conforme documento de 1181 até 1189 quando, nasceu o segundo filho varão do monarca castelhano, Fernando de Castela (1189-1211), já que o primeiro filho de Alfonso VIII, Sancho (1181), havia falecido com 3 meses de idade. Fernando foi o herdeiro ao trono até 1211 quando, com 21 anos de idade, ficou doente e faleceu, sendo substituído pelo filho caçula do monarca, Enrique I (1204-1217). A morte de Alfonso VIII, 3 anos após a morte de Fernando, iniciou uma regência. Porém, como Enrique I era muito jovem para ter filhos, gerando um herdeiro ao trono, e redigir um testamento com uma indicação, a próxima herdeira era sua irmã Berenguela, enfrentada diretamente pelo poderoso conde de Lara, um governante efetivo de Castela (OLMOS, 2003, p. 105-106).

Alfonso IX, reivindicava o trono de Castela, possivelmente, por conta do casamento entre os dois, anulado em 1204, do qual nasceu um herdeiro, Fernando. Para Alfonso IX, se Berenguela fosse a rainha, o herdeiro seria Fernando, seu filho, assim, caberia reivindicar o trono de Castela, pois em outros momentos, na disputa de sucessão, “o reino de Castela havia aceitado a sucessão feminina, na falta de homens herdeiros diretos ao trono, mas o exercício de poder é reservado ao marido da herdeira, ou a seu filho” (OLMOS, 2003, p.63). Assim, talvez, por isso Berenguela decide abdicar o trono em favor do filho, temendo perder este para seu ex-marido. Este, foi um período bastante conturbado na política castelhana, com Alfonso IX, reivindicando castelos perdidos em tratados anteriores (MARTÍNEZ, 2012, p. 452); uma nobreza que não a respeitava pelo fato de ser mulher (MARTÍNEZ, 2012, p. 455); além da ameaça iminente de um derramamento de sangue, fato que os Laras estariam dispostos para alcançar o poder novamente (MARTÍNEZ, 2012, p. 455), forçando assim Berenguela a ceder à pressão de seus rivais políticos.

As medidas que Berenguela tomou após ficar sabendo da morte de seu irmão, o rei Enrique I, mostra a cautela da rainha e uma leitura que esta fez sobre o momento conturbado de Castela, temendo possíveis represálias. Porém, mesmo com essas medidas, Fernando e Berenguela sofreram com ataques por parte de alguns nobres, principalmente dos condes de Lara, família importante da corte castelhana, que se uniram ao rei de Leão. Segundo a crônica, os homens de Castela foram avisados que Sancho Fernandez, irmão de Alfonso IX, “vinha com uma grande multidão de cavaleiros contra a rainha Berenguela e seu filho, o rei Fernando” (PCG, 1955, p. 713).

Nesse período de conflitos com os condes de Lara, Berenguela era a protagonista, estando no título de capítulos, como “o capítulo da franqueza da rainha Berenguela e da prisão do conde Don Alvaro” (PCG, 1955, p. 715), que consiste na captura do conde Alvaro e seus parceiros, segundo a crônica, inimigos de Fernando e Berenguela, que são usados para negociações que beneficiaram os monarcas já que estes condes, em troca da liberdade, tiveram que ceder castelos e fortalezas para Berenguela e Fernando, contribuindo para retomar o poder do reino. Na crônica, os adjetivos mais usados para se referir à rainha são: “sábia”, para colocar que a rainha tinha sabedoria suficiente para levar o reino de Castela ao crescimento e relacionada a formação que esta rainha teve; já o adjetivo “nobre rainha”, talvez para afirmar a sua legitimidade ao trono, mesmo esta sendo rainha legítima do reino de Castela, já que seus irmãos faleceram, reforçar a ideia para os, principalmente, nobres que terão contato com a crônica parecia, naquele momento, pertinente. Após um período de conflitos com os condes de Lara, tempo que a crônica não deixa claro, os cavaleiros de Castela conseguiram prender o conde Álvaro Nuño de Lara (PCG, 1955, p. 715-716). Um ponto importante para o fortalecimento do reino de Castela estava na negociação que Berenguela realizou com o conde Álvaro, o mesmo que disputou poder com a rainha anos antes, durante a regência de Enrique I. A importância dessa negociação para o fortalecimento do reino de Castela que, mais tarde, ajudou Fernando III na conquista da cidade de Córdoba, foi o número de castelos e fortalezas que este conde e seu irmão, Fernando, cederam à rainha em troca de liberdade (PCG, 1955, p. 716)²⁹. Mais do que isso, negociaram sua vassalagem para com o rei Fernando e a rainha Berenguela que, enfim, conseguiu derrotar um inimigo político, o que mais lhe causou problemas desde o início de sua participação mais direta com a política castelhana (PCG, 1955, p. 716). Fernando passou a ser reconhecido por todos como rei de Castela.

(...) et a la enterga destes castiellos, fecha al rey et la reyna, el conde don Alvaro fuesse tenido de seguir et aguardar al rey con çient caualleros, fasta que el rey ouiesse tomados los castiellos et menudos soe l su poder. Mas con tod esto, fasta que la pleytessia fuesse complida, el conde don Alvaro fue metudo en poder de Gonçaluo Royz. Estonçes el rey don Fernando tomo su hueste et fuesse porá reçibir el castiellos de Castroxeriz; et el conde don Fernando, maguer que tenie abondo de viandas et de armas, et guerreasse y dellos, pero pues que el rey llego, dio los castiellos Castroxeriz et Monçon; mas con tod esso, a esta pleytesia; que fincasse el

29 “(...) que el conde don Alvaro diesse a la reyna donna Berenguella et al rey don Fernando todos los castiellos que les tenie, conuienie a saber: Cannel, Alarcon, Amaya, Tariago, Cesareo, Villafranca de Montes dOca, Torre de Bilforado, Nagera, Nayara; et estos castiellos todos dados et a la reyna, el conde don Alvaro que fuesse suelto et dado por quito de la prision. Et estos otros castiellos: Castrozeriz et Monçon, tenie el conde don Fernando, su Hermano del conde don Alvaro; (...)” (PCG, 1955, p. 716)

por su vassallo del rey, et touiesse del en tierra aquellos castiellos como su vassallo próprio. (...). Et el rey don Fernando, desta guisa recebido de todos por rey, començo por toda la tierra de vsar complidamientre de su poder real. (PCG, 1955, p. 716)

Porém, os condes de Lara não estavam satisfeitos com sua situação diante da monarquia, e estando sem força militar e política para combater Fernando e Berenguela³⁰, estes recorreram ao rei de Leão, Alfonso IX³¹. O monarca leonês se uniu aos condes para atacar o reino de seu filho; talvez, estes, teriam lhe persuadido para que o monarca leonês reclamasse o trono de Fernando III. Mas o que os condes de Lara poderiam ter dito a Alfonso IX para convencê-lo a fazer uma guerra contra sua ex-mulher e seu filho? Segundo Rodrigo Ximenez de Rada, este ansiava pelo poder (MARTÍNEZ, 2012, p. 528). Porém, não contavam que o conde Álvaro Nuño de Lara iria se ferir gravemente e que “homens bons” meteriam trégua entre Alfonso IX e Fernando III, o que deixou o ferido conde aflito, morrendo tempos depois (PCG, 1955, p. 717). Seu irmãos, Fernando e Gonçaluo, que sempre estiveram ao lado de Álvaro na oposição contra Berenguela também viriam a falecer. O primeiro, esteve muitos anos a serviço do rei de Leão (MARTÍNEZ, 2012, p. 559), mas morreu em Marrocos (PCG, 1955, p. 717)³²; o segundo, havia tentado uma reconciliação com o rei de Castela, o que não durou muito, sendo exilado junto dos muçulmanos, e morrendo no exílio (MARTÍNEZ, 2012, p. 558/ PCG, 1955, p. 719)³³.

Berenguela tomou medidas importantes para o reino de Castela; uma delas, e que a crônica dá bastante ênfase, foi o casamento de Fernando III.

Et otrossi cuenta la estória: porque era cosa desapuesta de tan gran príncep como este don Fernando, rey de Castiella, ueuir desordenado et por casar et sin mugier linda, la reina donna Berenguella su madre, quel siempre quiso guardar de las cosas desapuestas et non conuinientes, pensso en como casasse esse rey don Fernando, su fijo; et casol com Donna Beatrîç, que era fija de don Felippo, rey de Alemanna, et despues electo emperador de los romanos, et essa donna Beatrîç otrossi fija de donna Maria fija dedon Corsac, emperador de Costantinopla. (PCG, 1955, p. 718)

30 É interessante ressaltar que a *Primera Crónica General* coloca em várias situações, principalmente durante os conflitos e negociações com a nobreza, a figura da mãe e do filho juntos; “rei Fernando e rainha Berenguela” ou “o rei e a rainha”, deixando claro o protagonismo político de Berenguela como correinante do reino de Castela.

31 “Et ellos, ueyendo que ya nin em em Val de Enebro non podrien fincar nin fazer ende guerra ninguna nin lo que pesasse al rey et a la reyna, fueronse poral rey de Leon a meterle en coraçon, si guisarlo pudiessen, que mouiesse guerra contra su fijo don Fernando, rey de Castiella; (...)” (PCG, 1955, p. 717)

32 “(...) acaecio al conde don Fernando que enfermo muy grauemientre, et fizosse leuar a um varrio que es çerca de Marruecos, et dizenle Elbora, ca em aquel varrio, assi como cuenta la estoria, non morauaotro sinon cristianos solos: et tantol aquexo alli la enfermedad que entendio que murrie.” (PCG, 1955, p. 717)

33 “Et passados algunos dias despues daquello, el conde don Gonçaluo que sse pasara a moros dotra uez, porque non podie auie bien fazer del rey de Castiella commo el querie, tornose de cabo a los moros; et mientre moraua em tierra de Cordoua, em la uilla que dizen Baena, enfermo y de grieue enfermedad, tanto que ouo ende a morir; (...)” (PCG, 1955, p. 719).

Apesar de ser um casamento com intenções políticas, pois contribuiria para aumentar suas redes de relações, a crônica ainda ressalta a imagem da mãe.

Et essa reina donna Berenguella, assi como criara con grand cuedado et con grand guarda a esse su fijo rey don Fernando, assi le leuo por tal carrera todauia en sus fechos, que en paz que en atemprança de todo bien gouernasse el reyno en la tierra, segund la costumbre de su auuelo el noble don Alffonso rey de Castiella. (PCG, 1955, p. 718)

Para H. Salvador Martínez, Berenguela buscava uma estabilização do reino, após as tensões com os condes de Lara, procurando estabelecer novas relações e consolidar outras já existentes com as famílias reais e nobiliárquicas da Europa (MARTÍNEZ, 2012, p. 603)³⁴. Berenguela também se preocupava, como vimos nas citações acima, com a integridade moral do filho, que ainda era muito jovem, 25 anos, temendo que Fernando III tivesse comportamentos indignos como rei cristão. Berenguela manteve sua preocupação durante todo o reinado do filho, sendo responsável por buscar, também, a segunda esposa do monarca, mesmo que este já estivesse com 37 anos, como relata a *Primera Crónica General* neste trecho:

Porque el gran entendimento del rey don Fernando non menguase de su nobleza nin valiese menos por andar en agenos desconuenientes ayuntamientos de mugeres, la noble Reyna Berenguella su madre, ouo coraçõ de buscarle con quien casase; et catol una noble donzella de grant linaie, sobrinha de muy noble don Loys rey de França, fija ella de don Simon el noble conde de Pontis, (...) (PCG, 1955, p. 735)

Martínez, baseado na *Crónica Latina de los reyes de Castilla*³⁵, ressalta uma questão importante que deve ser considerada na escolha de Beatriz da Suábia como esposa de Fernando: Berenguela, buscava uma princesa distante da Península Ibérica, da Inglaterra e da França, por causa do risco de ter o casamento anulado por conta da questão da consanguinidade, fato que aconteceu com ela. Por isso mostrou grande cautela e procurou uma esposa que não tivesse a remota possibilidade de relação de parentesco (MARTÍNEZ, 2012, p. 563).

34 Ao final do reinado de Fernando III, sua família estava aparentada com as poderosas famílias dos Haros, Lara, Téllez, Ponce, Guzmán, Cameros y Girón além das famílias reais de Aragón, Portugal, Navarra, Alemanha, França, Inglaterra e o império bizantino. (MARTÍNEZ, 2012, p. 603-604)

35 ALFONSO X. *Crónica latina de los reyes de Castilla*. trad, castellana de L.Charlo Brea. Madrid: Akal, 1999.

Fernando III de Castela e Leão

Em 1230, com o falecimento de Alfonso IX de Leão, ex-marido de Berenguela e pai de Fernando III, o direito ao trono do reino Leão passou a ser de suas filhas Sancha e Dulce, frutos do casamento com Teresa de Portugal³⁶. Berenguela informou a Fernando que ele poderia receber o trono de seu finado pai, agindo com cautela, porém, de maneira rápida, antes que “nascesse por ventura algum estorvo” (PCG, 1955, p. 722). Dessa forma pode-se pensar, a partir do discurso da crônica, que Berenguela já planejava este momento o que demonstra que uma mulher tinha habilidade e astúcia política, características consideradas à época como masculinas.

Unir os dois reinos, Leão e Castela, era importante para a governabilidade de seu filho, este, além de governar um território maior, ainda aumentaria sua força, não só contra muçulmanos, mas também em relação aos vizinhos cristãos, já que, após a unificação, a Galizia, governada por Alfonso IX, também passa a ser de Castela, o que aumentava significativamente o poder em relação aos reinos de Portugal, Navarra e Aragão. Assim, esta investida é tratada na crônica com a importância que o acontecimento tem, principalmente, se levarmos em consideração que o reino de Leão e Castela não se uniam desde 1157, quando, com a morte de Alfonso VI e a delegação dos reinos de Leão, para Fernando II e, Castela, para Sancho III, estes ficariam separados até 1230, fazendo com que esta fosse a união definitiva dos dois reinos e o início da supremacia castelhana na Península Ibérica, que permaneceria durante os séculos posteriores.

Durante a partida dos “grandes homens de Castela” para a cidade de Valencia, Fernando recebeu um comunicado de mensageiros de Teresa de Portugal, sobre a composição de um acordo, não querendo guerra e males (PCG, 1955, p. 723-724). Berenguela, segundo a crônica, interveio temendo um desastre no acordo e o início de uma guerra, indo ela própria para Valencia se encontrar com Teresa de Portugal e suas filhas, Sancha e Dulce, para “falar de paz e compromisso entre elas e o rei Fernando” (PCG, 1955, p. 724).

Et desde que amas las reynas donna Berenguella et donna Teresa fueron en vno en Valençia en sus vistas, tanta fue la sabiduria de la noble Reyna donna Berenguella, que ella sopo alli guisar con la Reyna donna Teresa que las ynfantes donna Sancha et donna Alduença diesen de llano et en paz al Rey don Fernando, su hermano mayor et heredero, todas quantas cosas ellas

³⁶ Teresa de Portugal (1175-1250) foi casada com Alfonso IX de Leão de 1191 até 1196, um ano antes do casamento do monarca leonês com Berenguela de Castela, 1197. O casamento foi anulado pelo papa Celestino III, o mesmo que aceita o casamento de Berenguela e Alfonso IX, por razões de parentesco, pois, o monarca e Teresa de Portugal, eram netos de Alfonso I de Portugal (1109-1185) e Mafalda de Saboya (1125-1157).

tenien del regno, et ellas que se touiessen por auondadas et pagadas de aquello que ella et el rey don Fernando les diesen, et sy ellas algun derecho auien en el regno, que se partiesen dello simplemente et sin toda contenda; et la Reyna donna Teresa et la ynfantes hermanas del rrey don Fernando acogieronse a esta pleytesia et a esta abenencia con el rey su hermano, otorgaronla et firmaronla. (PCG, 1955, p. 724)

A crônica apresenta Berenguela como responsável pela negociação com Teresa de Portugal, entregando ao seu filho o trono do reino de Leão³⁷. Para tanto, ficou acordado que seriam pagos as infantas a quantia de “convenientes e bons 30 mil maravedis³⁸ de ouro para cada uma delas e o que precisassem até o fim de suas vidas” (PCG, 1955, p. 724), com isso, os reinos de Castela e Leão voltavam a estar unificados. Uma observação importante a ser destacada é ~~de~~ que essa negociação foi feita exclusivamente por mulheres, ou seja, em um ambiente dominado por homens, as circunstâncias possibilitaram este acontecimento que definiu a unificação de Leão e Castela.

A rainha Berenguela I, conseguiu entregar os reinos de Castela e Leão, com sabedoria e destreza, adjetivos e comportamentos atribuídos aos homens – em especial aqueles pertencentes à nobreza - fortalecendo o reino para seu filho começar sua investida militar contra os mouros. Importante atentar como a trajetória da rainha e, principalmente, esse episódio das negociações para unificação do reino de Leão e Castela, desmonta o discurso religioso e cultural construído sobre a passividade feminina e a sua condição privada e familiar, reproduzido por séculos com resquícios nos períodos próximos a contemporaneidade. Vale ressaltar, que na Península Ibérica, mesmo com o imaginário do período, tema que será abordado no próximo item, tenham existido diversas rainhas políticas, inclusive no reino de Castela, como por exemplo, Urraca I de Leão e Castela (1080-1126), que governou diante adversidades e deixou um legado importante por conta de sua diplomacia e êxito em manter os reinos unidos e, a mais famosa, Isabel I de Castela (1451-1504), a católica, figura importante no final do século XV na luta contra o reino de Granada, último reino muçulmano presente na península, na união com o reino de Aragão, quando se casa com Fernando II de Aragão (1452-1516) e no financiamento do projeto de Cristóvão Colombo (1451-1506) para chegar até as Índias. Ou seja, mesmo com todos os problemas que permearam as mulheres que governaram na Península Ibérica, por direito, elas mantiveram seu poder, indo na contramão do imaginário feminino da Baixa Idade Média e do restante da

37 “(...) et daqui pareçio mucho la sabiduria de la noble Reyna donna Berenguella quan grant fue, porque por el su grant entendimiento dio ella el reyno de Leon a su fijo rey don Fernando, (...)” (PCG, 1955, p. 724)

38 Maravedi: Antiga moeda de pequeno valor que circulava na Península Ibérica. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/maravedi/>> Acesso em 07 nov. 2017.

Europa. A política – “coisa de homens” – estava sendo feita por uma figura feminina, a quem se atribuía o pecado e a passividade. Obviamente, não estamos lidando com uma heroína que sozinha toma essas medidas, parte da nobreza, mesmo nos momentos mais difíceis, a apoiavam, tendo que contar com esses apoios para conseguir êxito nos planos por ela arquitetados, porém, a *Primera Crónica General de España* não deixa claro quem são estes apoios, atribuindo o sucesso de Fernando III a rainha Berenguela. Como dissemos, Berenguela não foi a primeira mulher a ter protagonismo político, nem seria a última, principalmente na Península Ibérica, mas essas mulheres são exceções para um período marcado pela submissão da mulher nas sociedades.

Os capítulos posteriores são voltados às cavalgadas de Fernando até o reino que conquistaria em 1236, porém, após a tomada da cidade e Córdoba, Berenguela aparece novamente na narrativa, feliz pela reconquista de seu filho Fernando, mais que isso, sendo colocada como responsável pela educação de Fernando III:

Et esa noble reyna Donna Berenguella muy alegre por aquello que su fijo el Rey Don Fernando auie conquerida La çipdat de Cordoua, asi commo ella pensaua de su fijo El Rey por conseio et por ayuda de quantas cosas ella auie que a el conpliesen, asi mague que Ella estaua alluene, fizo gracias muchas a Dios et grande con mucha alegria, bendiziendo mucho el su nonbre, porque La antigua dignidat destaiada en cristianos por La míngua de los príncipes, era cobrada a Espanna por La sabiduria della et por la sabiduria della et por el acuçia del rey don Fernando su fijo. (...). Et esta noble reyna donna Berenguella que mesuraua de ante las cosas et las veye, et seguie las buenas obras de su padre don Alfonso rey de Castiella – que nunca fue gastadero de regno et sienpre ouo virtudes et las obras dellas – sienpre fue con Dios, et por este mereçimiento que auie en ella se marauillaron della los moros de los nuestros tienpos, ca non vino y fenbra que la semeiase; et por ende dize la estória que roguemos Dios por ella que la guarde por luengos tienpos yl de a uer las cosas que na de venir quel plegan, et ser abondada de fechos de bien , fasta que ella de el bienauenturado espiritu al su Redemidor, cuyo es. (PCG, 1955, p. 735)

A crônica não apenas evidencia a importância política e diplomática da rainha, mas também, a importância desta como correinante, que seguiu as obras de seu pai, possuindo a admiração dos cronistas e dos responsáveis pela difusão da crônica, pois, tanto seu neto, Alfonso X, e seu bisneto, Sancho IV, mantiveram a imagem positiva que aparece na edição final da *Primera Crónica General*. O escritor deixa transparecer a admiração que sente por ela, parecendo que esta já havia falecido, evidenciando o tempo em que foi escrito, mesmo que esta ainda viveria mais 10 anos após a reconquista da cidade Córdoba.

3.2 O imaginário medieval: A importância das representações na construção da imagem da mulher e do homem medieval.

A Idade Média foi o período ápice da submissão das mulheres, pois seus comportamentos eram limitados pela sociedade medieval cavaleiresca e masculina, estas não tiveram vozes, vendo suas histórias e vivências serem relatadas por homens, na maioria das vezes, religiosos (LEAL, 2012, p. 2). A Igreja, como instituição mais forte do período medieval, foi de fundamental importância para que a mulher fosse cada vez mais contida e silenciada. Na Península Ibérica não foi diferente, mesmo com suas particularidades, por ser um contexto totalmente distinto do resto da Europa, por conta da presença de muçulmanos e judeus no território.

As mulheres eram consideradas pecadoras por natureza, ligadas aos prazeres carnis e dos sentidos humanos; eram vistas dessa maneira porque, segundo a Igreja, descendiam de Eva, a culpada pela decadência humana. Conforme Nascimento:

Ao ser a primeira mulher, Eva passa a projetar sua carga de pecadora sobre a existência feminina. E embora ela tenha sido criada a partir do homem - e por isto seja parte integral da essência humana - ela representa a parte vulnerável deste. Ela é a responsável pela perda do Paraíso. (NASCIMENTO, 1997, p. 85-86)

Ou seja, o imaginário medieval foi construído a partir da ótica cristã, em que homens idealizam a mulher perfeita na figura de Maria, ou justificavam a submissão destas a partir da figura de Eva. As crônicas medievais nos permitem avaliar o que os homens, em geral, acreditavam ser uma mulher perfeita. “Mas dessa mulher temos somente a imagem, o ideal imaginado por um homem. Logo ela não está em relação direta com ele” (FORTES, 2005, p. 269). Isso significa que não necessariamente a forma como a mulher era pensada correspondia ao que ela era na realidade, pois ser mulher era algo mais amplo e complexo, envolvendo relações de poder e resistência.

A *Primera Crónica General* não é diferente, escrita e compilada por homens, estes reproduzem as representações que fazem parte da sociedade castelhana do século XIII. Portanto, há um propósito para Berenguela ser representada na crônica da maneira conforme apresentamos. Sua imagem, como rainha e avó de Alfonso X, deveria estar relacionada a figura de Maria, por conta do imaginário cristão que relacionava a mulher de maneira binária: Eva ou Maria, mal ou bem, pecado ou pureza:

Os discursos são proferidos, em sua quase totalidade, por aqueles representantes do pensamento aparentemente mais fechado às experiências femininas, os membros da alta cultura clerical. (...). Mas, ela aponta, a obra se preocupa em dar aos leitores instrumentos para considerar uma das características mais marcantes das relações entre os sexos na Idade Média: a presença, em todos os níveis das relações sociais, de modelos de interpretação e, para as mulheres, de comportamento. (FORTES, 2005, p. 271)

As relações de gênero envolvem tanto mulheres, quanto homens, ou seja, por estarem inseridos no mesmo contexto, sociedade, cultura, leis e etc, o homem medieval também possuía representações de sua figura, a diferença está na composição das imagens, pois, não devemos tratar a mulher, em uma análise histórica, de maneira isolada, pois “a visão que aquela sociedade produziu em relação aos sexos constrói-se de acordo com seu próprio entendimento do que é ser homem e mulher, calcando-se, para isso, em uma série de fatores determinados por seu ambiente cultural específico” (FORTES, 2005, p. 267).

O homem, como ser dominante na Idade Média, tinha que ter uma imagem relacionada a virilidade, a honra, a força, sendo a mulher um ser frágil que devia ser submissa ao poder masculino (LEITE, 1999, p. 44). A virilidade masculina deveria ser exaltada, simultaneamente, as mulheres deviam se reservar as questões espirituais, sendo a reverência e a caridade dois sentimentos que deveriam ser cultivados (LEITE, 1999, p. 44), assim, o jogo educativo que premiava os valores viris, cavalheirescos e a liberdade sexual estava presente na vida dos jovens solteiros (LEITE, 1999, p. 45).

O matrimônio, fundamentado numa noção de herança, era usado nos estamentos superiores para estabelecer alianças endogâmicas para reproduzirem as relações de poder e riqueza do seu meio (LEITE, 1999, p. 43). Vamos abrir um parêntese para lembrar que Fernando tem uma questão particular em relação a afirmação anterior, pois este não se casou com alguém aparentado, pois havia o risco de seu casamento ser anulado, fato, como já mencionamos, que aconteceu com Berenguela, mas, a intenção do casamento do monarca castelhano com Beatriz da Suábia continuou sendo política, em busca de novas alianças.

Os homens como dominantes do período medieval, deveriam ter todos estes atributos, além da fé cristã, por motivos óbvios, questões todas presentes na *Primera Crónica General de España*. Os vários personagens que aparecem, são colocados com esse instinto guerreiro e político, inclusive Fernando III, porém este tem outros adjetivos que lhe são endereçados, exclusivo para a figura do rei. A figura feminina é difamada em diversos textos durante a Idade Média, mesmo que tenhamos vários exemplos de mulheres que assumiram papéis políticos importantes, como a rainha Berenguela I, o imaginário relacionado a figura feminina

é negativo, tanto pelas perspectivas bíblicas como pelos escritos de filósofos antes e durante o período medieval. No caso da *Primera Crónica General de España* as mulheres são pouco representadas nominalmente, geralmente, na figura de uma monarca, como Berenguela, mas um dos capítulos que antecede a queda dos Godos para a entrada muçulmana na Península Ibérica, trata de como o “rei Vitiza mandava aos clérigos que tomassem mulheres quantas quisessem” (PCG, 1955, p. 304), o interessante é que este capítulo antecede ao que trata dos pecados que o diabo colocou na Espanha, apresentando-a como um local cheio de pecados, segundo a crônica, primordial para a queda destes para os muçulmanos, como um castigo (PCG, 1955, p. 304-305). Assim, nesse contexto, dá-se a impressão de que as mulheres estão ligadas a luxúria, aonde as justificativas para a queda dos Godos acontecem a partir dos preceitos religiosos, relacionados ao pecado em uma perspectiva maniqueísta, própria do Cristianismo e na culpabilização de um traidor, o conde Julian (PCG, 1955, p. 304-310).

Essa ideia já havia aparecido em outros escritos, anteriores a *Primera Crónica General de España*:

Por uma espécie de habilidoso curto-circuito, as condenações da natureza e da fisiologia femininas correspondiam a pronunciamentos misóginos instruídos pelo entendimento teológico medieval. Por exemplo, o influente enciclopedista Santo Isidoro de Sevilha (c.570-636), nas suas *Etymologiae* [Etimologias] (1911, XI. i. 140), comenta sobre o poder destrutivo e maléfico do mênstruo. Nesse particular, Santo Isidoro de Sevilha estava seguido Plínio (*Naturalis Historia*) e impulsionando uma sólida tradição que tratou dos danos provocados pelo sangue menstrual como, por exemplo, Vincent de Beauvais (*Speculum naturale* [Espelho da natureza], XXXI. 24) e Papa Inocêncio III (*De misera condicionis humane* [Sobre a mísera condição humana], (...)) (FONSECA, 2011, p. 257)

O que se pode pensar do imaginário da Península Ibérica do século XIII, se a perspectiva cristã já colocava as mulheres com o estigma bestializado? A cristandade tem uma contribuição gigantesca para a formulação da cultura da região, já que estamos falando de um período aonde, além da perspectiva religiosa nortear a filosofia, o contato e convívio com outras religiões, como o judaísmo e o islamismo, também podem contribuir para enraizar mais ainda a cultura cristã, temendo, talvez, que as outras religiões monoteístas venham a “tomar conta” da população que habitava aquele local, provavelmente, devia ser uma preocupação das autoridades cristãs do período. Claro, são reflexões levantadas a partir do que sabemos sobre o imaginário feminino medieval, questões que não poderei responder nesse trabalho, por não haver tempo, mas que poderá, quem sabe, ser objeto de estudo futuramente, por enquanto, vale a reflexão.

Se Eva vem da costela de Adão, a mulher é criada a partir do homem, o que já evidencia uma explicação de inferioridade natural, já que esta vem como uma criação secundária, da costela do primeiro que foi criado “em imagem e semelhança de seu criador”. Importante notar a forma como foi descrita a criação da mulher nas sagradas escrituras e os termos que são utilizados: “Javé Deus disse: 'Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante'.” (BÍBLIA, 1990, p. 15). Chama a atenção o termo auxiliar designado para definir a função da semelhante que estava sendo procurada, já que significa prestar ajuda, capaz de socorrer e/ou indivíduo de funções secundárias³⁹, ou seja, a mulher não é a protagonista, mesmo sendo semelhante, está para auxiliar o homem, na sequência do versículo citado, Deus cria todos os animais que o homem nomeou para, depois, retirar uma costela de Adão e criar a mulher (BÍBLIA, 1990, p. 15-16). Vale a pena ressaltar que seria importante fazer um estudo sobre a etimologia da palavra auxiliar, pode ter ocorrido alguma confusão na tradução do hebraico para o latim, já que na escritura em latim, o significado auxiliar também se faz presente⁴⁰, o que corrobora com o argumento anterior, já que a escritura na língua latina era utilizada na Europa Medieval.

Ora, não é difícil perceber que toda essa construção da imagem da mulher na Idade Média, empreendida por clérigos e homens ligados à Igreja, representou um instrumento de domínio e controle sobre o sexo feminino, essa instância tão misteriosa, desconhecida e que infundia temor aos homens. Identificadas com Eva, as mulheres foram condenadas por sua loucura, autonomia e concupiscência. (SALTARELLI, 2011, p. 503)

O trecho acima nos sintetiza o que seria o imaginário da mulher na Idade Média, uma construção social a partir de perspectivas religiosas que norteiam as culturas europeias, inclusive a do tempo e espaço que estamos trabalhando, a Península Ibérica do século XIII, dominado pela perspectiva cristã, aonde a religião interfere na religiosidade das sociedades da região. Thiago César Saltarelli traz uma perspectiva ainda mais interessante sobre a imagem feminina na Idade Média: A partir do século XII essa imagem da mulher vinha a ser resgatada a partir da figura de Maria (SALTARELLI, 2011, p. 503), que tem uma imagem contrária a figura de Eva. Trazer a imagem da Virgem Maria, é trazer a imagem de outra figura feminina, é ligar o feminino a uma “nova” perspectiva, já que esta é vista por sua humildade, caridade, castidade, obediência e temência a Deus seria a figura e o espelho ideal para as mulheres

39 Disponível em <<https://www.dicio.com.br/auxiliar/>> Acesso em 26 jul. 2018.

40 “Dixit quoque Dominus Deus: Non est bonum esse hominem solum : faciamus ei adiutorium simile sibi.” (Ge 2:18). Disponível em <<https://newchristianbiblestudy.org/bible/latin-vulgata-clementina/genesis/2/18>> Acesso em 15 ago. 2018.

medievais. É plausível, a partir destes imaginários, que as mulheres, em sua maioria, não queriam ter sua imagem ligada a figura de Eva, mas sim, a de Maria. Para nós, seres humanos do século XXI pode parecer irrelevante, mas em um período e espaço em que a cultura é formada e norteadas a partir dos preceitos cristãos, as figuras bíblicas se tornam referências para os sujeitos: Quem iria querer ter sua imagem relacionada a Judas Iscariotes, por exemplo? É sinônimo de traidor. Termo usado até os dias de hoje.

O discurso cristão de hierarquia sexual não vem apenas da Igreja Católica e nem se iniciou com ela, muito longe disso, o contexto sociocultural pode ter influenciado o discurso do Cristianismo (MOTA RIBEIRO, 2000, p. 2), ou seja, o discurso patriarcal do Cristianismo emergiu de sociedades patriarcais. A imagem que o Cristianismo ajuda a enraizar é, como dissemos, voltado para a visão binária entre Eva e Maria, assim, Eva é a imagem do que a mulher é e, Maria, é a imagem do que a mulher deveria ser (MOTA RIBEIRO, 2000, p. 3). Ora, se a Igreja foi a instituição política e religiosa mais importante do Ocidente durante, principalmente, a Idade Média, podemos supor, sem receio, que esta contribuía significativamente na construção da cultura das sociedades medievais, ou seja, os valores, o ideal de mulher e o imaginário do período era moldado pelas representações do Cristianismo reproduzidas por diversos autores durante o medievo, cada um com seus interesses e particularidades, como podemos analisar nesse trecho.

Essas características refletem toda uma filosofia e um ponto de vista sobre as mulheres, desenvolvidos pelos clérigos do período medieval. Baseando-se nas Escrituras, identificaram as mulheres em geral com Eva e, a partir daí, foram elas condenadas como grandes pecadoras. Tradicionalmente, o papel de Eva na Queda é entendido como mais grave que o de Adão. Conforme se lê na *Patrologia Latina*, 14, col. 303 (*apud* Duby e Perrot, 1990, p. 35), Ambrósio de Milão afirma: “A mulher é que foi a autora da falta para o homem, não o homem para a mulher”. (SALTARELLI, 2011, p. 502)

3.3 A imagem da rainha Berenguela segundo a *Primera Crónica General de España*: como a crônica a representa?

Sendo a *Primera Crónica General de España* organizada pelo seu neto, Alfonso X, concluída por seu bisneto, Sancho IV, tendo sua representação escrita por um arcebispo que estava a serviço de Castela, Rodrigo Ximénez de Rada, a mando de seu filho, Fernando III, qual seria a imagem que Berenguela I de Castela teria representada na obra? Trabalhamos anteriormente com a relação de gênero e um dos pontos que Joan Scott trabalha pode nos

ajudar a entender a representação de Berenguela. “Eva e Maria, como símbolo da mulher, por exemplo, na tradição cristã do Ocidente, mas também mitos da luz e da escuridão, da purificação e da poluição, da inocência e da corrupção” (SCOTT, 1990, p. 14). Por ser uma rainha (e levando em consideração os envolvidos na obra), Berenguela não poderia ter sua imagem como a de uma mulher “comum”, relacionada a Eva, sinônimo de pecado, corrupção e impureza, relacionada muitas vezes com outros acontecimentos vistos como tragédias, como por exemplo, a mulher que ajudou a corromper o reino dos Godos para a invasão muçulmana em 711 d. C.⁴¹

A *Primera Crónica General de España* não relaciona Berenguela com a Virgem Maria de maneira explícita, porém, coloca elementos que possam deixar essa imagem subentendida; utilizando-se de adjetivos de mediadora, protetora, negociadora, tal como a virgem Maria é mediadora e negociadora diante de Deus, além de que, se ela não poderia ser relacionada com Eva, a outra figura do imaginário medieval teria que aparecer na representação feita a rainha Berenguela I.

(...) a representação, o corpo, a sexualidade das mulheres diante os discursos da doutrina religiosa e sua influência na sociedade medieval, que a figura do feminino era silenciada perante o poder patriarcal exercida sobre a civilização, pois, a definição de ser mulher estava estereotipada apenas em ser “santa” ou “pecadora”, (...) (SILVA; TEDESCHI, 2010, p. 4)

Relacionado a citação acima, no estereótipo binário da mulher medieval, fruto da doutrina cristã, alguns elementos característicos da mulher “santa” foram atribuídos a Berenguela na construção da imagem dessa mulher medieval “perfeita” e idealizada. A crônica enfatiza alguns termos, como “castidade” e “índole de bem”, como na citação a seguir, quando esta herda o trono de Castela.

Et essa noble reyna Berenguella, estando guardada en castidad et en atemplamiento de todo bien, apremiandosse ella misma sobre todas las duennas del mundo, quisiera tomar ali luego el regno pora si; (...) (PCG, 1955, p. 714)

O papel de mãe exercido por Berenguela aparece algumas vezes na crônica. A primeira é quando Fernando III se prepara para fazer a investida de reconquista, partindo para

41 Segundo Ximenez de Rada, a causa imediata volta a ser a violação da filha (Florinda?) de Julian – que sobressaía em beleza às demais – pelo rei Rodrigo, acontecimento ao qual nosso cronista acrescenta uma nota erudita “Outros afirmam que violou a esposa do Conde” (NOGUEIRA, 2001, p. 292). Os escritos de Ximenez de Rada, *De hebus Hispaniae*, foi uma das bases para a *Primera Crónica General de España* (NOGUEIRA, 2001, p. 293).

a luta contra os muçulmanos, e Berenguela que “quer o amor de seu filho”, tenta impedir Fernando III de sair em luta naquele momento. É interessante notar também, que este relato é colocado no mesmo capítulo em que se fala dos filhos que Fernando III teve com Beatriz da Suábia, mais precisamente, logo após nomeá-los. Acredito que isso tem por função expressar a ideia de unidade familiar, do amor e da preocupação de Berenguela como mãe zelosa e preocupada com seu filho (PCG, 1955, p. 720).

Et la noble reyna donna Berenguella, su madre del rey don Fernando, con amor e con bien querencia dese su fijo, querendo el estoruar de yr uengar los tuertos que los moros le fazien, fizol consagrar a Dios, asi commo diz la estoria, los comienços de su caualleria, et alongar por mas tiempo las treguas que el auie puestas con los alaueres, et non le dexaua mover pora alla. (PCG, 1955, p. 720)

Outro exemplo de como a figura materna de Berenguela estava relacionada à imagem de “sábua rainha”, como articuladora política de Castela, aparece no capítulo em que Alfonso IX morre, quando esta age de maneira rápida.

Onde la noble reyna Berenguella, su madre del rey don Fernando, com cuedado de madre, salio al rey don Fernando bien aca al camino por o vinie, por acuziarle que fuese quanto mas podiese a reçibir el regno de ssu padre, ante que nasçiesse y por ventura algun estoruo. (PCG, 1955, p. 722)

Vale ressaltar como a figura materna está associada com a astúcia política da rainha, preocupada em tomar as medidas mais rapidamente, na reivindicação do reino de Leão, antes que algum imprevisto pudesse atrapalhar, mas “com cuidado de mãe”. Berenguela é a protagonista do capítulo, tendo adjetivos a ela atribuídos por conta de seu acordo com Teresa de Portugal, sendo ressaltada sua sabedoria em duas ocasiões: primeiro, durante a conversa de negociação⁴², e depois ressaltando como ela teria sido grande, que com sabedoria deu o trono de Leão a seu filho Fernando⁴³. Outra observação é a imagem criada para Berenguela quando esta decide intervir e se dirigir para a cidade de Valência com a intenção de chegar a um acordo com Teresa de Portugal; a *Primera Crónica General* mostra a imagem da rainha misericordiosa e preocupada com seu povo, afirmando a figura materna.

42 “Et desde que amas las reynas donna Berenguella et donna Teresa fueron em vno en Valência em sus vistas, tanta fu ela sabiduria de la noble reyna donna Berenguella, (...)” (PCG, 1955, p. 724).

43 “(...) et daqui pareçio mucho la sabiduria de la noble reyna donna Berenguella quan grant fue, porque por el su grant entendimiento dio ella el reyno de Leon a su fijo rey don Fernando, (...)” (PCG, 1955, p. 724).

(...) pero la noble reyna donna Berenguella, commo reyna sabia et de piedat, temiendo el astragamiento del reyno et el maltraymiento de los menores et de los pobres, trabaiose en desuiar guerras et su mal; et guiso et libro con el rey don Fernando su fijo commo fincase el alli en Leon, et fuese ella a Valençia a la reyna donna Teresa et a las ynfantes sus fijas que eran y, a ueelas et fablar con ellas de paz et de abenençia entre ellas et el rey don Fernando; (...). (PCG, 1955, p. 724)

Por isso podemos trabalhar, baseado em um imaginário medieval, com a figura de Berenguela relacionada à imagem de “Virgem Maria”, ou seja, relacionada a imagem de como a mulher deveria ser, pois esta é “piedosa”, “misericordiosa”, “sábia”, “cuidadosa”, “guardada em castidade”, com “índole de bem”, preocupada com o matrimônio de seu filho, para que este não caísse no pecado da carne, e acima de tudo, “mãe”.

A *Primera Crónica General de España* ainda ressalta, nesse capítulo, sua participação na entrega dos dois reinos, agora unificados, para seu filho Fernando III, porém, lembrando que esta conseguiu a união sem guerras, “sempre em paz e alegria” (PCG, 1955, p. 724), reforçando sua importância como articuladora política, mediadora e mãe.

(...) et daqui paresçio mucho la sabiduria de la noble reyna donna Berenguella quan grant fue, porque por el su grant entendimiento dio ella el reyno de Leon a su fijo rey don Fernando, no menos que quandol dio el reyno de Castiella que perteneçie a ella rrazon de heredera: ca de guisa sopo ella ordenar todas las cosas, que maguer que com el ayuntamiento destos dos reynos pesaua fascas a todos, ella se trabaio de fazerlo em manera que, sin sangre et sin outra contenda, se fizo el ayuntamiento dellos, et las yentes visquieron sienpre en paz et en alegria. (PCG, 1955, p. 724)

A imagem da rainha Berenguela como a mãe, administradora e sábia é colocada na *Primera Crónica General* com bastante ênfase; temos que levar em consideração que o fato de ter sido produzida por seu neto, Alfonso X, e escrita por seu amigo, o arcebispo Rodrigo Ximenez de Rada, tem influência direta nos adjetivos endereçados a determinados indivíduos, mas o que temos que nos questionar é como essa mulher medieval, apesar de todas as adversidades, tem sua imagem exaltada e reconhecida dentro de uma política dominada por homens sendo atribuído a ela, conseguir compreender a conjuntura política do período, contribuir para o fortalecimento do reino, criando redes de relações e estratégias, que serviriam de base para uma calma interna que colaboraria para uma centralização dos reinos, podendo assim se voltar para o projeto de reconquista. Como esse papel, atribuído pelo imaginário da sociedade medieval aos homens, cavaleiros e responsáveis pelo processo de reconquista e unificação política dos reinos, é assumido por uma mulher. E mais, reconhecido pelos próprios homens.

4 FERNANDO III: O REI CRISTÃO, O CONQUISTADOR CASTELHANO-LEONÊS E O SANTO CATÓLICO

Para a reconquista de Córdoba, algumas ações foram de extrema importância para que se conseguisse realizar tal feito. Fernando III, como já dissemos, foi considerado um grande rei por conta de sua importância política e religiosa, tendo a alcunha de rei santo e conquistador, tendo a reconquista da cidade de Córdoba papel fundamental para a construção e reprodução dessa imagem.

Nesse capítulo discorrerei sobre as estratégias de Fernando III que, também, contribuíram para o fortalecimento interno do reino de Castela e Leão e a trégua entre os reinos cristãos que culminou na reconquista de Córdoba, momento propício para colocar em prática o seu projeto de reconquista. Essa temática comentamos no início dessa dissertação, faz parte do contexto do período e parte das preocupações do monarca castelhano-leonês. Assim, também veremos como a crônica relata as ações relacionadas a reconquista de Córdoba. Tratarei da imagem do rei Fernando III, pois, não podemos entender as relações de gênero sem compreender o imaginário masculino e o feminino, assim o capítulo anterior se torna indispensável para a construção desse, pois nele foi feita a análise do imaginário feminino e masculino medieval.

4.1 Diplomacia, estratégias e redes de relações: A reconquista de Córdoba segundo a *Primera Crónica General de España*.

Desde a sua subida ao trono até a unificação de Leão e Castela, Fernando III resolveu as questões políticas junto de sua mãe, que era protagonista. Contribuiu para isso sua experiência política, antes mesmo de assumir o trono de Castela em 1217, a partir daí até a tomada de Córdoba em 1236, Fernando ainda toma algumas medidas que são importantes para o projeto de reconquista.

Primeiramente, após ser alçado rei de Leão, sendo aclamado por todos, o rei Fernando III, se encaminha direto para Portugal, onde, em 1231, ou seja, um ano após a reunificação dos dois reinos, faz o Tratado de Sabugal com o rei Sancho II (PCG, 1955, p. 724). Este tratado visava a manutenção de uma relação de paz entre os reinos e definir os eixos de expansão político-territorial de cada um (DIEHL, 2008, p. 33), assim, não tendo disputas com os outros reinos cristãos, Fernando III pôde colocar em prática o seu projeto de reconquista.

A partir daí a crônica trata das cavalgadas que foram feitas de cidade em cidade, na luta contra os muçulmanos, até chegar à cidade de Córdoba. Alfonso, herdeiro do trono, e

Alvar Perez, foram enviados primeiramente, para cavalgadas em terras mouriscas (PCG, 1955, p. 725). Esse período anterior a tomada de Córdoba é chamado na *Primera Crónica General* de “Cavalgadas de Jérez”, esta relata a importância de alguns personagens, a importância religiosa em momentos de adversidades e a tomada de cidades como Jérez (PCG, 1955, p. 726-729), Ubeda (PCG, 1955, p. 729) e Palma (PCG, 1955, p. 725).

Após adversidades relacionadas a desvantagem numérica dos cristãos em relação ao exército do rei Abenhut (PCG, 1955, p. 725; 726), a crônica relata a aparição de Santiago, o patrono dos castelhanos, que teria ouvido o chamado dos soldados cristãos e surgiu em um cavalo branco. Interessante notar que a *Primera Crónica General* apresenta que os próprios mouros haviam visto a figura de Santiago, acredito eu, com a intenção de tentar passar mais veracidade a visão.

Et fueronlos ferir, llamando todos a vna uoz “Sanctiago!”, et a las vezes “Castiella!” (...). Et dizen, asi commo los moros mismos afirmauan depues, que paresçio y Santiago en vn cauallo blanco et con senna blanca en la mano et con vn espada en la outra, et que andaua y con el vna ligion de caualleros blancos; et aun dizen que angeles vieran andar sobre ellos por el ayre; et que estos caualleros blancos les semeiaua que les estroyen más que ninguna otra gente. Et aun pieça de cristianos uieron esta uision. (PCG, 1955, p. 727)

A partir da aparição de Santiago, os mouros “dexaronse uençer”, indo os cristãos em direção a eles, “matando et catiuando”, fazendo a eles “tan grant mortandat”, encerrando os árabes em Jérez (PCG, 1955, p. 727). Após a reconquista de Ubeda, Fernando III buscava a reconquista de algo maior, como “cuenta la estoria que es Cordoua çipdat rreal et commo madre de las otras çipdades del Andalozia” (PCG, 1955, p. 729), juntando cristãos para ir contra a cidade mais importante da Andaluzia. A crônica conta que Córdoba estava muito bem guardada, por isso decidiram atacar em uma noite que fizesse “flerte tienpo et que fuese escura por o mas encobiertamente lo podiessen fazer” (PCG, 1955, p. 729).

A questão religiosa também fica clara no capítulo, quando Domingo Muñoz dá o conselho quando estão prestes a invadir o local onde os mouros estão dizendo a todos que “façam o sinal da cruz e que se peçam a Deus, a santa Maria e ao apóstolo Santiago para que possa acabar com isto pois, estavam ali a serviço de Deus, e assim entrariam disfarçados de mouros para se apoderarem da primeira torre” (PCG, 1955, p. 730).

Alvar Colodro e Benito de Baños subiram as torres disfarçados como mouros, até que quatro mouros foram surpreendidos enquanto estavam dormindo, esses cristãos os despertaram e disseram o que estavam buscando, até que um dos mouros disse na orelha de

Alvar Colodro que iria ajudá-los, porém, os cristãos os mataram, tomando a torre (PCG, 1955, p. 730). Mas os árabes, já de manhã, foram para o centro da vila e lutaram contra os cristãos invasores, se vendo acuados, cristãos mandaram mensageiros para o rei Fernando III e a Alvar Perez, que era um poderoso nobre e cavaleiro (PCG, 1955, p. 730). Fernando estava em Benavente, saindo rapidamente da cidade quando recebeu a notícia, porém choveu, enchendo os rios, atrasando a ida de Fernando a Córdoba. Durante a ida para Córdoba, o monarca parou em Benquerencia, que pertencia a um “alcaide mouro que era bom cavaleiro e bom homem” que deu a Fernando vinho, pão e cevada. O monarca pediu para o alcaide mouro o castelo e o mouro respondeu: “tu teras que ganhar Cordóba, enquanto não acabar com isso, não terá este castelo, quando terminar, lhe darei o castelo e irei te servir” (PCG, 1955, p. 731).

Quando Fernando chegou aos cristãos que estavam encurralados, estes se animaram, “esquecendo o quanto mal haviam passado até ali”. Neste momento a crônica coloca um personagem chamado Llorençio Suarez, que havia sido expulso por Fernando em Castela e andava com Abenhut. Fernando tinha pouca gente, mas Abenhut era muito precavido e precisava saber como estava as hostes do inimigo, por isso confiou em Llorençio Suarez, pois, este “queria mal ao rei Fernando” (PCG, 1955, p. 731-732). Abenhut o chamou e perguntou: “Llorençio, ¿que me conseias que faga sobre tal fecho que quiero fazer?”, este deu o conselho de deixa-lo ir com mais três cavaleiros durante a noite, para espionar a tenda a onde estavam os cristãos; conselho que foi aceito por Abenhut (PCG, 1955, p. 732). Assim Llorençio Suarez foi com os três cavaleiros até as hostes do rei Fernando III, quando se aproximou pediu para que seus acompanhantes o esperassem e partiu em direção a tenda do monarca castelhano-leonês. Llorençio pediu para que chamassem o rei Fernando, que autorizou a entrada em sua tenda:

(...) et el rey mandol entrar, et quando entro antel, dixol el rey: “¿aquí eres, Llorençio Suarez? ¿como oeste venir ante mi?” Et el le dixo: “sennor, uos me echastes a tierra de moros por mio mal, et aquel mal tornose en bien para uos et para mi”; desi contol toda la manera de como era alli venido. (PCG, 1955, p. 732)

Fernando III perdoou Llorençio Suarez, o aceitando novamente como seu vassalo, que deu conselhos a pedido do rei de como derrotar Abenhut. Este disse a Fernando para fazer muitas fogueiras para dar a impressão de que sua hoste é muito maior do que realmente é, por sua vez, Llorençio Suarez disse para Abenhut que o exército de Fernando era muito forte (PCG, 1955, p. 732). No dia seguinte, Abenhut recebe a notícia de que o rei de Aragão, Jaime, “venia con todo su poder sobre Valençia”, o rei mouro reuniu seu conselho e chamou

inclusive Llorençio Suarez para decidir o que fazer nessa situação. Estes o aconselharam a partir contra Aragão primeiro, pois este era menor do que as investidas de Castela e Leão em Córdoba (PCG, 1955, p. 733). Assim, Córdoba ficou desguarnecida, sabendo disso, a partir das informações de Llorençio Suarez, foram avançando e cercando até tomar a cidade. Para piorar a situação dos muçulmanos, Abenbut morto e Jaime conseguiu tomar Valencia. Os árabes que ficaram em Córdoba “salieran de cuerpos saluos, et no mas, a uida”, por fim, o rei Fernando “mando luego poner la cruz en la mayor torre” (PCG, 1955, p. 733).

Para selar a reconquista de Córdoba, a *Primera Crónica General* coloca em seu último capítulo sobre o feito⁴⁴, a transformação da mesquita de Córdoba em igreja, feito importante para consolidar a reconquista da cidade, já que sua tomada tem status de cruzada. Este acontecimento ocorreu por conta das várias estratégias e redes de relações feitas previamente que contribuíram para o fortalecimento do governo de Fernando III. Durante o confronto na cidade de Córdoba, questões do acaso ajudaram o rei a reconquistar a cidade, porém, cabe a observação que, pelo contexto histórico da produção da crônica, todos estes acontecimentos que contribuíram para a tomada de Córdoba têm um fundo religioso, perceptível durante a narrativa.

4.2 A representação de Fernando III na *Primera Crónica General de España*.

A *Primera Crónica General de España* também apresenta uma imagem do rei, obviamente, de maneira diferente como trata Berenguela, até porque, como afirmado no primeiro capítulo, a crônica tem um projeto político relacionado ao fortalecimento régio.

O adjetivo mais colocado para se referir a Fernando III, é o de rei “bem-aventurado”, ou seja, que goza da eterna beatitude, que foi beatificado pela Igreja⁴⁵. Na crônica, quando o rei Fernando morre, a mesma o trata como santo⁴⁶, dada a sua importância no projeto de reconquista, que contribuiu para a tomada de grande território, contribuindo para um aumento da força castelhana na Península Ibérica e, mais tarde, na Europa ou parte do projeto político de Alfonso X, para o fortalecimento régio, ao relacionar o pai com a figura de santo. Como nesse título do último capítulo da *Primera Crónica General de España*:

44 “1047.Capitulo del refazimento et del heredamiento de la yglesia de Cordoua, et de las canpanas tornadas a Santiago.”(ALFONSO, 1955, p. 733)

45 Disponível em <<https://dicionariodoaurelio.com/bem-aventurado>> Acesso em 15 ago. 2018.

46 “1135. Miraglos que Dios fizo por el santo rey don Fernando, que yaze em Seuilla, despues que fue finado; por la qual razon las gentes non deuen dubdar que santo confirmado de Dios non sea, et coronado em el coro celestial em conpanna de los sus altos siervos.” (PCG, 1955, p. 774)

1135. Miraglos que Dios fizo por et santo rey don Fernando, que yaze en Seuilla, despues que fue finado; por la qual razon las gentes non deuen dubdar que santo confirmado de Dios non sea, et coronado en el coro celestial em conpanna de los sus altos slervos. (PCG, 1955, p. 774)

Esse é trecho é importante para compreender o que aconteceria séculos mais tarde, durante o século XVII, quando, em 1622, o rei Felipe IV (1605-1665)⁴⁷ iniciou o processo de canonização de Fernando III. O período era da Reforma Católica, com grande exaltação do catolicismo, principalmente na Península Ibérica, assim, a canonização de figuras populares contribuiria para exaltar o catolicismo, já aproveitando a exaltação da canonização de Santa Teresa, São Ignácio de Loyola, São Francisco Xavier e São Isidoro Labrador, feitas no mesmo ano. Esse foi um processo lento que durou décadas. Em 1655, o papa Alejandro VIII reconheceu o culto a Fernando III que tinha caráter imemorial, constando em relatos de escritores e cronistas, além da devoção da população de Sevilha que enxergava no monarca castelhano-leonês o responsável por devolver a cidade “ao culto cristão”, como se lia em sua lápide colocada por Alfonso X (JIMÉNEZ, 2006, p. 284-286).

O papa Clemente IX (1600-1669), dizia que, depois de sua morte, Fernando havia sido reconhecido por sua piedade popular com este nome de Santo, aonde se foram destinados cultos e atribuídos milagres, concluindo que, “sem dúvidas, este venerável servo de Deus goza de eterna glória de sua divina Majestade, com méritos de ser canonizado e colocado ao lado dos demais santos” (JIMÉNEZ, 2006, p. 286). Assim, em 04 de fevereiro de 1671, Fernando III foi o primeiro rei espanhol a ser canonizado pela Igreja Católica, pelo papa Clemente X (1590-1676) (BECERRA, 2006, p. 176-177). Sendo a *Primera Crónica General* uma obra que serviu de referência para produções posteriores, vale a reflexão de que esta também contribuiu para a canonização de Fernando III. Além do termo “santo”, outro adjetivo destinado ao monarca é o de “aventurado”, que remete a sua ousadia quando este decide acabar com a trégua e iniciar uma investida contra os árabes (que sua mãe o convenceu a não fazer naquele momento) (PCG, 1995, p. 720).

Baseado no imaginário medieval masculino, relacionado a força e a virilidade, Fernando aparece como um grande procriador, parte da crônica se ocupa em citar todos os nove filhos que Fernando teve com Beatriz⁴⁸, pela quantidade de filhos, mostra-se uma

47 Na edição que me estava usando se referia ao monarca Felipe III (1578-1621), porém este já estava morto em 1622.

48 Alfonso, primogênito e herdeiro ao trono; Fradique; Fernando; Enrique; Felipe, que sua avó Berenguela deu ao arcebispo Rodrigo de Toledo; Sancho, que também foi com o arcebispo Rodrigo de Toledo para se dedicar a Igreja; Manuel; Leonor, que morreu ainda pequena e Berenguella, que colocaram virgem em um monastério. (PCG, 1955, p. 720)

imagem de rei viril, mas que não fere a moral cristã, pois são dentro da instituição do casamento (PCG, 1955, p. 720).

Neste período relatado na crônica, Fernando aparece como rei legítimo, mas, na maioria das vezes é apresentado próximo a sua mãe, quem de fato governava o reino. Fernando III aparece como protagonista nos momentos que antecedem a reconquista de Córdoba, quando aceita os conselhos de Llorençio Suarez, personagem que é fundamental tanto para o desfecho da conquista, já que este personagem aparece como fiel a Fernando III, logo após de dar conselhos a Abenhut, agindo como um “agente duplo”, se tornando vassalo e fiel ao monarca castelhano-leonês⁴⁹. Após a tomada de Córdoba, aparece um importante relato da exaltação dos símbolos cristãos, na expulsão dos “infiéis”, concretizando uma parte importante do projeto de reconquista. Segue o trecho abaixo:

(...) et el rey don Fernando mando luego poner la cruz en la mayor torre
 (...) Et el rey luego man a mano, mando poner la su senna real cerca de la cruz de Nuestro Sennor Dios, et començo lugo boz de gozo et de alegria a sonar et ser oyda en las tiendas de los iustos, esto es de fieles de Cristo; (...)con el muy noble rey don Fernando et con la yglesia et la fe del rey del çielo que entraua alli aquela ora con el rey don Fernando, et con ellos.
 (ALFONSO X, 1955, p. 733)

Quando o rei Fernando manda logo colocar a cruz na maior torre (em negrito), evidencia a imposição da religião cristã em detrimento da muçulmana, é o ato simbólico da reconquista de Córdoba, assim, o trecho acima fortalece essa relação da expulsão do “infiel” muçulmano.

4.3 As relações de gênero e a construção da imagem dos sujeitos históricos: comparações da imagem de Berenguela I com a imagem de Fernando III.

A rainha Berenguela I de Castela e o rei Fernando III são representados na crônica de maneiras distintas, por diversos motivos, posição, funções políticas e gênero. O fato de serem de gêneros diferentes fazem com que os monarcas tenham determinados adjetivos direcionados. Darei alguns exemplos.

Como vimos em relação ao imaginário feminino medieval, Maria era a imagem de como a mulher deveria ser e Eva como a mulher é, assim, pela posição de Berenguela e levando em consideração que quem escreveu sobre a rainha de Castela estava a serviço da

49 (PCG, 1955, p. 731-733)

coroa castelhana, sua imagem seria construída e representada da forma mais próxima de como a mulher deveria ser, por isso os adjetivos relacionados a representação de Maria.

Já Fernando III teve sua imagem relacionada ao papel do homem medieval, mais precisamente de um monarca e a responsabilidade que este carregava, os adjetivos são o que se espera de um rei, ou o que a população gostaria que este fosse. Não vamos entrar no mérito se realmente Fernando III era como escreveu Rodrigo Ximénez de Rada, vale lembrar que o arcebispo de Toledo escreveu a mando de Fernando III e, com certeza, o monarca castelhano-leonês não iria gostar de ter sua imagem ligada a um “tirano” ou “impiedoso” governante, acredito eu, que Alfonso X e Sancho IV também não gostariam que a imagem de seu pai e seu avô, respectivamente, fosse negativa pois, poderia atrapalhar suas intenções políticas.

Enquanto a rainha Berenguela era representada com adjetivos relacionados a figura materna, de uma rainha “mediadora” e preocupada com seu filho, Fernando III tem seus adjetivos voltados para a imagem de um grande rei conquistador, quando este é “bem-aventurado e misericordioso”, pois o rei deve ser amado ou temido, preferiram a primeira opção.

Mas um dos pontos mais importantes para conseguirmos, enfim, encaminhar para o final da questão é quando a crônica quer deixar claro, quais os papéis dos gêneros no período em questão. Após a reconquista da cidade de Córdoba, Berenguela aparece como responsável pela educação de Fernando III, o que mostra que a crônica reconhece a importância da rainha na tomada de Córdoba, porém, chama a atenção quando o autor destaca a atuação da rainha.

Ca esta muy noble reyna donna Berenguella, asi commo cuenta la estoria, ai enderesço et crio a este fijo Don Fernando en buenas costumbres et en buenas obras sienpre, que los sus buenos ensennamientos et las sus buenas acuçias quel ella ensenno dulçes commo miel, segunt diz la estoria, non çesaron nin quedaron de correr sienpre al coraçon a este rey don Fernando, et con tetas llennas de virtudes le dio su leche de guisa que maguer, que el rey don Fernando era ya varon fecho et firmado en edat de su fuerça conplida, ssu madre la reyna donna Berenguella non quedo nin quedaua de dezirle et ensennarle acuçiosamente las cosas que plazen a Dios et a los omnes – et lo tenien todos por bien – **et nuncal mostro las costunbre nin las cosas que perteneçien a mugeres**, mas lo que fazie a grandez de coraçon et a grandes fechos. Ca esta muy buena et noble reyna donna Beringella con tamanna acuçia guardo sienpre este fijo yl metio en el coraçon fechos de obras de piedat de omne varon, mancebo et ninno, que todo linaie de omnes, esto es varon et muger: et toda pletesia dellos, esto es el libre et el quito el adebdado: et todos los tenidos a outra uida, esto es todos los otorgados a orden: et toda la naçion, fascus toda gente: et toda lengua, ssintiese en talente con el fecho en este rey don Fernando, et que la muchedumbre de las virtudes non partida en el, entendiesen todos et viesen que partie el obras de misericórdia a todos. (PCG, 1955, p. 735)

Além do capítulo fortalecer a relação da mãe, quando apresenta a relação do ensinamento de Fernando com a amamentação⁵⁰ e deixar claro que esta rainha tinha bons ensinamentos sobre questões políticas e, claro, religiosas⁵¹, o fragmento apresentado tem uma das questões mais importantes percebidas no papel da mulher medieval. Apesar de todos os feitos, ações e medidas tomadas pela rainha Berenguela que lhe dão um papel de destaque para o fortalecimento do reino de seu filho, a crônica deixa claro que Berenguela era figura distinta do restante das mulheres de seu tempo, quando esta lhe atribui a sabedoria de Fernando por conta de seus ensinamentos, mas enfatiza (em negrito) que Berenguela “nunca mostrou os costumes e as coisas que pertencem às mulheres” (PCG, 1955, p. 735), ou seja, mesmo tendo a educação de sua mãe, este não aprendeu os costumes das mulheres, pois Berenguela nunca ensinou, pois não pertencem aos homens, assim, os feitos relacionados a Fernando III, pertence aos homens. Como pertenceria as mulheres se seus costumes não lhe foram ensinados?

A partir do que foi apresentado neste trabalho, podemos concluir que as relações de gênero estão presentes nas representações dos personagens da *Primera Crónica General de España*, pois a partir do imaginário do período, baseado numa sociedade com estrutura patriarcal, que estava fundamentada na religião cristã, as relações de gênero estão presentes nos adjetivos que são direcionados aos personagens, nos feitos que são exaltados e nas descrições da importância de cada personagem nos acontecimentos marcantes. Berenguela I tem sua imagem representada a partir de vários fatores, já que o escritor, Rodrigo Ximenez de Rada, era seu contemporâneo e estava a serviço do reino de Castela, este tem questões de apreço, vassalagem e interesses pessoais para falar dos monarcas castelhanos, mas como este está inserido em uma sociedade, este tem visões formadas, valores e estereótipos que está inclinado a reproduzir, por ser culturalmente aceito, ou seja, a imagem de Berenguela e Fernando são da rainha e do rei ideal.

Essas representações serão lidas por um público mais amplo, por isso este é redigido em língua vulgar, ou seja, o castelhano, mais acessível a nobreza o que tira a exclusividade dos clérigos, dominantes do latim. Assim, independente das questões políticas e intenções de aumento do poder régio que Alfonso X almejava ao iniciar a produção de uma crônica que compilava “toda a História da 'Hispania'”, as representações estão ligadas ao imaginário do

50 “(...) et con tetas llenas de virtudes le dio su leche de guisa que maguer, (...)” (PCG, 1955, p. 735)

51 “(...) ssu madre la reyna donna Berenguella non quedo nin quedaua de dezirle et ensennarle acuçiosamente las cosas que plazen a Dios et a los omnes - (...)” (PCG, 1955, p. 735)

período, então, mesmo que a representação seja criada com o objetivo de alcançar um objetivo político, esta carrega traços e perspectivas próprias de sua cultura, aliado as visões de mundo e as problemáticas de cada tempo e espaço. A construção da *Primera Crónica General de España* foi um projeto ambicioso, que serviu como referência durante séculos, mas foi produzida em um contexto conturbado politicamente e tinha suas intenções e objetivos, sendo uma fonte importante para entender o contexto ibérico do século XIII.

Berenguela I de Castela foi uma monarca que, junto com o seu filho, conseguiu fortalecer o reino castelhano. A atuação de ambos foi decisiva para a supremacia cristã sobre a muçulmana na Península Ibérica. Mas, mesmo que ela seja exaltada como uma grande rainha, nos relatos contidos na *Primera Crónica General*, ela também é apresentada como uma mulher. Tem o seu espaço e é representada como a sociedade castelhana do século XIII enxergava a figura feminina desempenhando os papéis que eram a elas destinados. Assim, as relações de gênero, termo e preocupação do nosso tempo, existiam e continuaram a existir, inclusive no tempo e espaço que estamos inseridos. Essa problemática das relações de gênero e as poucas representações femininas na política, nos cargos de chefia, instituições em geral e etc., tem é relacionada com as relações de gênero e como estes papéis são atribuídos, baseados no sexo, antes mesmo do nascimento desse indivíduo. Existem as profissões para homens e mulheres, brinquedos para meninos e meninas, enfim, atividades determinadas a partir do gênero, construído a partir do que cada sociedade enxerga de si e dos outros, ou seja, é uma questão cultural: Por que uma menina não pode brincar de carrinho? Por que meninos têm brinquedos destinados a determinadas a profissões como uma oficina mecânica com caixa registradora⁵² e, para meninas, uma cozinha infantil, com fogão e lava-louças,⁵³ ou uma boneca que simula um bebê?

Vale lembrar que, por conta da luta dos movimentos feministas, esse cenário está sendo, e continuará, problematizado com o intuito de diminuir as desigualdades entre gêneros que interferem na sociedade brasileira em um geral, já que as manifestações de machismo são constantes e estão enraizadas, desde o ambiente público, quando mulheres recebem menos que homens, mesmo ocupando funções semelhantes⁵⁴, ou no privado, quando mulheres têm jornadas de trabalho dobradas por somar, o trabalho remunerado fora de casa, com o trabalho doméstico, não dividido com o parceiro, uma questão cultural que está relacionada ao

52 Disponível em <<https://www.toymania.com.br/oficina-com-caixa-registradora-carros---toyng/p>> Acesso em 26 ago. 2018.

53 Disponível em <<https://www.toymania.com.br/cozinha-infantil-4-0-com-realidade-aumentada---big-star/p>> Acesso em 26 ago. 2018.

54 Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham-menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior>> Acesso em 26 ago. 2018.

imaginário que a sociedade tem em relação papéis dos gêneros. Além, claro, das violências físicas e psicológicas que estão em diversas esferas na sociedade brasileira, minimizados por muitos, contribuindo com que esses problemas se perpetuem.⁵⁵

Nessa linha, estudar a rainha Berenguela I de Castela e seu protagonismo político dentro de uma estrutura patriarcal marcada com conceitos religiosos, a meu ver, contribuirá para reflexões e debates desses temas que trouxe anteriormente, com o intuito de diminuirmos as desigualdades de gênero e fomentar a autonomia crítica dos jovens brasileiros. Pensando nisso, formulei um objeto de aprendizagem, que poderá trazer essas perspectivas de levantar o debate, apresentar novos protagonistas históricos, além de dialogar com a nova geração de alunos, na tentativa de criar um ensino democrático, reflexivo, crítico e prazeroso.

⁵⁵ Disponível em <<https://emais.estadao.com.br/blogs/nana-soares/em-numeros-a-violencia-contra-a-mulher-brasileira/>> Acesso em 26 ago. 2018.

5 A MÚSICA COMO OBJETO DE APRENDIZAGEM

Os recursos de aprendizagens são utilizados para facilitar as aulas, tanto para professores, que poderão utilizar algo diferente do “giz e quadro” para atrair a atenção dos alunos que terão a oportunidade de aprender com um recurso diferente do habitual, o que amplia as chances de assimilação e compreensão de determinado conceito ou conteúdo, além de democratizar o acesso ao conhecimento, já que devemos levar em consideração que cada pessoa tem a sua forma de aprender, ou seja, alguns aprendem ouvindo, outros tem que escrever e anotar, outros necessitam de audiovisuais, outros precisam de atividades, assim, quando o professor leva diversas maneiras de trabalhar com os temas que são delimitados em sala de aula, ele está dando oportunidades de aprendizagem para todos os alunos.

Neste capítulo explicarei qual é o objeto educacional que faz parte desse trabalho científico, aqui apresentarei os motivos que me levaram a trabalhar com a música em sala de aula e, conseqüentemente, fomentou a construção desse material educacional, diferentes formas de trabalhar com música no processo de aprendizagem, o que é o objeto educacional, como o construí e como pretendo lidar com este material após o término desse curso. Reservarei algum espaço para explicar como enxergo esse objeto de aprendizagem e como utilizei este material em sala de aula, já que trabalho com o Ensino Básico Brasileiro, aonde explicarei como utilizei o material, quais as atividades, recepção dos alunos e resultados pedagógicos. Este trabalho, mesmo concluído, terá uma continuidade com a intenção e perspectiva de crescimento, ou seja, ele não se encerra aqui, portanto, continuo aberto a sugestões.

5.1 A importância da música como objeto de aprendizagem

No ensino tentamos encontrar as melhores maneiras de fazer com que o aluno se interesse pela aprendizagem, sinta prazer em estudar e compreenda o valor do que está sendo ensinado para o seu cotidiano. Essas preocupações fazem com que educadores e diversos profissionais da tecnologia e da música, trabalhem novas ferramentas para melhorar a relação de ensino-aprendizagem no ensino básico. A música é “uma das artes mais ligadas à matemática e à física” (MOREIRA; MASSARANI, 2006, p. 292), esta afinidade deve estar presente no ensino lúdico, pois se trata de uma arte que está no cotidiano da população, e que pode despertar, não apenas o interesse pela ciência em questão, mas também pela música.

Esta é uma alternativa lúdica para que os alunos verifiquem a ciência como um tema que está presente no seu cotidiano, poucas vezes percebido. Além de proporcionar o aumento de conhecimento específico, este é um elemento de aprendizagem cultural que também estimula a sensibilidade, a reflexão sobre valores, padrões e regras. (OLIVEIRA; ROCHA; FRANCISCO, 2008, p. 2)

A cada dia aparecem novos recursos tecnológicos, atraindo a atenção de jovens e adultos que passam, cada vez mais tempo, ligados aos celulares, com isso as aulas precisam ter algo de diferente para que os alunos se interessem pela ciência histórica, claro, sempre respeitando os conceitos científicos, ou seja, aliar a parte teórica, e o que deve ser aprendido pelos alunos, a parte prática.

A música é um excelente recurso para fazer com que alunos, seja crianças, adolescentes ou adultos, possam despertar o interesse por determinada área do conhecimento, compreendendo o que está sendo ensinado, onde não apenas usem seus esforços para decorar o conteúdo as vésperas de uma prova tendo objetivo de tirar notas altas, mas para poder utilizar esses conceitos aprendidos em sala de aula em seu dia-a-dia, como ferramentas para o cotidiano. Na área de História, já existem muitos canais no Youtube⁵⁶ com essa perspectiva, seja com paródias criadas em relação há algum determinado tema, utilizando, na maioria das vezes, uma música popular, para que os alunos possam cantar junto, seja com alguma música, em sua versão original, utilizando como fonte para explicar determinado período, tudo isso, em diversos estilos musicais, ou ainda, canais com conteúdo de músicas inéditas, compostas por diversos músicos e educadores.

Esses canais, já existentes, auxiliam estudantes e professores que buscam novos materiais para a aprendizagem, porém, nesses canais existem apenas os vídeos com as músicas e, muitos deles, não colocam as referências e propostas de atividades, importante para todo trabalho científico, o que não tira a importância desses materiais disponíveis na internet.

O trabalho com música em sala de aula tem diversas maneiras e formas de se colocar em prática como, por exemplo, as paródias que são, basicamente, a maior parte dos materiais existentes pois, se utiliza uma música já existente e, de preferência famosa, que independente do estilo musical que a cada aluno prefira ouvir, todos venham a conhece-la. Com isso, o professor cria uma nova letra para este ritmo, ajudando os alunos a memorizarem o conteúdo estudado. Isso é bastante procurado principalmente por estudantes que necessitam fazer um

56 youtube.com é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet. Disponível em <<https://www.significados.com.br/youtube/>> acesso em 05 ago. 2018.

concurso ou vestibular para ingressar em uma universidade pois, muitas vezes, este aluno não “gosta” da disciplina em questão e procura essas paródias educacionais para memorizar informações para serem usadas por ocasião da prova. Vale lembrar que esta forma de utilizar a música como método de aprendizagem está atrelada a diversas disciplinas científicas.

Na ciência histórica, podemos utilizar, também, as músicas em sua versão original, como arte criada por sujeitos históricos em determinado tempo e espaço, ou seja, como fonte histórica. Nessa maneira, pode-se utilizar da(s) música(s) para explicar algum contexto ou período histórico. Por meio desse instrumento, os alunos ficarão diante de uma manifestação do pensamento do período em que estão estudando. Claro, que esta forma de se utilizar as canções originais como fonte funciona para determinados conteúdos, já que a gravação de músicas é produto do século XX. Mesmo que ainda tenha obras escritas ligados a espetáculos com músicas, como os músicos clássicos, por exemplo, a forma de lidar com estas fontes são diferentes e dependem de muita atenção, por isso, o trabalho com músicas originais é relacionado com os conteúdos históricos mais próximos do nosso tempo. Além da disciplina de História, músicas podem ser utilizadas, também, pelas disciplinas de Sociologia e Filosofia. Vale lembrar, que muitas canções não fazem parte do cotidiano de muitos alunos. No entanto, podem ser importantes para que eles venham a conhecer outros estilos e a mudança no gosto musical das sociedades.

As composições autorais próprias para fins educacionais, proposta com a qual já trabalho em sala de aula e pretendo utilizar em meu objeto de aprendizagem, são utilizados, geralmente, nos estilos musicais que fazem parte da realidade dos alunos, atualmente, o rap e o funk carioca são os estilos que as crianças e os adolescentes mais escutam. Geralmente, essas produções visam explicar o conteúdo dando ênfase as suas questões mais importantes com um estilo musical que aproxime os alunos da ciência estudada ou, pelo menos, ao conteúdo estudado naquele determinado momento.

Sobre este assunto, apresento como anexo, o artigo que produzi junto com o Prof.º Dr.º Adailson José Rui, na qual tratamos da utilização da música em sala de aula, explicando os motivos e relatando as experiências.

5.2 O objeto educacional que também pode ser uma ferramenta

Objetos de Aprendizagem são definidos como uma entidade, digital ou não digital, que pode ser usada e reutilizada ou referenciada durante um processo de suporte tecnológico ao ensino e aprendizagem. Exemplos de tecnologia de suporte ao processo de ensino e aprendizagem incluem

aprendizagem interativa, sistemas instrucionais assistido por computadores inteligentes, sistemas de educação à distância, e ambientes de aprendizagem colaborativa. Exemplos de objetos de aprendizagem incluem conteúdos de aplicação multimídia, conteúdos instrucionais, objetivos de aprendizagem, ferramentas de software e software instrucional, pessoas, organizações ou eventos referenciados durante o processo de suporte da tecnologia ao ensino e aprendizagem”. (BALBINO, 2007, p. 1)

Com essa citação eu inicio a discussão em torno de como enxergo o objeto de aprendizagem que construí e quais são as justificativas para este ser também uma ferramenta. Como mencionado na citação acima, o conceito e a definição de um objeto educacional é bem ampla, abrangendo grandes possibilidades, desde softwares até eventos. Pensando nisso, fiz um objeto educacional que tenha múltiplas funções, muito além das atividades e propostas que serão feitas dentro de uma plataforma. Este objeto educacional não será finalizado nesta conclusão de mestrado, mas terá uma continuidade em um projeto que continuará disponível para a população geral.

Embasei a criação desse objeto educacional, que consiste em um material audiovisual, disponível em plataformas populares, a partir dos trabalhos musicais que já realizei dentro de sala de aula, obtendo ótimos resultados, sempre levando em consideração as diferenças de uma sala para outra pois, às vezes, o resultado é mais satisfatório na sala “x” do que na “y”. Como as turmas, capital cultural, vocabulário de cada turma são diferentes, o objeto educacional poderá ser utilizado para várias discussões e conteúdos, de diversas idades e disciplinas.

Pretendo criar materiais audiovisuais relacionados a temas estudados no ensino de História na Educação Básica Brasileira, ligados a algum conceito, conteúdo ou temas transversais da educação que ficará acessível a todo público via plataforma online, como o Youtube, que a partir das palavras-chave é possível encontrar diversos vídeos sobre o assunto desejado e relacionado a todo tipo de conteúdo⁵⁷. Esses materiais estarão disponíveis na plataforma online para facilitar o acesso a todos os tipos de buscas e idades, ou seja, a ideia é que este material não fique disponível apenas para professores, mas também para estudantes de todas as idades que precisam ou tem curiosidade de conhecer sobre algo relacionado a História. Disponibilizarei duas versões do material audiovisual: a primeira com a música completa e a segunda com a mesma música porém, sem a voz principal, se assemelhando com um karaokê. Na descrição dos vídeos haverá um link que levará o usuário até uma outra

⁵⁷ Existem milhões de canais no youtube.com com entretenimento, política, esportes, educação, música, debates, etc.

plataforma, onde encontrará textos de referência, imagens sobre o tema abordado na música, mapas, o áudio da canção, propostas de aulas e propostas de atividades.

O objeto educacional vira uma ferramenta quando este material dá mais possibilidades para os docentes, como por exemplo, se algum professor estiver ensinando o conteúdo da reconquista, este poderá usar o rap da rainha Berenguela para fazer com que eles compreendam o conteúdo podendo utilizar as propostas de atividades que colocarei tanto online, na página do canal que abri no Youtube, quanto pela plataforma, além de poder fazer as próprias atividades a partir de suas perspectivas pedagógicas, assim, democratizaremos o conhecimento e damos autonomia ao professor.

Com esse material acessível na internet, alunos também poderão utilizar o material da maneira que lhes for mais útil: estudo para concursos, provas do ensino básico, autoconhecimento, etc., com isso, o objeto educacional não terá apenas uma função em alguma plataforma, mas poderá ser ressignificado, tendo a possibilidade de alcançar um público mais amplo e servir de apoio para inúmeras perspectivas.

Assim, a ideia é distribuir dois materiais para o público, um será colocado plataforma da UNIFAL-MG, lá encontrarão textos, referências, artigos, atividades, propostas de atividades, imagens e dois vídeos para cada personagem, o primeiro terá a música original completa para que o professor possa compreendê-la em sua totalidade e a segunda é a mesma música, com as mesmas legendas, porém, sem a voz principal, dando ao professor, várias opções de atividades ou aulas, como por exemplo, cantar a música enquanto o instrumental reproduz, isso depende de cada docente e como este trabalha. O outro será o canal do Youtube, que ficará aberto ao público, podendo ser acessado por qualquer cidadão, de qualquer idade, onde, além de encontrarem os dois vídeos para cada personagem, conteúdo e/ou conceito, também terão acesso às referências e algumas propostas de atividades e até mesmo, endereço que encaminhará o professor a esta plataforma, porém este alcançará um público mais amplo, já que Youtube, é muito acessado por jovens e adultos. Assim, contribuirá para que este conhecimento não fique restrito apenas a academia, mas saia da universidade para servir a sociedade, assim, seria uma maneira de tornar esse conhecimento mais acessível e democrático.

5.3 O objeto educacional na prática

A rainha Berenguela I de Castela teve um papel importante na reconquista de Córdoba e foi uma das protagonistas políticas do período, mas como trazer esse estudo científico com

termos e discussões tão próprias da academia para a sala de aula? Este sempre é o intuito na construção de uma aula, porém, como aliar um objeto educacional sem ferir as perspectivas científicas prendendo a atenção dos alunos? São perguntas que fiz a mim mesmo enquanto montava algumas aulas para o Ensino Básico e organizava esse objeto educacional e cheguei a conclusão que um material audiovisual seria a forma mais agradável para chegar ao resultado de aprendizagem desejada.

A música sobre a rainha Berenguela I tem vários intuítos: Primeiramente, trabalhar o protagonismo das mulheres na política, trazendo discussões relacionados ao papel da mulher na sociedade e esta, como personagem modificadora de seu tempo e espaço, atentando aos alunos que a História não é transformada apenas por homens políticos ou militares mas que as sociedades são complexas com sujeitos históricos que também estão inseridos nos contextos e que fazem parte das transformações históricas de maneira direta ou indireta, sendo anônimos ou não. Segundo, esta música sobre a personagem poderá servir de base para trabalhar com o conteúdo da Reconquista, que está inserida no 7º ano do Ensino Fundamental II. Terceiro, atender aos alunos como funcionava uma estrutura política do período medieval na Península Ibérica, no que tange a questões diplomáticas, casamentos políticos, linhas de sucessão real, entre outras coisas. Quarto, o rap que foi criado para explicar os feitos da rainha Berenguela I, além de aproximar os alunos com o ritmo musical que estes se identificam, ainda traz outros elementos musicais ligados aos personagens deste trabalho, pois o *sample*⁵⁸ da música são trechos da gravação das Cantigas de Santa Maria. As cantigas foram escritas por Alfonso X, neto de Berenguela I⁵⁹, porém, em 1981, a soprano e harpista francesa Esther Lamandier, gravou um álbum com a obra de Alfonso X. Assim os alunos podem ter contato com outros estilos de música podendo trabalhar a forma como o ser humano utilizava a música e como ela foi se modificando ao longo dos séculos. E, por fim, que esta música pode ser utilizada em outras disciplinas, principalmente, nas ciências humanas, onde a proximidade é mais latente.

Para isso, necessitava aplicar este objeto educacional em alguma turma para levantar uma discussão já que o tema eram as mulheres, assim, resolvi levar várias músicas brasileiras que continham discursos machistas. Estas canções são de diversos estilos musicais em diversos períodos do século XX, assim, em cada música analisávamos as letras para debater o que esta reproduzia, por fim, cantei a música da rainha Berenguela I para explicar o protagonismo feminino na História e, aproveitar o momento, para explicar rapidamente o que

58 Os *samples* são trechos de outra música que são ressignificados sendo usados como base para outras produções. A música eletrônica, o rap e o funk brasileiro são alguns dos exemplos aonde se usa os *samples*. <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/sample/7079/>> Acesso em 15 ago. 2018.

59 ALFONSO X; LAMANDIER, Esther. **Cantigas de Santa Maria**. França: Astrée Auvidis – AS59, 1981.

foi o período da *reconquista*, neste último, não consegui aprofundar pois, além do conteúdo não constar no currículo do 1º ano do Ensino Médio, é grande a quantidade de conteúdos que são cobrados dos alunos.

A recepção foi excelente, os alunos além de interessados com os temas, tanto das mulheres quanto da reconquista, estes se mostraram surpresos em aprenderem que a Península Ibérica havia sido ocupada por muçulmanos e que esta presença durante séculos contribuiu para uma troca de costumes que podemos ver na sociedade brasileira, colonizada por portugueses que já trouxeram costumes de séculos de contato cultural com outras sociedades, inclusive os árabes. Vale ressaltar, que uma minoria se mostrou desinteressada em um primeiro momento, mas que depois do início das músicas, estes voltaram a atenção para a discussão proposta.

Essa discussão foi feita, também, para atentá-los que eles também são sujeitos históricos que fazem parte das transformações do tempo e espaço que estão inseridos, pois essa visão que nos é colocada dos heróis, geralmente homens, exaltados pelos seus grandes feitos em acontecimentos que se tornam marcos que são romantizados em diversos momentos, parece distante a nós, pessoas comuns. Acredito que seja papel das ciências humanas questionar questões impostas a nós, com argumentos e conhecimento, coisas que estão faltando para nós, brasileiros neste início de século XXI, assim, mostrar aos alunos a responsabilidade que todos temos, em todo momento. Para mim, um dos papéis mais importantes da ciência histórica.

5.4 Apresentação do objeto educacional

Destinarei esse espaço para apresentação do objeto educacional, explicando cada um deles e quais serão as propostas de abordagens, aonde trago opções para professores poderem utilizar em sala de aula. Primeiramente, vamos analisar a letra da música *Berenguela I de Castela*, letra de minha autoria, na qual meu orientador, Adailson José Rui, contribuiu corrigindo alguns pontos e sugerindo outros, a música foi criada por Érick Wonderich Melo, vulgo Érick Trip, amigo conterrâneo, que faz produções e beats musicais de maneira independente. A canção foi criada em maio de 2017. Segue abaixo a letra:

[INTRODUÇÃO]

[REFRÃO] 1x -----

Rainha Berenguela

Rainha de Castela

O rei é Fernando,

quem governa é Berenguela

Rainha Berenguela**Rainha de Castela****conflitos políticos?****podem deixar com ela...**-----
[VERSO] - PARTE I

No século XIII durante a Idade Média
religiões conviviam entre a tolerância e a guerra.
Existiam vários reinos onde hoje é a Espanha,
cada um com sua política, interesses e artimanhas.

Após uma regência com muitos conflitos,
uma mulher herdou o trono diante muitos atritos.
Então renunciou,
Fernando ela chamou,
em nome de seu filho
o trono ela abdicou.

Fernando III tornou-se o rei de Castela,
numa coroação, sem ostentar na passarela.
A rainha e seu filho começaram a governar
mas conflitos políticos tiveram que enfrentar.

[INTERLÚDIO]

[VERSO] - PARTE II

Os nobres de Castela “tavam” dispostos a *tretar*,
com interesses diferentes vão tentar lhes derrubar...
Os condes de Lara eram uma família poderosa,
queriam o poder, tinham interesses, não tinha
prosa.

Quem também entrou na briga foi Alfonso IX de
Leão,
fez acordo com os Laras e partiu com a espada na
mão,

mesmo sendo pai de Fernando e ex de
Berenguela,
esse rei queria o trono do reino de Castela.

Berenguela interveio quando os Laras foram
presos,
ela queria uns castelos, o que deixou eles
surpresos,
além de fortalezas pediu a eles lealdade,
esses nobres aceitaram pois queriam liberdade.

[REFRÃO] (1x) -----

[VERSO] - PARTE III

Bereguela I
rainha diplomática,
mãe e administradora
fortaleceu a parada.

Os casamentos de Fernando não eram
apaixonados,
pois a rainha Berenguela tratava de arranjá-los,
tudo bem pensado para vantagens políticas,
Castela aumentava sua rede geopolítica.

Era uma estratégia para ganhar aliados,
esses casamentos todos arranjados.
Também não queria seu filho no pecado,
por isso se esforçava para mantê-lo casado.

Fernando cuidava das questões militares,
Berenguela cuidava da política interna,
para depois que organizarem o reino,
focar as energias contra o islã, por inteiro.

[REFRÃO] 2X -----

[VERSO] - PARTE IV

O rei de Leão,
pai de Fernando,
acabou falecendo...
oportunidade pintando!

Berenguela partiu para a negociação
saiu do reino de Castela rumo ao reino de Leão,
ela queria Fernando em outra coroação,
Fernando com 2 reinos, só com a união.

Valência foi o palco da negociação,
mulheres rainhas e seus reinos na mão
graças a sua mãe, Fernando foi campeão,
agora é rei de Castela e rei de Leão.

Fernando tinha o governo todo em suas mãos
fez acordos de trégua com seus vizinhos
cristãos,

com a política interna em boa situação
ele podia se concentrar na luta contra o Islão.

Córdoba e Sevilha foram reconquistadas,
cidades importantes da região já citada...
Fernando teve sucesso ao ir conquistando,
isso só foi possível com sua mãe administrando.

[VOZ 2]

*Se não fosse a rainha Berenguela
o que teria acontecido com Castela?*

Em História não existe o "se"
sujeitos históricos fizeram acontecer,
isso também vale para eu e você,
somos sujeitos do mundo que é e o que ainda
vai ser...

Esta letra da música traz várias gírias, termos que são falados por jovens atualmente e, informalmente, alguns deles são reproduzidos nos círculos sociais como, por exemplo, o termo *treta*, gíria bastante usada sendo essa, sinônimo de briga, que se popularizou, principalmente, com o rap paulistano dos anos de 1990⁶⁰. O estilo da música é o rap, muito popular entre os jovens e apreciado por este que vos escreve, escolhido para aproximar o conteúdo aos alunos e pensado que eu pudesse explorar um personagem que criei para estas atividades diferenciadas, o MC TH Machine, um suposto rapper.

O professor que for usar o objeto educacional em sala de aula, poderá utilizar alguma das sugestões e propostas que deixarei disponível em meu canal do Youtube⁶¹, mas também, na plataforma da UNIFAL-MG estando disponível para todos os profissionais que procuram esses materiais. Segue abaixo a proposta de aula número #01:

PROPOSTA DE AULA/ ATIVIDADE #01

⁶⁰ Artistas como Racionais MC's, Sabotage e Facção Central são alguns dos grupos que contribuíram para a popularização do estilo musical.

⁶¹ Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UCSKY0RI5vro4vJkedNXjWgw>>

Criado por: Thomas Carvalho Ribeiro
Mestrando em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Música: Berenguela I de Castela

Compositores: Thomas Carvalho Ribeiro e Érick Trip

Conteúdo:

Reconquista Ibérica/ Expansão do Islã.

Ano:

6º e 7º ano do Ensino Fundamental II

Duração:

120min

Objetivo:

Levar aos alunos a discussão acerca do nosso passado, já que a presença islâmica na Península Ibérica contribuiu para a transformação das sociedades da região que depois se tornariam Portugal e Espanha.

Contribuições:

- Apresentar a Reconquista Ibérica.
- Entendimento de táticas de guerra, ou seja, uma guerra não se resume apenas a batalhas, mas envolve, também, acordos diplomáticos, estratégias políticas e geográficas.
- A mulher como protagonista na História.
- Diferenças entre as religiões.

Formas de trabalhar com a música em sala:

- Primeiramente, distribua a letra impressa para os alunos.
- Opção 1: Apresentar a música completa, na qual, após a sua execução, o professor pontua as questões mais importantes da canção explicando cada uma delas.
- Opção 2: Apresentar apenas o *beat*⁶², assim o professor canta para os alunos. Isso pode chamar a atenção, pois estes ficarão curiosos para ver a performance de seu mestre.
- Opção 3: Apresentar a música completa e depois colocar a versão sem a voz (*beat*) para que os alunos cantem.

Abordagem:

- Explicar o que são religiões monoteístas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo).
- Utilizar mapas para mostrar o caminho feito pelos árabes muçulmanos até a Península Ibérica (Imagem #01).
- Explicar o que foi a *Reconquista*.
- Explicar a importância da presença árabe na Península Ibérica, mostrar fotos de construções (imagens #07, #08, #09, #10, #11, #12, #13 e #14).
- Os árabes, convivendo com europeus ibéricos, contribuíram para construção da identidade de portugueses e espanhóis, que depois colonizariam a América.

Atividade:

62 **Beat** é o ritmo cadenciado, a batida usada nas batalhas dos rappers. Serve de fundo musical para a composição que os rappers fazem para falar de suas ideias. <<http://www.dicionarioinformal.com.br/beat/>> Acesso em 07 fev. 2018.

- Grupos de 3 a 4 pessoas.
- Pedir aos alunos que façam uma pesquisa simples, de coisas que façam parte da cultura árabe e que usamos no Brasil (alimentos, roupas, palavras, costumes, etc.).
- Pedir para que eles apresentem para a turma, aonde o professor, intervêm trazendo mais informações.

Observações para os professores:

- Todos os pontos apresentados podem ser adaptados pelo professor diante da necessidade e metodologia de cada profissional. Estou trazendo sugestões de trabalho.
- Esta aula pode ser pensada em conjunto com o professor de Ensino Religioso para trabalhar com a diversidade religiosa existente no mundo, suas semelhanças, diferenças e proximidades com o mundo ocidental.

Esta primeira proposta é voltada para alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, que frequentam o Ensino Básico Brasileiro, geralmente com 12 anos de idade, nessa proposta de aula trago opções de utilização da música em sala de aula, além de sugerir possíveis abordagens do tema, mesmo que o conteúdo da Reconquista não conste no Currículo Básico Comum do estado de Minas Gerais, este consta em vários livros didáticos do Brasil. A falta do período medieval no ensino de Minas de Gerais, também pode levantar questões, por conta da importância de se estudar Idade Média nas escolas públicas.⁶³

O Ensino Médio não tem o conteúdo estudado nas escolas de Minas Gerais, conteúdo que está bastante no imaginário na população geral, já que o período medieval é replicado em filmes, séries e jogos eletrônicos, que também poderiam ser aliados do ensino, se levarmos em consideração os temas e conceitos que podemos trabalhar relacionando com temas em diversos tempos e espaços, podendo fazer inclusive comparações, como por exemplo, entre a forma como se dava os conflitos, guerras do passado com as atuais. Segue a atividade #02 abaixo:

PROPOSTA DE AULA/ ATIVIDADE #02

Criado por: Thomas Carvalho Ribeiro

Música:

1) Berenguela I de Castela

Conteúdo:

Discussão acerca das mulheres protagonistas na História.

Ano:

Ensino Médio.

Duração:

⁶³ Para saber mais sobre a ausência e importância do ensino de Idade Média no Ensino Básico de Minas Gerais ler: PAULA, Ronison Penha de, et al. **A literatura épica e os princípios da “Identidade” Castelhana**. 2016. Disponível em <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNIFAL_cafa942f83134a625205f0399cd28172>

100min

Objetivo:

Levar aos alunos a discussão sobre as mulheres protagonistas na História, colocando estas como transformadoras de seu tempo e espaço. Por meio dela, deve se debater os direitos das mulheres na atualidade, trabalhando algumas sociedades do passado e a luta dessas em seus respectivos contextos.

Contribuições:

- Apresentar a Reconquista.
- A mulher como protagonista na História.
- Diferenças entre as sociedades.
- Discussões acerca da sociedade patriarcal.
- Este tema pode contribuir para discussões em *Filosofia e Sociologia*.
- A atividade pode ser feita junto com os docentes da área de Letras que lecionam *Gramática, Redação e/ou Português*.

Formas de trabalhar com a música em sala:

- Primeiramente, distribua a letra impressa para os alunos.
- Opção 1: Apresentar a música completa, na qual, após a sua execução, o professor pontua as questões mais importantes da canção explicando cada uma delas.
- Opção 2: Apresentar apenas o *beat*⁶⁴, assim o professor canta para os alunos. Isso pode chamar a atenção, pois estes ficarão curiosos para ver a performance de seu mestre.
- Opção 3: Apresentar a música completa e depois colocar a versão sem a voz (beat) para que os alunos cantem.

Abordagem:

- Perguntar aos alunos: Quais mulheres importantes vocês conhecem na História?
- Após as respostas, levantar o debate: Por que as mulheres foram deixadas de lado nos estudos sobre a História durante tanto tempo?
- Exemplificar a marginalização e a resistência das mulheres na sociedade ocidental com dados relacionados as:
 - Leis trabalhistas
 - Movimentos sufragistas.
 - Legítima defesa da honra⁶⁵ x Lei Maria da Penha
 - Representatividade política e artística.
- Mostrar aos alunos as músicas com as protagonistas femininas na História.
- Explicar o contexto de cada uma delas e suas feitorias, levando em consideração os trabalhos feitos com fontes.
- Levantar reflexões relacionadas ao protagonismo de cada um de nós no presente e como nossas ações hoje refletem no mundo de amanhã.

64 **Beat** é o ritmo cadenciado, a batida usada nas batalhas dos rappers. Serve de fundo musical para a composição que os rappers fazem para falar de suas ideias. <<http://www.dicionarioinformal.com.br/beat/>> Acesso em 07 fev. 2018.

65 Em nosso antigo Código Penal, que vigorou entre 1890 a 1940, o artigo 27 dizia que se excluía a ilicitude dos atos cometidos por aquelas pessoas que “*se acharem em estado de completa privação de sentidos e de inteligência no acto de commetter o crime*”. Basicamente ele estava dizendo que não era considerada criminosa a pessoa que cometesse um crime quando estava em um estado emocional alterado. Era esse artigo que alguns juristas usavam para justificar a legítima defesa da honra. Disponível em <<http://direito.folha.uol.com.br/blog/cime-traio-e-legtima-defesa-da-honra>> Acesso em 27 ago. 2018.

Sugestão de atividade:

- Pedir aos alunos que façam redação dissertativa argumentativa com o seguinte tema:

- Durante os séculos, em diversas sociedades da civilização ocidental, as mulheres tiveram que lutar por seus direitos já que sofriam com diversas opressões na vida pública. Atualmente se discute a igualdade de gênero, que consiste, em linhas gerais, na igualdade de direitos entre homens e mulheres, pois, em várias esferas da sociedade brasileira essa realidade está distante de acontecer, em situações que vão desde salários mais baixos para mulheres do que para homens, mesmo que ocupem mesmas funções dentro do trabalho, até a não divisão de tarefas domésticas, sobrecarregando muitas mulheres que acabam tendo jornada de trabalho aumentada. Assim, discuta sobre a igualdade de gênero, sua importância e quais os caminhos a se seguir para que a situação atual se modifique em favor da igualdade de gênero.

- Sugerir aos alunos, para que estes façam um roteiro do que vão escrever na redação, isso evita repetições e ajuda a organizar as ideias.

Observações para os professores:

- Todos os pontos apresentados podem ser adaptados pelo professor diante da necessidade e metodologia de cada profissional. Estou trazendo sugestões de trabalho.

Essa proposta de atividade ajudará este a trabalhar com a argumentação e refletir sobre o mundo em que está inserido, sempre em movimento e respeitando os movimentos sociais, além de trazer a reflexão que o mundo é histórico, ou seja, as sociedades constrói leis e instituições e as convencionam, como reproduzimos sem questioná-las, tendemos a naturalizá-las, inclusive as relações de gênero e o que permeia essas relações sociais, mas podemos levantar a reflexão para que o aluno pense sobre o mundo em que ele está inserido. Além disso, a proposta contribui para o exercício da escrita e a organização de ideias, já que muitos alunos têm dificuldades para expressar o que pensam por meio da escrita, um problema educacional que deve ser trabalhado nas Escolas de Ensino Básico Brasileiro.

Além dessas propostas, deixei disponível os vídeos e as músicas para download, além das referências bibliográficas, importante em todos os trabalhos científicos, e as imagens contendo mapas didáticos e representações do período estudado⁶⁶. Segue abaixo todas as imagens que deixarei disponível na plataforma, aonde coloco as fontes relacionadas as imagens:

66 Disponível em <https://lol9zwhxd4aktd0zcxmpeg-on.driv.tw/Berenguela_I_de_Castela/>.

Imagem 1 - Expansão muçulmana



Fonte: História e cultura brasileira e africana. Módulo II, capítulo 4.⁶⁷

Imagem 2 - Reconquista

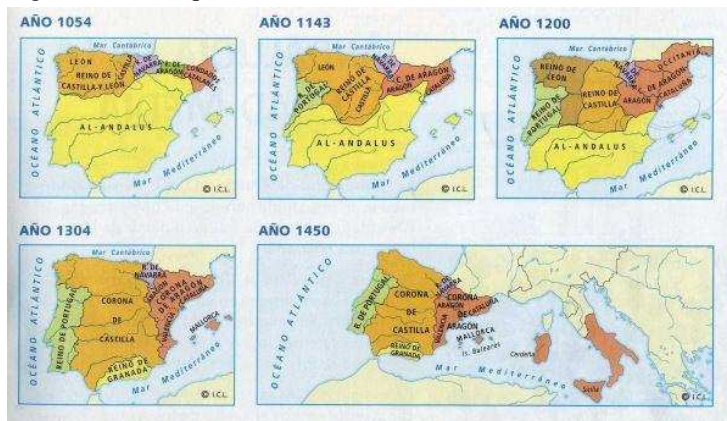


Fonte: Blog Thyself, O lord. Catalunha – Antecedentes.⁶⁸

67 Disponível em <<https://historiaecultura.ciar.ufg.br/modulo2/capitulo5/conteudo/arquivos/img10.jpg>> Acesso em 13 dez. 2018.

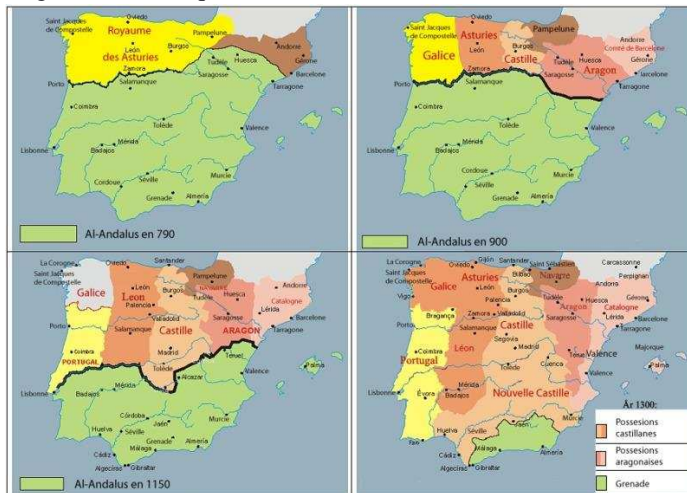
68 Disponível em <<https://4.bp.blogspot.com/-cYS-dJkJVMc/WeUXMYnkMGI/AAAAAAAAe90/IodRSHaTJPCZXAQuokin2NeHqI6W2WYSACLcBGAs/s1600/Etapas-de-la-Reconquista.jpg>> Acesso em 13 dez. 2018.

Imagem 3 - Reconquista



Fonte: João Nunes. Blog História 7. ⁶⁹

Imagem 4 - Reconquista



Fonte: Carlos Jorge Cano Vieira. Blog Curte a História 7. ⁷⁰

Imagem 5 – Reconquista: Século XII.



Fonte: Toda Matéria Site. Revolução de Avis. ⁷¹

⁶⁹ Disponível em <<http://2.bp.blogspot.com/-tVQFju2AHiw/VeH4qWv9DII/AAAAAAAAA8sI/YXh3TbaoKEY/s1600/reconquista-general1-21.jpg>> Acesso 14 em dez. 2018.

⁷⁰ Disponível em <<https://campoy5.files.wordpress.com/2010/03/mapa-al-andalus.png>> Acesso em 14 dez. 2018.

Imagem 6 – Reconquista: Século XIII.



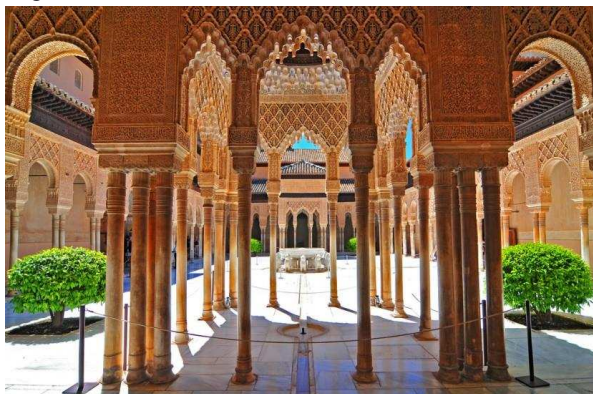
Fonte: Hélio de Morais. Blog Olhar para ver.⁷²

Imagem 7 – Alhambra, Granada-ESP.



Fonte: Acervo de fotos do site Senator – Hotels & Resorts.⁷³

Imagem 8 – Alhambra, Granada-ESP.



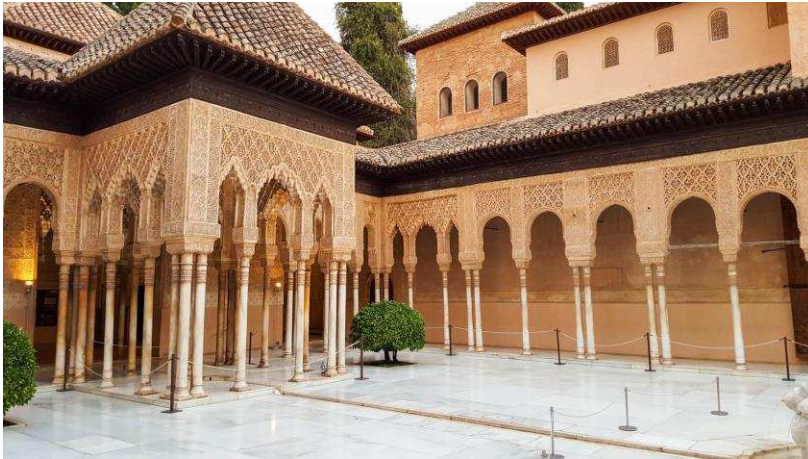
Fonte: Acervo de fotos do site livingtours.com⁷⁴

71 Disponível em <https://static.todamateria.com.br/upload/ma/pa/mapa_revolucao_de_avis_bbb.jpg> Acesso em 13 dez. 2018.

72 Disponível em <http://3.bp.blogspot.com/_xUuSoz2Zoec/TA-gN1NmpAI/AAAAAAAAAC8/TghFoAvtXH0/s320/Forma%C3%A7%C3%A3o+Portugal+e+Espanha+III.jpg> Acesso em 13 dez. 2018.

73 Disponível em <<https://www.playasenator.com/wp-content/blogs.dir/1031/files/landings/cabecera-landing-granada.jpg>> Acesso em 13 dez. 2018.

Imagem 9 – Alhambra, Granada-ESP.



Fonte: Acervo de fotos do site da Forbes.⁷⁵

Imagem 10 – Generalife, Granada-ESP.



Fonte: Wikipedia.⁷⁶

74 Disponível em <https://www.livingtours.com/media/catalog/product/cache/2/image/830x545/17f82f742ffe127f42dca9de82fb58b1/s/h/shutterstock_alhambra3.jpg> Acesso em 14 dez. 2018.

75 Disponível em <<https://blogs-images.forbes.com/geoffreymorrison/files/2015/10/Alhambra-by-Geoffrey-Morrison-12.jpg>> Acesso em 13 dez. 2018.

76 Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Generalife#/media/File:Alha_Generalife1.jpg> Acesso em 13 dez. 2018.

Imagem 11 – Mesquita-Catedral, Córdoba-ESP.



Fonte: Acervo do site porsolea.com⁷⁷

Imagem 12 – Mesquita-Catedral, Córdoba-ESP.

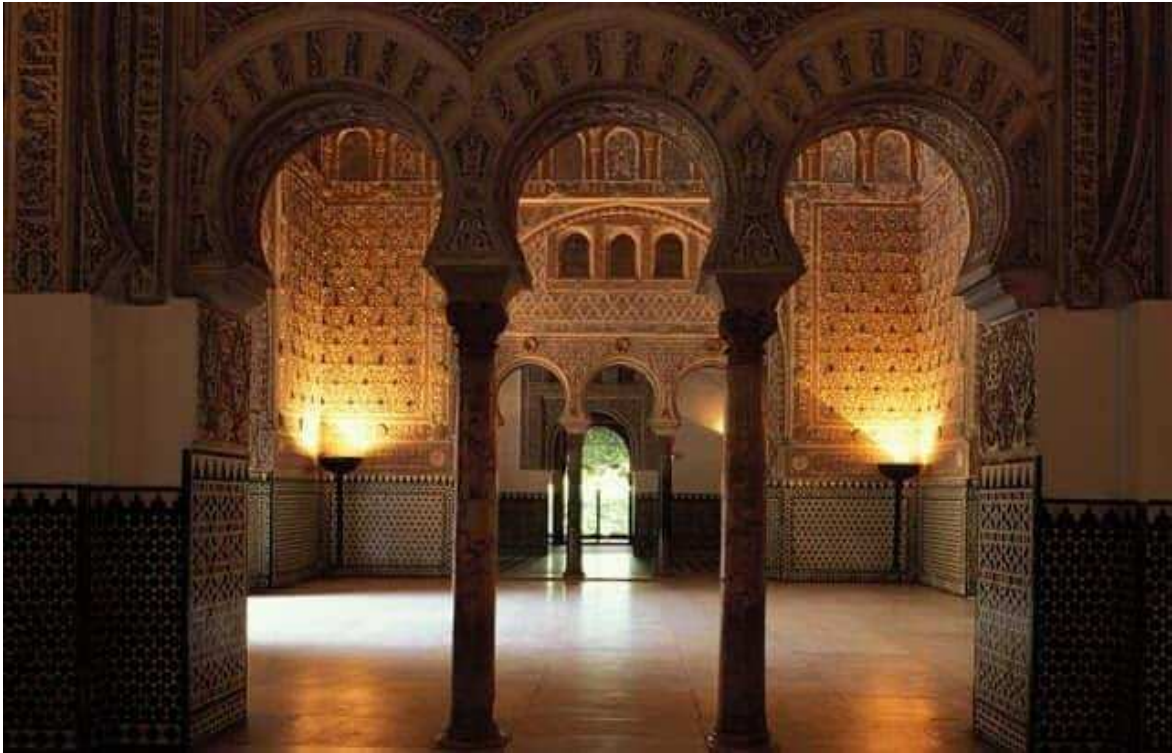


Fonte: Acervo do site Civitatis Madrid.⁷⁸

77 Disponível em <<http://www.porsolea.com/wp-content/uploads/2015/04/Mezquita-de-Cordoba.jpg>> Acesso em 13 dez. 2018.

78 Disponível em <<https://cdn.civitatis.com/espana/madrid/galeria/mezquita-cordoba-exterior.jpg>> Acesso em 13 dez. 2018.

Imagem 13 – Alcazar, Sevilha-ESP.



Fonte: Acervo do site Dicas Barcelona.⁷⁹

Imagem 14 – Alcazar, Sevilha-ESP.



Fonte: Acervo do site Dicas Barcelona.⁸⁰

79 Disponível em <<https://dicasbarcelona.com.br/wp-content/uploads/2015/11/Pal%C3%A1cios-Reales-Alc%C3%A1zares-de-Sevilha.jpg>> Acesso em 13 dez. 2018.

80 Disponível em <<https://dicasbarcelona.com.br/wp-content/uploads/2015/12/alcazaressevilha.jpg>> Acesso em 13 dez. 2018.

Imagem 15 - Brasão do Reino de Castela.



Fonte: Wikiwand.⁸¹

Imagem 16 - Brasão do Reino de Leão.

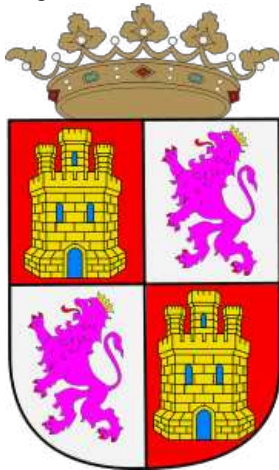


Fonte: Wikipedia.⁸²

81 Disponível em
<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b8/Royal_Arms_of_Castille_%281214-15th_Century%29.svg/170px-Royal_Arms_of_Castille_%281214-15th_Century%29.svg.png> Acesso em 13 dez. 2018.

82 Disponível em
<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/bb/Banner_of_arms_kingdom_of_Leon.svg/1200px-Banner_of_arms_kingdom_of_Leon.svg.png> Acesso em 13 dez. 2018.

Imagem 17 – Brasão de Castela e Leão.



Fonte: Wikipedia.⁸³

Imagem 18 – Reconquista de Córdoba por São Fernando, rei de Castela em 1236. Quadro de José Maria Rodríguez de Losada (1826-1896).



Fonte: Imagem encontrada no blog *As Cruzadas*.⁸⁴

⁸³ Disponível em

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/7b/Escudo_de_Castilla_y_Le%C3%B3n.svg/180px-Escudo_de_Castilla_y_Le%C3%B3n.svg.png> Acesso em 13 dez. 2018.

⁸⁴ Disponível em <<https://4.bp.blogspot.com/-L6Nb4YgX-go/WbHkZ2Rz2PI/AAAAAAAAAoP4/kxF2LZFIgwc06zYAbcsiSqosmemyUBgAQCLcBGAs/s1600/Reconquista%2Bde%2BC%C3%25B3rdoba%2Bpor%2BS%25C3%25A3o%2BFernando%25C%2Brei%2Bde%2BCastela%2Bem%2B1236%2BJos%25C3%25A9%2BMar%25C3%25ADa%2BRodr%25C3%25ADguez%2Bde%2BLosada%2B%25281826%2B-%2B1896%2529.jpg>>

Acesso em 14 dez. 2018.

Imagem 19 - Berenguela I de Castilla. Obra do pintor espanhol José María Rodríguez de Losada (1826–1896).



Fonte: Wikipedia.⁸⁵

Imagem 20 – São Fernando III de Castela. Autor anônimo. Pintura do século XV.



Fonte: Wikipedia.⁸⁶

85 Disponível em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/91/Berenguela_I_de_Castilla_%28Ayuntamiento_de_Le%C3%B3n%29.jpg Acesso em 13 dez. 2018.

86 Disponível em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6d/Ferdinand_III_of_Castile.jpg Acesso em 13 dez. 2018.

Imagem 21 - Alfonso IX de Leão. Obra do Pintor José Maria Rodríguez de Losada (1826-1896).



Fonte: Wikipedia.⁸⁷

Imagem 22 - Parlamento espanhol atual.



Fonte: Portal El Correo.⁸⁸

Vale lembrar, que todas essas imagens são encontradas facilmente em qualquer pesquisa pela internet, aonde organizei e deixei disponível para o professor poder utilizar em sala de aula⁸⁹, fazendo as discussões que são pertinentes, relacionado com o conteúdo e tudo que o permeia, inclusive os símbolos e representações.

⁸⁷ Disponível em

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2a/Alfonso_IX_de_Le%C3%B3n_%28Ayuntamiento_de_Le%C3%B3n%29.jpg> Acesso em 13 dez. 2018.

⁸⁸ Disponível em <<https://www.elcorreo.com/bizkaia/sociedad/201608/28/jovenes-vascos-crece-necesario-20160828183027.html>> Acesso em 14 dez. 2018.

⁸⁹ Disponível em <https://lol9zwhxd4aktd0zcxmpeg-on.driv.tw/Berenguela_I_de_Castela/>.

REFERÊNCIAS

- ALFONSO X. **Primera Crónica General de España**. Madrid: Gredos. 1955. 2 v.
- ALFONSO X. **Crónica latina de los reyes de Castilla**. trad, castellana de L.Charlo Brea. Madrid: Akal, 1999.
- ALFONSO X; LAMANDIER, Esther. **Cantigas de Santa Maria**. Paris: Astrée Auvidis – AS59, 1981.
- BALBINO, Jaime. **Objetos de aprendizagem: contribuições para a sua genealogia**. 2007. Disponível em: <http://www.dicas-1.com.br/educacao_tecnologia_20070423.php#.WhKNlnrztQ>. Acesso em 21 nov. 2017.
- BARKAI, Ron. **El Enemigo en el Espejo: Cristianos y musulmanes en la España medieval**. 3. ed. Madrid: Rialp, 2007.
- BARUQUE, Julio Valdeón. **La Reconquista: el concepto de España: unidad y diversidad**. Madrid: Espasa Libros, 2006.
- BECERRA, Salvador Rodríguez. Los santos en los procesos de formación de identidades locales: el mito de San Fernando y la ciudad de Sevilla. **Zainak. Cuadernos de Antropología- Etnografía**, Donostia, n.28, p.163-181, 2006.
- Bíblia. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2010.
- CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. Relações de gênero. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. **Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; Fundação Odebrecht**. Belo Horizonte: Gráfica Editora Rona Ltda. p. 142-150, 1999. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/portal_2005/secoes/saiba/textos/sexo_genero.pdf> Acesso em: 08 set. 2018.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.
- DIEHL, Rafael de Mesquita. As fontes como instrumento de legitimação do poder régio castelhano (século XIII). **Revista Vernáculo**, Curitiba, v. 1, n. 21/22, p. 28-39, 2008.
- FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Difamação da mulher no pensamento medieval: referências obrigatórias. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 8, Cuiabá, 2011. **Anais...** Volume 2. BENTO, Silva Santo; COSTA, Ricardo da. (Org.). Cuiabá: EDUFMS, 2011. p. 255-262.

FERNÁNDEZ, Emilio Mitre. **Historiografía y mentalidades históricas en la Europa medieval**. Madrid: Ediciones Complutense, 1982.

FLORI, Jean. **Guerra Santa: formação da ideia de cruzada no Ocidente Cristão**. Campinas: UNICAMP, 2013.

FONTES, Leonardo Augusto Silva. **Às margens da cristandade: os moros d'Espanña à época de Alfonso X**. 2011. 320f. Tese (Mestrado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofias, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.

FONTES, Leonardo Augusto Silva. A oficina régia e a cultura escrita no reinado de Afonso X (Castela e Leão, 1252-1284). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, 2013, Natal. **Anais ...** Natal: ANPUH, 2013. p. 1-17.

FORTES, Carolina Coelho. É possível uma história medieval de gênero? Considerações a respeito da aplicação do conceito de gênero em história medieval. In: JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 4, 2005, Maringá. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, Out 2005. p. 265-273.

GARCÍA, Elisa Ruiz. Rex scribens: discursos de la conflictividad en Castilla (1230-1350). In: **La monarquía como conflicto en la Corona castellano-leonesa (c. 1230-1504)**. Madrid: Sílex ediciones, 2006. p. 359-422.

JIMÉNEZ, Manuel González. Sobre la ideología de la Reconquista: realidades y tópicos. In: DUARTE, José I. de la Iglesia (coord.); RODRÍGUEZ, José L. Martín (coord.). MEMORIA, MITO Y REALIDAD EN LA HISTORIA MEDIEVAL: SEMANA DE ESTUDIOS MEDIEVALES, 13, jul./ago. 2002, Nájera. **Actas...** Nájera: Instituto de Estudios Riojanos, 2003. p. 151-170.

JIMÉNEZ, Manuel González. Fernando III el Santo. El rey que marcó el destino de España. **Alcanate**, v. 2006, 2007.

HALBWACHS, Maurice; SIDOU, Beatriz. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
KRUS, Luís. Os heróis da Reconquista e a Realeza Sagrada Medieval Peninsular: Afonso X e a Primeira Crónica Geral de Espanha. **Penélope: Revista de História e Ciências Sociais**, Lisboa, n. 4, p. 5-18, 1989.

LEAL, Larissa do Socorro Martins. As várias faces da mulher no medievo. **Web Revista Linguagem, educação e memória**, 3, 2012, Campo Grande. p. 23-44. Disponível em:<<http://periodicosonline.uems.br/index.php/WRLM/article/viewFile/2083/1649>>. Acesso em 15 out. 2017.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. Representações femininas na Idade Média: O olhar de Georges Duby. **Sitientibus**, Feira de Santana, n.21, p.37-50, jul./dez. 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed.UNICAMP, 1990.

LOMAX, Derek W. Rodrigo Jiménez de Rada como historiador. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISPANISTAS, 5, set. 1974, Bourdeaux. **Actas del quinto**

Congreso Internacional de Hispanistas. Tomo II. Bordeaux: Asociación Internacional de Hispanistas, 1977. p. 587-591.

MARTÍNEZ, H. Salvador. **Berenguela la Grande y su época (1180-1246)**. Madrid: Ediciones Polifemo, 2012.

MÍNGUEZ, César González. **Poder real y poder nobiliario en la Corona de Castilla:(1252-1369)**. Lejona: Universidad del País Vasco, 2012.

MOREIRA, I. Castro; MASSARANI, L. (En)canto científico: temas de ciência em letras da música popular brasileira. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. Rio de Janeiro: v. 13, p. 291-307, out. 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386137997018>>. Acesso em 11 nov. 2017.

MONTERO CARTELLE, Emilio. Sancho IV y la Primera Crónica General de España: su importancia y aportación al castellano medieval desde la perspectiva de la expresión concesiva. **Cahiers de linguistique hispanique médiévale**, Paris, n. 18-19, 1993. p. 185-218.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser mulher na idade média. **Textos de História. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB**. Brasília: v. 5, n. 1, p. 82-91, 1997. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/5807/4813>>. Acesso em 25 ago. 2016.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. A Reconquista ibérica: A construção de uma ideologia. **Historia. Instituciones. Documentos**, Sevilla, n. 28, 2001. p. 277-295.

OLIVEIRA, A. D.; ROCHA, Dalva Cassie; FRANCISCO, A. C. A ciência cantada: um meio de popularização da ciência e um recurso de aprendizagem no processo educacional. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, 1, 2008, Belo Horizonte. **Anais do 1º SENEPT**. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, 2008. p. 1-10.

OLMOS, J. M. de Francisco. **La figura del heredero del trono en la baja Edad Media hispánica**. Madrid: Castellum, 2003.

ORCÁSTEGUI, Carmen; SARASA, Esteban. **La historia en la Edad Media**. Madrid: Catedra, 1991.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em aberto**, Brasília, v. 14, n. 61, p. 53-59, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

POMIAM, Krzystof L'. Histoire de la Science et l'Histoire de la Histoire. **Annales E.S.C.**, Paris, n. 5 Armand Colin, p. 935-952, 1975.

RIOS SALOMA, Martins F. La Reconquista: una construcción historiográfica (siglos XVI-XIX). **Históricas Digital**. Ciudad del México: Marcial Pons Ediciones de Historia, 2011.

RODRÍGUEZ, Ana. La preciosa transmisión: memoria y curia regia en Castilla en la primera mitad del siglo XIII. In: RODRÍGUEZ, Ana; SOPENA, Pascual Martínez (eds.). **La construcción medieval de la memoria regia**. Valencia: Universidad de Valencia, 2011. p. 293-322.

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

RUI, Adailson José. A elaboração da História na Idade Média: o exemplo de Alfonso X, o Sábio. In: BONI, Luiz Alberto de. **A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média**. Porto Alegre: Edipucrs, p. 211-217, 2000.

RUI, Adailson José. Berenguela: de instrumento de aliança e paz a rainha e articuladora política dos interesses do reino de Castela. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, 2016, 10: 174-188.

SALTARELLI, Thiago César Viana Lopes. Ave x Eva: Jogos de Oposição e Prefiguração das Cantigas de Santa Maria. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 8, Cuiabá, 2011. **Anais...** v. 2. BENTO, Silva Santo; COSTA, Ricardo da. (org.). Cuiabá: EDUFMS, 2011. p. 499-507.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SILVA, André Candido da; TEDESCHI, Losandro Antonio. História das mulheres: sexualidade feminina no período medieval dos séculos X à XII sob a ótica de Jacques Le Goff. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ENIC, 4, Caratinga, 2010. **Anais...** v. 1, n. 2, 2010.

VIGÁRIO, Jacqueline Sirqueira. História e Imaginário. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA UFG/UCG, 2, 2009, Goiânia. **Anais...** v. 2. Goiânia: PPGH-UFG/UCG, 2009. p. 1-10.

VILLANUEVA, Francisco Márquez. **El concepto cultural alfonsí**. Madrid: Mapfre, 1994.

ANEXOS

Como informado anteriormente, nas próximas páginas segue como anexo o artigo relacionado a utilização da música como facilitador na aprendizagem.

RIBEIRO, Thomas Carvalho; RUI, Adailson José. La música como instrumento de enseñanza de la historia: relato de una experiencia en marcha. In: **Educación Histórica, Patrimonios olvidados y Felicidad en la Didáctica de las Ciencias Sociales**. Ediciones Don Bosco, 2017. p. 66-84.

LA MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE ENSEÑANZA DE HISTORIA: RELATO DE UNA EXPERIENCIA EN MARCHA

Adailson José Rui
Universidade Federal de Alfenas, Brasil
adailsonrui@gmail.com

Thomas Carvalho Ribeiro
Universidade Federal de Alfenas, Brasil

Resumen:

Analizamos el uso de la música como manera de despertar el interés para el estudio de la Historia. Muchos profesores de Enseñanza Media hacen uso de estudios y análisis de canciones considerándolas como instrumentos de enseñanza de la Historia de determinada época. Un ejemplo de esta práctica en Brasil es el uso de la canción *Cálice*, escrita en 1973, por los compositores brasileños Chico Buarque y Gilberto Gil. Se hace uso de esta canción para discutir con los alumnos cuestiones relativas al período militar. Siguiendo esta perspectiva, nuestro propósito, en este estudio, es presentar ejemplos de la utilización de la música como instrumento que posibilita la enseñanza de temas que forman parte de los contenidos de la asignatura de Historia impartida en la Enseñanza Media. De manera específica presentamos la música *Berenguela de Castilla*, cuya canción fue elaborada a partir de la investigación realizada por Thomas Carvalho Ribeiro, Profesor de Enseñanza Media y alumno del Programa de Maestría Profesional en Historia Ibérica de la Universidad Federal de Alfenas, UNIFAL-MG, Brasil.

Palabras Clave: música, placer, enseñanza, historia, Brasil.

1. INTRODUCCIÓN

Hay escuelas en las que el profesor entra en el aula y ante él encuentra a menudo una audiencia, generalmente inquieta, pues varios alumnos están atentos a cosas diversas, menos en lo que fue planeado para la clase. Falta el interés; falta la curiosidad, falta el deseo por aprender en la escuela. Esta situación hace que el profesor tenga que encontrar medios para despertar la atención y atraer el interés de los alumnos. No basta que el profesor tenga conocimientos, necesita hacer uso de métodos que sean atractivos para los alumnos.

En este campo, en los últimos tiempos, el uso de los recursos provenientes de las tecnologías digitales ha sido frecuente en muchas escuelas, pero no en todas, principalmente por el hecho de que no disponen de los equipos necesarios. La escuela puede no tener los aparatos, pero, generalmente, los alumnos poseen algún equipo o alguna forma de estar en contacto con los recursos ofrecidos por los medios digitales.

Así, en muchos casos, entrar en la escuela, estar en el aula es entrar en el pasado, en un mundo diferente al que se encuentra en casa e incluso en la calle, donde está presente el acceso a los recursos tecnológicos. ¿Cómo despertar la atención de los alumnos?

Sabemos que existen diversas formas de trabajar contenidos pertenecientes a una determinada ciencia. Los métodos de aprendizaje pueden ser diversos. Sin embargo, dependiendo de las características del público con el que vamos a trabajar, tenemos que reflejar, crear y aplicar métodos que puedan tener efectos positivos. La experiencia que relataremos es referente al trabajo que desarrollamos con alumnos de la red pública de enseñanza. Principalmente en las Escuelas Públicas se observan varias situaciones en relación a los alumnos, desde aquellos que traen de casa un cierto capital cultural propicio a lo que la Escuela tiene que ofrecer, hasta aquellos cuyo mayor equipaje que traen para el ambiente escolar son los problemas y las dificultades sociales que viven en el día a día. Debido a esto, corresponde al educador saber identificar con qué público estará trabajando y a partir de ese conocimiento hacer uso de recursos de aprendizaje que puedan generar resultados positivos.

Los recursos de aprendizaje son buscados y estudiados para hacer de la enseñanza también un momento de placer atrayendo a los alumnos al conocimiento. El uso de métodos, cuya creatividad del profesor necesita ser grande, ocurre principalmente en aquellas escuelas que tienen pocos recursos tecnológicos. A pesar de los cambios sociales y del progreso económico del país, muchas escuelas públicas no poseen materiales adecuados que posibiliten la realización de proyectos o clases diferenciadas. Esto hace que, desde la perspectiva de los alumnos, el aula no resulte interesante. Al intentar remediar este problema, los educadores persiguen encontrar las mejores maneras de hacer que el alumno sienta interés por el aprendizaje y que disfrute al estudiar y comprender el contenido que se está enseñando. Estas preocupaciones hacen que los educadores busquen nuevas herramientas para mejorar la relación de enseñanza-aprendizaje en las escuelas. Entre estas herramientas se encuentra el uso de la música en las clases.

2. A MÚSICA EN LAS CLASES

Observando la entrada de los alumnos en la escuela percibimos que muchas veces llegan en silencio, pero, en virtud del auricular que muchos usan y por el comportamiento del cuerpo percibimos que, de hecho, el silencio sólo es aparente, pues están disfrutando de canciones. La percepción de ello es uno de los factores que han colaborado para el uso de la música como recurso de enseñanza, ya que tiene el poder de cautivar a los alumnos y posibilitar que ellos aprendan. La música tiene ese poder de acción. Ella afecta a todos los niños, adolescentes, jóvenes, adultos y ancianos. Está en el cotidiano, siendo generalmente relacionada al ocio y al placer. Es un lenguaje universal.

Todo el mundo canta, baila, le gusta diferentes canciones. El idioma de las letras no limita la experiencia con la música. ¡La gente deja el cuerpo ir al encuentro de la melodía! El sonido produce sensaciones que reproducen recuerdos, imágenes y nos envuelven¹.

En la actividad escolar la música se puede utilizar como recurso que ayuda en la enseñanza. Muchos profesores ya la utilizan, tanto para despertar el interés de los alumnos para temas que son objetos de estudio, también como medio para presentar ejemplos de la producción musical perteneciente a determinado período y, con eso, posibilitar el desarrollo de estudios e investigaciones, teniendo la música como fuente documental para trabajar en las clases. Podemos citar como ejemplo, la utilización de canciones compuestas durante el período militar brasileño. De forma específica el uso de la música *Cálice* de Chico Buarque y Gilberto Gil, compuesta en 1973, durante la dictadura militar en Brasil² y *Eu nasci há dez mil anos atrás* de Raul Seixas lanzada en 1976³. A continuación presentamos la letra de la canción *Cálice*:

<p>Pai, afasta de mim esse cálice Pai, afasta de mim esse cálice Pai, afasta de mim esse cálice De vinho tinto de sangue</p> <p>Como beber dessa bebida amarga Tragar a dor, engolir a labuta Mesmo calada a boca, resta o peito Silêncio na cidade não se escuta De que me vale ser filho da santa Melhor seria ser filho da outra Outra realidade menos morta Tanta mentira, tanta força bruta</p> <p>Como é difícil acordar calado Se na calada da noite eu me dano Quero lançar um grito desumano Que é uma maneira de ser escutado Esse silêncio todo me atordoia Atordoado eu permaneço atento Na arquibancada pra a qualquer momento Ver emergir o monstro da lagoa</p>	<p>De muito gorda a porca já não anda De muito usada a faca já não corta Como é difícil, pai, abrir a porta Essa palavra presa na garganta Esse pileque homérico no mundo De que adianta ter boa vontade Mesmo calado o peito, resta a cuca Dos bêbados do centro da cidade</p> <p>Talvez o mundo não seja pequeno Nem seja a vida um fato consumado Quero inventar o meu próprio pecado Quero morrer do meu próprio veneno Quero perder de vez tua cabeça Minha cabeça perder teu juízo Quero cheirar fumaça de óleo diesel Me embriagar até que alguém me esqueça</p>
---	---

¹ LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia Barreto de. Coleção Proinfantil: módulo IV, unidade 4. Livro de estudo – vol. 2. Brasília: MEC, 2006. p. 54.

² GILBERTO GIL; CHICO BUARQUE. *Cálice*. En: <https://www.youtube.com/watch?v=13SqV1IQ-TQ> (Fecha de consulta: 23-04-2017).

³ SEIXAS, Raul. *Eu nasci há dez mil anos atrás*. En: <https://www.youtube.com/watch?v=AQJi8EJuhMo> (Fecha de consulta: 23-04-2017).

Aunque *Cálice* fue compuesta en 1973, en virtud de la censura conocida por el público en 1978. A partir de la historia de esa canción y de su letra, los profesores presentan y discuten con los alumnos diversos aspectos referentes al período militar en Brasil. Entre ellos: la censura; el impacto del régimen militar sobre los artistas; las actuaciones de los artistas; y las entrelíneas de la canción. Al cantar, reflejando y analizando sus versos conocen aspectos de la dictadura y, quizás lo que pueda ser más significativo, los alumnos aprenden a buscar el conocimiento histórico a través de la música, considerándola como fuente. Siguiendo esa perspectiva, muchas canciones que fueron “lanzadas” en el período militar brasileño han sido al mismo tiempo objeto de enseñanza e instrumento que colabora en la ampliación de los conocimientos de los alumnos acerca de esa temática.

Otro ejemplo de uso de música como instrumento para enseñar historia lo encontramos en la composición de Raul Seixas (1945-1989) *Eu nasci há dez mil anos atrás*, de 1976. Se ha utilizado para trabajar con los alumnos, entre otros temas, cuestiones relativas a la periodización de la historia; discusiones sobre temas de la historia, de la literatura; y también temas referidos a importantes momentos de la historia del cristianismo. El hecho de que esta música sea conocida colabora en el proceso de llamar la atención de los estudiantes, que muchas veces la cantan, pero simplemente cantan sin pensar y reflexionar sobre los versos que están cantando. Mediante el uso de ella como instrumento de enseñanza en la clase, el profesor hace que ella pase a tener otro sentido para los estudiantes convirtiéndose en un material que los ayuda en la tarea de conocer la Historia. Además de atraer por la melodía, pasa a atraer por los temas que sugiere y motiva la curiosidad despertando el deseo de la investigación. A continuación, se presenta la letra de la canción mencionada.

<p>"Um dia, numa rua da cidade Eu vi um velinho Sentado na calçada Com uma cúia de esmola E uma viola na mão O povo parou prá ouvir Ele agradeceu as moedas E cantou essa música Que contava uma história Que era mais ou menos assim:"</p> <p>Eu nasci! Há dez mil'anos atrás E não tem nada nesse mundo Que eu não saiba demais...(2x)</p> <p>Eu vi Cristo ser crucificado</p>	<p>Eu nasci! (Eu nasci!) Há dez mil'anos atrás (Eu nasci há 10 mil anos!) E não tem nada nesse mundo Que eu não saiba demais...(2x)</p> <p>Eu vi o sangue Que corria da montanha Quando Hitler Chamou toda Alemanha Vi o soldado Que sonhava com a amada Numa cama de campanha Eu li! Ei li os símbolos Sagrados de umbanda Eu fui criança prá</p>
--	--

<p>O amor nascer e ser assassinado Eu vi as bruxas pegando fogo Prá pagarem seus pecados Eu vi!...</p> <p>Eu vi Moisés Cruzar o Mar Vermelho Vi Maomé Cair na terra de joelhos Eu vi Pedro negar Cristo Por três vezes Diante do espelho Eu vi!...</p> <p>Eu nasci! (Eu nasci!) Há dez mil'anos atrás (Eu nasci há 10 mil anos!) E não tem nada nesse mundo Que eu não saiba demais...(2x)</p> <p>Eu vi as velas Se acenderem para o Papa Vi Babilônia Ser riscada no mapa Vi Conde Drácula Sugando sangue novo E se escondendo atrás da capa Eu vi!...</p> <p>Eu vi a arca de Noé Cruzar os mares Vi Salomão cantar Seus salmos pelos ares Eu vi Zumbi fugir Com os negros prá floresta Pr'o Quilombo dos Palmares Eu vi!...</p>	<p>Poder dançar ciranda Quando todos Praguejavam contra o frio Eu fiz a cama na varanda...</p> <p>Eu nasci! (Eu nasci!) Há dez mil'anos atrás (Eu nasci há 10 mil anos atrás!) E não tem nada nesse mundo Que eu não saiba demais...(2x)</p> <p>Não! Não! Eu tava junto Com os macacos na caverna Eu bebi vinho Com as mulheres na taberna E quando a pedra Despencou da ribanceira Eu também quebrei a perna Eu também...</p> <p>Eu fui testemunha Do amor de Rapunzel Eu vi a estrela de Davi Brilhar no céu E pr'aquele que provar Que eu tô mentindo Eu tiro o meu chapéu...</p> <p>Eu nasci! (Eu nasci!) Há dez mil'anos atrás (Eu nasci há 10 mil anos atrás!) E não tem nada nesse mundo Que eu não saiba demais...(3x)</p>
---	--

Seguindo la perspectiva de los ejemplos citados, varias canciones se utilizan como instrumento de enseñanza, tanto músicas que forman parte de las creaciones musicales de las más diferentes épocas como parodias, donde nuevas composiciones reciben el arreglo y la melodía de canciones clásicas o de aquellas que están haciendo éxito en el momento. La música ha sido utilizada en las clases, tanto como fuente que posibilita el estudio de determinada época y situación vivida por la población, como un

importante medio de despertar el interés para el conocimiento que la Escuela tiene por misión proporcionar al alumno, haciendo que se convierta en un recurso que hace que la clase sea un momento de placer y de aprendizaje, ya que facilita el proceso de despertar en el alumno el interés por el conocimiento. Para Celia María David,

“Privilegiar el lenguaje musical en la enseñanza de la Historia significa construir conocimiento, a través de un recurso didáctico motivador y placentero que implica una amplia posibilidad de trato metodológico. Para ello, es necesario, principalmente, reconocer que la música es arte y conocimiento sociocultural, por lo tanto, una experiencia cotidiana en la vida del hombre”⁴.

Desde esa perspectiva, muchos profesores brasileños hacen uso de la música como recurso para la enseñanza. En el área de Historia, hay muchos canales en Youtube que ofrecen relatos visuales de esas actuaciones, en las que podemos observar y también aprovechar los materiales por ellos trabajados ⁵. Entre estos materiales hay canciones inéditas, compuestas por diversos educadores y también parodias creadas a partir, generalmente, de músicas populares. Por medio de ellas, los educadores tienen como propósito presentar de forma más placentera y atractiva temas que pertenecen al currículo escolar.

Siguiendo esa dirección, presentamos el trabajo que estamos desarrollando en el Programa de Maestría Profesional en Historia Ibérica de la Universidad Federal de Alfenas, UNIFAL-MG, Brasil. Este programa tiene como objetivo central que los alumnos profundicen en el conocimiento de temas pertenecientes a la Historia Ibérica o relacionada con ella. Tiene como área preferente la enseñanza y la investigación en Historia Antigua, Medieval y Moderna. El alumno, además de cursar disciplinas, para obtener el título de maestro, necesita desarrollar una investigación y elaborar un objeto de aprendizaje digital.

Nuestra área de investigación es Historia Medieval y nuestro objeto de estudio es la Reina Berenguela I de Castilla (1180-1246) en el curso del reinado de su hijo, Fernando III, el Santo (1201 a 1252, rey de Castilla desde 1217 y de León desde 1230). El objeto de aprendizaje tiene la música como centro. Para ello, a partir de los conocimientos obtenidos con la investigación, Thomas Carvalho Ribeiro, profesor de secundaria y compositor, compuso una canción. El uso de la música como instrumento de enseñanza forma parte de su práctica de trabajo iniciada hace dos años.

Hacer música en las que aparecen temáticas relacionadas con la historia y utilizarlas en el aula es parte de la metodología de enseñanza usada por él desde que

⁴ DAVID, Célia Maria. *Música e Ensino de História*. En: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46189/1/01d21t06.pdf> (Fecha de consulta 22-03-2017).

⁵ Canal “Conhecimento Geral”. En: https://www.youtube.com/channel/UCOJp7OhrJm1dGSYHQDYD_rw (Fecha de consulta: 24-04-2017); Chico Hits. En: <https://www.youtube.com/watch?v=XcvBRgP0siU> (Fecha de consulta: 24-04-2017); Paródia Revolução Francesa. En <https://www.youtube.com/watch?v=otkfun5M7Y> (Fecha de consulta: 24-04-2017).

empezó a trabajar. En esa dirección, como ejemplos, presentamos tres canciones que realizó antes de comenzar a desarrollar el objeto de aprendizaje, teniendo presente a la Reina Berenguela I, de Castilla, presentadas en forma de música. Las canciones que compuso le ayudaron en la enseñanza de tres importantes temas de la historia para alumnos de 11, 15 y 16 años.

Como herramienta para atraer la atención y hacer que los alumnos del 6º año de la Enseñanza Fundamental II, de 11 años de edad desarrollasen mayor interés en el estudio de la *Roma Antigua*, compuso una parodia con referencia a la música de 1995, “Pelados em Santos” de la banda brasileña de *rock cómico*, conocida como *Mamonas Assassinas*. Esta música fue un gran éxito en los años 90⁶. Después de la muerte de los integrantes de la banda, en un accidente de avión, ocurrido en marzo de 1996, el éxito perduró, siendo recordado con facilidad hasta hoy en día. Aprovechándose de ello, compuso la parodia: *Roma antigua*, cuya letra presentamos en la secuencia:

<p>Roma, Vamos cantar agora junto com o violão e alunos do vespertino na escola onde eu ensino.</p> <p>Os latinos se uniram e com Roma surgiram, duas fases vamos cantar, das três que teve por lá... Monarquia e a República...</p> <p>Em Roma Antiga... os patrícios eram quem mandavam por lá! Na Monarquia... Os plebeus eram soldados que tinham que trabalhar!</p>	<p>Na Monarquia... os clientes, empregados que ganhavam coisas pra usar. Numa Monarquia sempre um rei existia e ficava até morrer...</p> <p>mas em Roma havia uma votação.</p> <p>Mas a monarquia durou pouco... Na Roma Antiga... houve um período que os patrícios queriam mais poder. Na Monarquia... derrubaram o rei que estava abusando do poder. Veio a República... que implantou uma rotatividade de poder. Todo ano tinha, eleições para cônsul que é como se fosse o presidente.</p>
--	---

Al cantar para los alumnos y animarlos a cantar, el profesor hizo que, de forma lúdica, registrasen en la memoria algunos tópicos relativos a la historia de Roma. A partir de ese primer momento, el desarrollo de la clase se volvió más interesante, pues

⁶ MAMONAS ASSASINAS. *Pelados em Santos*. En: <https://www.youtube.com/watch?v=rmMj8UC5Mig> (Fecha de consulta: 20-04-2017).

aguzó la curiosidad de los alumnos sobre el tema abordado por la canción. Asimismo agudizó el deseo por la investigación y, por medio de ella, llegó hasta ello más información sobre la civilización romana, hecho que posibilitó la generación de discusiones y la elaboración de pequeñas redacciones, cuyo punto de partida eran algunas de las estrofas de la parodia. Se percibió que la música funcionó como un portal para que los alumnos se adentrasen en la Historia de Roma y desarrollasen el gusto de descubrir más sobre ella, realizando tanto estudios, como la búsqueda de materiales que, de alguna forma, estaban vinculadas a esa temática.

Un segundo ejemplo del uso de música como instrumento de incentivo al estudio de la Historia fue el desarrollado con los alumnos del 2º año de la Enseñanza Media, de 16 años. La motivación para el uso de ese recurso fue justamente la percepción del desinterés de ellos en estudiar el Período Regencial Brasileño. Según ellos, el gran número de informaciones sobre el tema era agotador y no les interesaba. El Período Regencial Brasileño (1831-1840) fue la fase de transición entre la abdicación de Don Pedro I (1798-1834) ocurrida en 1831 al trono del imperio brasileño y la declaración de la mayoría de su hijo y heredero, el futuro Pedro II (1825-1889), sucedida en 1840, cuya coronación como Emperador de Brasil se dio el 18 de julio de 1841. Conforme a la planificación de la disciplina de Historia para el segundo año de Enseñanza Media, el profesor necesita trabajar en la clase varios temas de ese Período de la Historia brasileña⁷.

Para ayudar en el desarrollo de las actividades, motivando el interés de los alumnos, se creó un personaje (TH Machine). El profesor se caracterizó como un cantante rapper, haciendo uso de una canción compuesta por él denominada *Período regencial*. El estilo musical fue el rapper. Hizo la melodía y la letra y en la secuencia la presentó a los alumnos que se involucraron y la cantaron. La motivación estaba creada. Esta es la letra:

⁷ Desde 1996 se denomina Enseñanza Media la etapa del sistema de enseñanza equivalente a la última fase de la educación básica. Tiene como finalidad la profundización de los conocimientos adquiridos en la Enseñanza Fundamental. Se pretende la formación del ciudadano para etapas posteriores de la vida. La Ley nº 9 394, de 31 de diciembre de 1996, Ley de Directrices y Bases de la Educación Nacional (LDB), establece su reglamentación específica y una composición curricular mínima obligatoria. Tiene una duración de tres años. El mínimo es de 2.400 horas de clase a lo largo de tres años.

<p>PARTE I</p> <p>Após muitos conflitos no Primeiro Reinado Dom Pedro não aguentou se sentir isolado... Então renunciou, pra Portugal voltou, em nome de seu filho o trono ele abdicou. --- Segunda voz ----- Mas Pedrinho II tinha apenas 5 anos, como era uma criança, não governa, certo mano!?</p> <p>-----</p> <p>Até o imperador alcançar a maioria, a regência governou nesse Brasil de pouca idade.</p> <p>___REFRÃO___</p> <p>Período regencial! Período de transição transição imperial.</p> <p>Período Regencial! Conflitos políticos nesse Brasil desigual.</p> <p>PARTE II</p> <p>Os políticos do Brasil “tavam” dispostos a “tretar”, com interesses diferentes seus grupos vão separar...</p> <p>Os restauradores eram os lusitanos, queriam a volta de Dom Pedro o primeiro, durante anos...</p> <p>Já os moderados eram uma elite escravocrata, ou seja, fazendeiros, com a mão na chibata, essa elite poderosa lucrava mais que o necessário, por isso defendiam a manutenção desse cenário.</p>	<p>Feijó era ministro da justiça, antes regia missa, fez reformas sem preguiça, fez o Ato Adicional, criou a Guarda Nacional e diminuiu a maioria imperial.</p> <p>A regência trina não foi permanente... o ato adicional modificou o Brasil regente... então muita atenção meu aluno e minha aluna, o Padre Feijó iniciou uma regência una!</p> <p>___REFRÃO 2X___</p> <p>PARTE II</p> <p>Com muitos conflitos, com muitos atritos, as revoltas pelo país deixou Feijó por um triz.</p> <p>Feijó sentiu a pressão, pressão dos conservadores os chamados "Regressistas", com "Moderados" e "Restauradores".</p> <p>Feijó não aguentou e pediu para sair, assim renunciou, os regressistas vão subir!</p> <p>Então o fazendeiro Araujo Lima, começou sua regência, também una, não mais trina.</p> <p>Isolaram os liberais que eram progressistas todo o seu governo ajudou os regressistas,</p> <p>assim os liberais que estavam sem saída, pediram a maioria,</p>
--	--

<p>Os Liberais exaltados pediam reforma politica, eram radicais com os seus ideais, muitos federalistas, alguns republicanos, querem mexer na política, no social tão nem ligando.</p> <p>___ REFRÃO (2X) ___</p> <p>PARTE III Período Regencial Com duas trinas, cadê minha sena? Só tenho sina, ensina e aprende aqui. Uma trina provisória pra definir!</p> <p>Assim se iniciou a regência trina permanente que procurou deixar os exaltados ausentes. Mesmo com esses 3 regentes, quem bagunça mesmo é o Feijó, bagunça na política, lugar de paletó!</p>	<p>assim começa a corrida...</p> <p>Criaram o Clube da Maioridade, queriam um imperador menor de idade ----- Mas Pedrinho II tinha só 14 anos Vocês não acham que isso foi um grande engano? -----</p> <p>Mas isso ficará para uma outra ocasião, porque aqui encerro a minha canção. Período Regencial de grande tensão. Brasil Imperial, um país em construção.</p> <p>Aí eu pergunto pra vocês... O que o Brasil mudou desde então? Nós fazemos parte desse Brasil em construção!</p>
---	--

Al presentar, por medio de la música, informaciones básicas sobre el Período Regencial y al incluir, en el transcurso de las actividades en las clases, estímulos que le motivaban a pensar sobre el tema seleccionado, el desarrollo del estudio, como un todo, ganó otra repercusión, pues los alumnos se motivaron para discutirlo a partir de las informaciones transmitidas a través de los versos de la canción. Lo que inicialmente, según los estudiantes era poco interesante y agotador, se volvió atractivo y objeto de curiosidad. Se constató que la música llamó la atención de ellos e hizo que comenzasen a hablar sobre el tema y a buscar más informaciones sobre él. La canción funcionó como una guía de estudio, generando incluso otras canciones compuestas por los alumnos. De esa manera, lo que inicialmente aparecía como apenas una información fue ganando nuevas dimensiones a partir de las investigaciones y de las discusiones por ellos realizadas. Se concluyó que la recepción de la música como instrumento de enseñanza, para ese grupo de alumnos, fue positiva.

La tercera experiencia se implementó con los alumnos del 1º año de la Enseñanza Media, de 15 años. El contenido trabajado fue a la conquista de América. Con el objetivo de instigar el interés para el estudio de ese tema el profesor compuso la

Esta canción tuvo como finalidad despertar el interés de los alumnos para el tema “América”. Por medio del uso de metáforas y de argot se creó una forma de facilitar y hacer más interesante para los alumnos discutir el objeto de estudio. En clase se procedió de la siguiente manera: después de que los alumnos se divertían cantando la música junto con el profesor, se inició el estudio de los temas relacionados con América que en ella se mencionan. A través del diálogo generado a partir de preguntas planteada por el profesor relativas a cada estrofa de la canción, los alumnos elaboraron breves redacciones. Para ello, contaron con el apoyo complementario de pequeños textos, que colaboraron en el sentido de ofrecer informaciones y profundizar el conocimiento de los alumnos sobre la temática, así como motivarlos a hacer interpretaciones de textos ayudándolos así a mejorar su nivel de conocimientos y superar las dificultades que tienen para desarrollar la actividad. Para concluir, se realizó un debate con el fin de discutir las dificultades de los sujetos históricos del período estudiado. De esta manera, se permitió a los estudiantes percibir que el mundo es histórico, es decir, que es construido y que, por lo tanto, sus acciones también son responsables de esa construcción.

Inspirado por la realización de esos trabajos aquí presentados y con base en el conocimiento obtenido por medio de la investigación realizada sobre la Reina Berenguela de Castilla, cuyo resumen presentamos a continuación, se inició la producción del objeto de aprendizaje, buscando la conclusión del trabajo final exigido por el Programa de Post Graduación en Historia Ibérica / UNIFAL-MG para la obtención del título de Maestro en Historia Ibérica.

3. BERENGUELA I, DE CASTILLA: DE LA HISTORIA PARA LA MÚSICA.

La temática investigada tiene como centro el análisis de los relatos contenidos, principalmente, en la *Cronica Latina de los Reyes de Castilla* y en la *Primera Crónica General de España* referentes a la actuación de la reina Berenguela I de Castilla (1180-11246) como colaboradora de su hijo, Fernando III, el Santo (1201 a 1252, rey de Castilla desde 1217 y de León desde 1230). En síntesis, como se presenta en las fuentes mencionadas, la reina Berenguela ejerciendo las funciones de madre y de administradora, tanto de las acciones personales del hijo, como de guía de las actuaciones de él en relación al gobierno y al proceso de formación de él como rey⁸. También contribuyó al fortalecimiento y seguridad del reino, condiciones básicas y

⁸ Como madre, son significativos los relatos presentes en las crónicas que tratan de la actuación de la reina Berenguela en la elección de los matrimonios de Fernando III. Primero con Beatriz de Suabia, hija de Felipe de Suabia y de la princesa Irene, hija de Alejo IV, Emperador de Bizancio (1185-1204). La ceremonia de boda se celebró el 30 de noviembre de 1219. Con el fallecimiento de la reina Beatriz ocurrido en Toro el día 5 de noviembre de 1235, a los 37 años, la reina Berenguela, una vez más actuó interfiriendo directamente en la vida del rey. Ella se encargó de elegir a su nueva esposa. La elegida fue Juana de Ponthieu, hija de Simón Dummartin, conde de Ponthieu, nieta de Luis VII, rey de Francia. Sobre las bodas de Fernando III, el santo vea: SALVADOR MARTÍNEZ, H. *Berenguela la Grande y su época (1180-1246)*. Madrid: Ediciones Polifemo, 2012. p. 561-575 y 718-723.

necesarias que posibilitaron la organización de estrategias de enfrentamiento y de conquista de territorios musulmanes⁹.

Berenguela es presentada en la crónica como una mujer de acción. Esta condición se hace presente a partir de los relatos referentes a la muerte de su padre, Alfonso VIII, ocurrida en 1214. Por ese motivo, se hizo responsable de la tutela de su hermano, el rey Enrique I, que tenía sólo 10 años de edad, es decir, no tenía edad suficiente para asumir el trono, por lo que Berenguela fue regente del reino de Castilla, una vez que su madre, la reina Leonor (1162-1214) falleció días después de su padre.

Pero la regencia no transcurrió de forma tranquila. Berenguela sufrió un golpe por parte de algunos nobles del reino de Castilla, perdiendo la tutela de su hermano y la regencia del reino. Tres años después de la muerte de Alfonso VIII (1155-1214), Enrique I (1204-1217), falleció a causa de un accidente. Según la *Primera Crónica General de España*, una teja cayó sobre su cabeza (PCG, 1955, 712). En ausencia de heredero masculino, Berenguela fue considerada heredera, ya que era la hija primogénita de Alfonso VIII. Se convirtió, pues, en la legítima reina de Castilla. Abdicó transfiriendo los derechos a Corona a su hijo Fernando III, el santo. Medida sabia, así creó un fuerte impedimento a las pretensiones del rey Alfonso IX de León, su ex marido y padre de su hijo Fernando. A la condición de reina madre, Berenguela actuó en política exterior a favor del reino y asesorando al hijo en la gobernanza del reino hasta 1246 cuando falleció¹⁰.

A partir del conocimiento histórico alcanzado con el desarrollo de la investigación, se compuso la canción *Berenguela I de Castilla*, en la que su autor, Thomas Carvalho Ribeiro, presenta acciones, atribuidas por los cronistas a la reina. La presencia de tales acciones en los versos de la canción son fundamentales para presentar a los alumnos, el papel desempeñado por ella como agente de la historia. Para nosotros, funcionarán como objetos, a través de los cuales elaboramos actividades educativas haciendo uso de recursos digitales. La meta será la creación de actividades interactivas que posibiliten la oferta de explicaciones sobre la dinámica de la vida en el período en que la reina Berenguela vivió. A continuación, se presenta la canción en portugués y español.

⁹ Según la *Primera Crónica General de España* (1955, p.718): “Et essa reyna donna Berenguella assi como criara com grand cuedado et com grand guarda a este su fijo rey don Fernando, assi le leuo por tal carrera todauia em sus fechos, que em paz que em atemprança de todo bien governasse el reyno et la tierra, segund la costumbre de su auuelo el noble don Alffonssso rey de Castiella. Et em este mantenimiento de su regno duro la reyna donna Berenguella, su madre, XXV anos del su regnado del rey don Fernando, assi como cuenta la estória...”

¹⁰ Conforme la *Primera Crónica General de España* (1955, p. 714): “Et alli ante toda la gente recibio la reyna donna Berenguella de todos otrossi el regno por suyo, como heredera linda quel deue auer por natura et por derecho; et alli luego otrossi ante todos, dio ella luego el regno a su fijo el rey don Fernando”.

<p>[INTRODUÇÃO] [Refrão]1 x Rainha Berenguela Rainha de Castela O rei é Fernando Quem governa é Berenguela</p> <p>Rainha Berenguela Rainha de Castela Conflitos políticos? Podem deixar com ela...</p> <p>[Verso] Parte I No século XIII durante a Idade Média Religiões conviviam entre a tolerância e a guerra. Existiam vários reinos onde hoje é a Espanha, Cada um com sua política, interesses e artimanhas.</p> <p>Após uma regência com muitos conflitos, Uma mulher herdou o trono diante muitos atritos. Então renunciou Fernando ela chamou Em nome de seu filho o trono ela abdicou.</p> <p>Fernando III tornou-se o rei de Castela, Numa coroação, sem ostentar na passarela. A rainha e seu filho começaram a governar Mas conflitos políticos tiveram que enfrentar.</p> <p>[INTERLÚDIO] [Verso] - Parte II Os nobres de Castela tavam dispostos a tretar, Com interesses diferentes vão tentar lhes derrubar...</p>	<p>[VERSO] – Parte III Berenguela I Rainha diplomática, Mãe e administradora Fortaleceu a parada.</p> <p>Os casamentos de Fernando não eram apaixonados, Pois a rainha Berenguela tratava de arranjá-los, Tudo bem pensado para vantagens políticas, Castela aumentava sua rede geopolítica.</p> <p>Era uma estratégia para ganhar aliados, Esses casamentos todos arranjados. Também não queria seu filho no pecado. Por isso se esforçava para mantê-lo casado.</p> <p>Fernando cuidava das questões militares, Berenguela cuidava da política interna, Para depois que organizarem o reino, Focar as energias contra o islã por inteiro.</p> <p>[Refrão] 2x Parte IV O rei de Leão, Pai de Fernando, Acabou falecendo... Oportunidade pintando!</p> <p>Berenguela pariu para negociação Saiu do reino de Castela rumo ao reino de Leão, Ela queria Fernando em outra coroação, Fernando com dois reinos, só com a união.</p>
--	---

<p>Os condes de Lara pertenciam a uma família poderosa, queriam o poder, tinham interesses, não tinha prosa.</p> <p>Quem também entrou na briga foi Alfonso IX de Leão, Fez acordo com os Lara e partiu com a espada na mão, Mesmo sendo pai de Fernando e ex de Berenguela, Esse rei queria o trono do reino de Castela.</p> <p>Berenguela interveio quando os Lara foram presos, Ela queria uns castelos, o que deixou eles surpresos, Além de fortalezas pediu a eles lealdade, esses nobres aceitaram pois queriam liberdade.</p> <p>[Refrão] (1x) Rainha Berenguela Rainha de Castela O rei é Fernando, Quem governa é Berenguela.</p> <p>Rainha Berenguela Rainha de Castela Conflitos políticos? Podem deixar com ela ...</p>	<p>Berenguela chegou para negociação, Mulheres rainhas e seus reinos na mão Graças a sua mãe, Fernando foi campeão, Agora é rei de Castela e rei de Leão.</p> <p>Fernando tinha o governo todo em suas mãos Fez acordos de trégua com seus vizinhos cristãos, Com a política interna em boa situação Ele podia se concentrar na luta contra o Islã</p> <p>Córdoba e Sevilha foram conquistadas, Cidades importantes da região já citada... Fernando teve sucesso ao ir conquistando, isso só foi possível com sua mãe administrando.</p> <p>Se não fosse a rainha Berenguela O que teria acontecido com Castela?</p> <p>Em História não existe o “se” Sujeitos históricos fizeram acontecer, Isso também vale para eu e você, Somos sujeitos do mundo que é o que ainda vai ser...</p>
--	--

<p>[Introducción] [CORO]1 x Reina Berenguela Reina de Castilla El rey es Fernando Quien gobierna es Berenguela</p> <p>Reina Berenguela Reina de Castilla Conflictos políticos? Pueden dejar con ella ...</p> <p>[Verso] Parte I</p> <p>En el siglo XIII durante la Edad Media Las religiones conviven entre la tolerancia y la guerra. Había varios reinos donde hoy es España, Cada uno con su política, intereses y artimañas.</p> <p>Después de una regencia con muchos conflictos, Una mujer heredó el trono delante de muchos roces. Entonces renunció Fernando ella llamó En nombre de su hijo El trono abdicó.</p> <p>Fernando III se convirtió en el rey de Castilla, En una coronación, sin ostentar en la pasarela. La reina y su hijo comenzaron a gobernar Pero los conflictos políticos tuvieron que afrontar.</p>	<p>[VERSO] – Parte III Berenguela I La reina diplomática, Madre y administradora Fortalece la parada. (el gobierno)</p> <p>Las bodas de Fernando no eran apasionadas, La reina Berenguela trataba de arreglarlos, Todo bien pensado para ventajas políticas, Castilla aumentaba su red geopolítica.</p> <p>Era una estrategia para ganar aliados, Estas bodas todas arregladas. También no quería a su hijo en el pecado. Por eso se esforzaba para mantenerlo casado.</p> <p>Fernando cuidaba de las cuestiones militares, Berenguela cuidaba de la política interna, Para después de organizar el reino, Fomentar las energías contra el islam por entero.</p> <p>[CORO] 2x Parte IV</p> <p>El rey de León, El padre de Fernando, Se acabó .../ falleció ¡Oportunidad “pintando”! (surgiendo)</p> <p>Berenguela partió para negociación Salió del reino de Castilla hacia el reino de León, Ella quería a Fernando en otra coronación, Fernando con dos reinos, sólo con la unión.</p>
---	--

<p>[INTERLUDE] [Verso] - Parte II</p> <p>Los nobles de Castilla estaban dispuestos a “tretar” (pelear) Con intereses diferentes van a intentar derribar ... Los condes de Lara pertenecían a una familia poderosa, Querían el poder, tenían intereses, no tenía prosa. (conversa)</p> <p>Quien también entró en la pelea fue Alfonso IX de León, Hizo acuerdo con los Lara y partió con la espada en la mano, A pesar de ser padre de Fernando y ex de Berenguela, Este rey quería el trono del reino de Castilla.</p> <p>Berenguela intervino cuando los Lara fueron arrestados, Ella quería unos castillos, lo que los dejó sorprendidos, Además de las fortalezas les pidió lealtad, Esos nobles aceptaron pues querían libertad.</p> <p>[CORO] (1x)</p> <p>Reina Berenguela Reina de Castilla El rey es Fernando Quien gobierna es Berenguela Reina Berenguela Reina de Castilla Conflictos políticos? Pueden dejar con ella ...</p>	<p>Berenguela llegó para negociación, Mujeres reinas y sus reinos en la mano Gracias a su madre, Fernando fue campeón, Ahora es rey de Castilla y rey de León.</p> <p>Fernando tenía todo el gobierno en sus manos En los últimos años, Con la política interna en buena situación Él podía concentrarse en la lucha contra el Islam</p> <p>Córdoba y Sevilla fueron conquistadas, Ciudades importantes de la región ya citada ... Fernando tuvo éxito al ir conquistando, Eso sólo fue posible con su madre administrando</p> <p>Si no fuera la reina Berenguela ¿Qué habría sucedido con Castilla?</p> <p>En la historia no existe el "si" Los sujetos históricos hicieron que sucedieran, Esto también vale para mí y tú, Somos sujetos del mundo que es lo que todavía va a ser ...</p>
--	---

La presencia de acciones atribuidas a la reina en los versos de la canción resulta fundamental para presentar a los alumnos el papel que desempeñó como reina y agente de la historia. Tales hechos funcionarán como objetos, por medio de los cuales se elaborarán actividades educativas haciendo uso de recursos digitales. La meta es la creación de actividades interactivas que posibiliten a los estudiantes conocer algunos aspectos de la dinámica del poder y de la actuación de la reina Berenguela. Para ello, a partir de la canción, se pretende elaborar un video clip y una secuencia de actividades a ser desarrolladas con los alumnos en la clase, así como una guía para ayudar a los profesores a aplicarlo. Entre las actividades se encuentran conversaciones y discusiones referentes a cada verso. La idea es hacer uso de técnicas relativas a la aplicación del uso de la Filosofía en la clase haciendo que, de una parte, los alumnos empiecen a interrogar las informaciones que aparecen en los versos y, de otra, comiencen a buscar en los textos proporcionados por el profesor, respuestas a las preguntas planteadas. Para eso, junto al video clip habrá un folleto (digital) que contiene la traducción al portugués de pasajes contenidos en las crónicas relativas a las actuaciones de la reina y, también, fragmentos de obras de la historiografía que tratan de la temática, además de un conjunto de actividades.

La elaboración de materiales didácticos y objetos de aprendizaje que puedan ayudar a los profesores a enseñar temas relativos a la Historia Medieval es una necesidad. Por medio de la temática Berenguela I, además de ofrecer a las escuelas de enseñanza media material referente a la Historia Medieval, también será posible la realización de discusiones sobre otros temas tales como: el papel desempeñado por las mujeres en la Historia y las relaciones de poder. Con el desarrollo del material referido, se pretende ofrecer a los profesores de la Enseñanza Media un instrumento placentero de enseñanza, por medio del cual los alumnos puedan, con más interés, estudiar y reflexionar sobre el pasado.

4. BIBLIOGRAFÍA

CHARLO BREA, Luis. *Crónica Latina de los Reyes de Castilla*. Cádiz: Cádiz: Universidad de Cádiz, 1984.

DAVID, Célia Maria. *Música e Ensino de História*.

En: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46189/1/01d21t06.pdf>

(Fecha de consulta 22-III-2017).

GILBERTO GIL; CHICO BUARQUE. *Cálice*. En:

<https://www.youtube.com/watch?v=13SqV1IQ-TQ> (Fecha de consulta: 23-IV-2017).

LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia. *Barreto de. Coleção Proinfantil: módulo IV, unidade 4. Livro de estudo*, vol. 2. Brasília: MEC, 2006.

MAMONAS ASSASINAS. *Pelados em Santos*. En:

<https://www.youtube.com/watch?v=rmMj8UC5Mig> (Fecha de consulta: 20-IV-2017).

PRIMERA Crónica General de España. Que mandó componer Alfonso X, el Sabio y se continuaba bajo su hijo Sancho IV en 1289. MENENDEZ PIDAL, Ramón (ed.). Madrid: Gredos, 1955.

SALVADOR MARTÍNEZ, H. *Berenguela la Grande y su época (1180-1246)*. Madrid: Ediciones Polifemo, 2012. p. 561-575, 718-723.

SEIXAS, Raul. *Eu nasci há dez mil anos atrás*. En:

<https://www.youtube.com/watch?v=AQJi8EJuhMo> (Fecha de consulta: 23-IV-2017).

Thomás Carvalho Ribeiro es licenciado en Historia por la Universidad Federal de Alfenas, UNIFAL-MG (2015). Es Profesor de Enseñanza Media en escuelas de la Red Pública de Enseñanza y alumno del Programa de Maestría Profesional en Historia Ibérica de la Universidad Federal de Alfenas, UNIFAL-MG. También es cantante y compositor de poesías y canciones.

Adailson José Rui es licenciado en Historia por la Universidad Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1991), Maestro en Historia (1996) y Doctor en Historia (2003) por la misma Universidad. Actualmente es profesor de Historia Medieval de la Universidad Federal de Alfenas, UNIFAL-MG y Coordinador del Programa de Maestría Profesional en Historia Ibérica de la misma Universidad. Tiene experiencia en el área de Historia, con énfasis en Historia Ibérica. Sus principales líneas de investigación se centran en Edad Media, Castilla y Religión.